

MÁFIA
Cattalano
1

A man with a beard, wearing a dark suit and tie, is shown in profile, looking towards a woman. The woman has long dark hair and is wearing a black spaghetti-strap dress, a pearl necklace, and long pearl earrings. She is pointing her finger at the man's chest. They are in a close, intimate pose. The background is a dark, atmospheric image of a city at night, with a large domed building, possibly a cathedral, visible in the lower half. The overall tone is romantic and mysterious.

Meu
MAFIOSO
perigoso

BARBARA TOMAS



MÀFIA
Cattalano
1

Men
MAFIOSO
perigoso

BARBARA TOMAS



ÍNDICE

[AVISO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO 1 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 2 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 3 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 4 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 5 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 6 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 7 - DANTE](#)

[CAPÍTULO 8 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 9 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 10 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 11 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 12 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 13 - DANTE](#)

[CAPÍTULO 14 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 15 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 16 - DANTE](#)

[CAPÍTULO 17 - DANTE](#)

[CAPÍTULO 18 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 19 - DANTE](#)

[CAPÍTULO 20 - GIULIA](#)

[CAPÍTULO 21 - DANTE](#)

[EPÍLOGO – GABRIEL CATTALANO](#)

[AVALIAÇÕES](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[REDES SOCIAIS](#)



AVISO

Este livro é destinado a maiores de dezoito anos. Possui cenas de conteúdo sexual e violência. Pode causar desconforto a pessoas sensíveis.



DEDICATÓRIA

Para todas as leitoras, principalmente, para as ousadas que olham para o perigo cara a cara e sorriem.

~

*"Do fatal seio desses dois rivais, um par nasceu de
amantes desditosos, que em sua sepultura o ódio dos pais
depuseram, na morte venturosos."*

WILLIAM SHAKESPEARE



PREFÁCIO

Haviam garotas que fugiam do perigo, já eu, corria em direção a ele. Quando Dante chegou em minha vida, soube que era o homem mais perigoso de toda a Itália. Ao invés de correr de sua crueldade, eu sorri para ele. Não, Dante não chega em lugar algum, ele invade. Abre a porta com um chute e invade, como se fosse dono do lugar, com um sorriso perverso no rosto e com a arma em punho. Tudo em Dante beira a escuridão e ele se delicia com isso. Eu sou a herdeira de uma organização poderosa e ele também, seu ódio pela minha família era tão intenso quanto o meu orgulho por minha herança familiar. Eu tenho orgulho de ser filha de um homem de honra poderoso, filha do chefe da máfia que ele odeia. Nunca pensei que poderia me envolver tanto ao ponto de me apaixonar por Dante.

Minha ousadia o incendeia, seu rancor me inflama. Eu nunca quis ser a esposa de um mafioso cruel, ainda assim, foi inevitável não estar ao redor de todo o seu caos e não amá-lo.

Giulia

*"Do amor as leões asas me fizeram transoar o muro;
pois barreira alguma conseguirá deter do amor
o curso; tentando o amor tudo o que o amor realiza."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 1

O clima pesado toma a sala de leitura assim que o som dos gritos chega ao ambiente. Deveríamos estar acostumadas a isso, já que os homens de honra de meu pai costumavam trazer notícias que o deixam desse jeito.

Pego um livro qualquer da prateleira e me sento no sofá encostado na parede esquerda, o mais próximo possível da sala de reunião do meu pai. Quero descobrir o motivo de tal comoção.

Minha mãe me olha do outro lado da sala, ela é bastante parecida comigo. Tem olhos verdes marcantes, que se contrastam com o cabelo castanho, no mesmo tom do meu. A face angelical dela esconde um lado perverso. Era a máscara perfeita, a de mulher submissa, que fingia inocência e, com poucas palavras, inflamava todos com suas sugestões sutis. Fui ensinada a ser ardilosa, assim como ela. As mulheres na máfia conseguiam ser mais cruéis do que os homens, porque escondiam tudo muito bem.

Ao seu lado está minha melhor amiga, Sophia. Ela me dá um sorriso discreto e meneia com a cabeça, incentivando-me. Sophia é filha do Consigliere do meu pai, Mattia. Ela costuma acompanhá-lo nos dias de reunião do conselho.

Minha amiga é tão alta e isso se torna ainda mais notável ao lado da minha mãe, que é bastante baixinha. Sophia tem uma pele negra e olhos castanhos repuxados nos cantos, que se franzem quando ela sorri largamente. É tão linda quanto é sábia, é a única ali que realmente posso confiar, compartilhamos os mesmos medos de todas as mulheres

da máfia, ela e eu nos ajudamos para que tudo aquilo seja *menos* complicado.

Encosto minha cabeça na parede, fingindo usá-la para descansar durante a leitura e dou um sorriso angelical para minha mãe.

— Digam-me o que descobriram — meu pai ordena para seus homens dentro da sala de reunião.

— Tudo o que sabemos é que daqui a alguns minutos terá um baile de máscaras sensual em um dos clubes de sexo que fica em Palermo, Francesco. Descobrimos que o local está fazendo bastante sucesso. Podemos nos infiltrar e acabar com eles antes que tirem mais um de nossos clientes.

— Um baile de máscaras? — meu pai soa irritado. — Temos que manter a discrição, não vou mandar vocês para que isso termine em algo ainda mais chamativo para nós!

— *E vamos deixar que eles continuem fazendo o que quiserem?* Dante torturou e matou dois de nossos homens de honra mais eficientes. Até quando deixaremos isso acontecer?

Nenhum dos associados do meu pai jamais o questionavam. Aliás, ninguém fazia isso, porque todos nós sabíamos o que viria em seguida.

— Acha que sabe como resolver a situação melhor do que eu? — Meu pai pausa. — Tenho um plano para acabar de uma vez por todas com esse caos que a família Cattalano espalha por essa cidade. Este desejo de vingança de Dante Cattalano chegará ao fim. — Termina meu pai, com o tom impositivo. *Era sempre disso que se tratava: A família Cattalano.*

Solto um suspiro ao ouvir o sobrenome da organização. Antes de apurar meu ouvido novamente para ouvir mais.

— Jamais quis argumentar contra sua liderança, senhor Pellegrini. O que faremos?

Toda a máfia precisava manter seus negócios sob as sombras para não chamar a atenção da polícia e da população geral. Essa regra valia, inclusive, ao combater seus inimigos mais importantes. É improvável que eles compareçam a esta festa, já que seriam facilmente descobertos e acabariam em um banho de sangue.

A família Cattalano era a maior rival do meu pai, sua inimiga pessoal e dos seus negócios. A guerra entre os cartéis começara muito antes de eu nascer.

Meu pai, Francesco Pellegrini, é um dos mafiosos mais temidos de toda a Itália. A população o considera um autoritário, inflexível e um homem implacável. Estavam certos, é claro. Para mim, era o pai exigente, o que sustentava nossa família e o homem que rezava todas as noites conosco durante o jantar. Francesco era esse pai, até que os Cattalanos se viraram contra nós e ele mudou completamente.

No começo, a família Cattalano era uma pequena organização, não interferiam nos negócios do meu pai. Pelo menos, é o que meu pai diz. O patriarca do cartel rival, Tommaso Cattalano, mantinha-se longe das vistas de meu pai. No entanto, há quase dez anos atrás, acusaram meu pai de matar um dos seus filhos. Não havia qualquer cabimento naquela afirmação, mas a fama precedeu e todos na Sicília acham que meu pai matou Gabriel Cattalano, que estava prestes a se tornar sucessor de seu pai.

A família Cattalano era bastante diferente da minha, inclusive nos negócios. Meus pais tinham somente a mim, não conseguiram ter outros filhos. Já Tommaso e Teresa Cattalano, tiveram quatro filhos: Gabriel, Dante, Rafael e Ariella. Ouvi todos os boatos da cidade a respeito deles, sabia que Dante era o que assumiu como subchefe da máfia. É um

homem frio e rancoroso. Já os outros, eram gêmeos, ambos também eram perigosos. O que as pessoas diziam, era que eles espalhavam o caos onde passavam, não era uma máfia mais tradicional como a Pellegrini.

A rivalidade entre nossas famílias ficou mais forte há cinco anos, quando Gabriel foi assassinado. Tudo não passou de uma grande armação. Não que meu pai não fosse capaz de fazer isso, mas geralmente ele matava com algum motivo, sem necessidade de provocar algo sem estratégia.

Tudo isso foi causado por uma articulação de outras instituições. Havia um código entre todas as máfias, um que causou muitos problemas para nós. Se um inimigo matasse qualquer membro da organização rival, era obrigatório enviar uma coroa de flores no dia do sepultamento com o nome do grupo que reclamou a morte. Todos os homens de honra, de qualquer máfia, levavam isso a sério. Era uma tática de ataque aos inimigos e uma afronta direta ao grupo que sofria a perda. Nunca na história da Itália houve alguém que quebrou esse código, até aquele dia. Algum dos nossos inimigos, mandou uma coroa de flores em nosso sobrenome, o que os levou a acreditar que éramos responsáveis por aquilo.

Meu pai declarou uma guerra contra os Cattalanos ao descobrir que o acusaram de algo que não fez. Mancharam o sobrenome de nossa família perante a sociedade, retiraram toda a discrição dos nossos negócios. Os Cattalanos jamais acreditaram em meu pai, que negou o assassinato. A nossa instituição era respeitável, não havia cabimento termos assassinado alguém que mal havia feito o juramento a máfia, um homem de pouco mais de vinte e cinco anos e que ainda não tinha assumido nada.

Claro que toda a Itália se virou contra nós quando tudo veio à tona, os noticiários não falavam de outra coisa... era uma quebra nos negócios do meu pai. Algo nunca visto antes. A condição da terrível morte do homem foi vista como excessivamente violenta e tornou meu pai o maior monstro da história da Itália.

Ouçõ mais alguns detalhes sobre a festa e dou um sorriso travesso para minha mãe, indo até o outro lado da sala. Claro que ela me fuzila com os olhos ao ver que estou andando rápido demais.

— *Tenha modos, menina! Ande devagar!* — ela me repreende baixo e eu aceno com a cabeça, diminuindo o passo.

Seguro a vontade de revirar os olhos e concordo com um gesto. Estava tão cansada de fingir.

A família Pellegrini era tão tradicional que as mulheres tinham que ter um comportamento exemplar, cuidadosamente calculado. Era irritante. Minha mãe me repreendia o tempo inteiro porque eu era um pouco *diferente* do que eles gostariam. Eu tenho vinte e dois anos e ela age como se eu ainda fosse uma criança que não sabe se comportar em nossa casa.

— Me diga o que ouviu — exige, olhando-me de um jeito esquisito.

— Eles falaram que há uma festa em um dos clubes da família Cattalanos. Você acha que deve ser boa? — pergunto, para provocá-la.

Inclino o corpo para a frente com um sorriso no rosto. O olhar de minha mãe muda de conspiratório para irritado em um segundo, ela me estuda atentamente antes de dizer:

— Giulia Pellegrini, jamais vá até qualquer um dos negócios dos Cattalanos. É perigoso. — Aceno automaticamente.

Silvia Pellegrini quase nunca dizia o que eu não deveria fazer. Era assertiva e, eu suspeitava, que sabia que costumo fazer justamente o oposto do que me pede, por isso, desconfio do sorriso que brota nos cantos de sua boca. Como se ela tramasse algo.

Eu amo meus pais mais do que qualquer coisa. Algumas vezes me incomoda o modo que eles lidam com algumas situações ou que tentam usar táticas psicológicas com as pessoas. Torcia para que nunca fizessem isso comigo e, mesmo assim, jamais conseguiria imaginar minha vida sem a presença deles.

Peço licença para minha mãe e gesticulo para que Sophia me acompanhe. Ando apressada pelos corredores, ciente que os empregados devem contar isso para meus pais.

A propriedade da nossa família era enorme. Paredes de arabesco e colunas de gesso davam um ar clássico ao ambiente. Eu detestava aquele lugar, cada excesso de tradição por trás de cada objeto decorativo, sentia que tudo ali era arcaico e imutável.

Assim que chegamos em meu quarto, fecho a porta, ignorando o segurança do lado de fora.

Viro com um sorriso travesso para minha amiga, antes de abrir a porta de um dos armários.

— Terá uma festa de máscaras em um dos clubes da família Cattalano. Nós temos que ir até lá! — exclamo, ao revirar os armários, antes de olhar para ela.

Os olhos de Sophia saem das órbitas, enquanto eu, dou uma risada. Minha amiga se senta na ponta da minha cama, incrédula com meus planos.

— *Você só pode estar de brincadeira!* Ir até um dos clubes é...uma loucura, até mesmo para você, Giulia. — Ela solta um suspiro. — Sei

que gosta de viver intensamente, mas isso é maluquice. Se algum dos Cattalanos reconhecer você, te matará na hora.

— *Eu deveria ter medo dos Cattalanos?* — Dou um olhar desafiador para ela. — O que devo fazer então? Aceitar que em no máximo alguns meses meu pai me venderá para um dos seus homens como se eu fosse uma mercadoria? Me casar com um mafioso cruel e transar com ele e fingir que gosto? — argumento, alto demais.

Os olhos de Sophia ficam tristes. Minha amiga me encara um segundo, antes de deitar com as costas na cama.

Esse é o nosso destino. Nos casar com algum mafioso e ser a esposa troféu que aceita tudo de bom grado. Precisaremos fingir a vida inteira que somos as mocinhas submissas que eles precisam que a gente seja.

— Isso é diferente! Eles querem se vingar da sua família... e você vai até um dos clubes como uma lebre indo em direção ao lobo. Será morta assim que alguém te ver e eu não farei parte disso. Uma coisa é você gostar do perigo, Giulia. Outra bem diferente, *é ser suicida!*

— Ouviu o que eu disse? *Vai ser um baile de máscaras*, eles nem saberão que somos nós! A única oportunidade que teremos de...— *sermos nós mesmas*, completo em pensamento.

Sophia abre os olhos e me encara. Minhas palavras têm efeito sobre ela e vejo que quer ir tanto quanto eu. Era nossa chance de viver um pouco. Jamais haveria outra oportunidade como essa.

Em breve, caminharíamos para o altar e seríamos de um dos homens de meu pai. Se ela não aceitasse, eu iria de qualquer maneira.

— Não podemos mais nos arriscar desse jeito, se meu pai descobrir que fui até lá, me mandará para o outro lado do mundo até eu me casar. Vai ser... a última vez que faremos isso.

Dou alguns gritinhos de comemoração, antes de pular sobre ela.

Aquela festa será minha despedida e eu aproveitarei cada segundo dela. O perigo de ir até um dos clubes Cattalanos, era ainda mais divertido do que amedrontador. Essa noite, eu faria tudo o que quisesse e, principalmente, seria *quem eu quisesse*. A noite prometia diversão ou um banho de sangue, era tentador demais. Algo assim era impossível de ignorar para garotas como eu.



Escolho um vestido preto e uma máscara da mesma cor. É feito de um tecido brilhante, adere perfeitamente ao meu corpo, evidenciando minhas leves curvas. Tem um decote nas costas em formato de U, que me deixa mais sensual. Meu cabelo castanho cai em uma cascata leve sobre meus ombros, evidenciando o decote do vestido na parte da frente.

Desenho uma linha com o delineador sobre a pálpebra, para destacar ainda mais meus olhos e faço o mesmo do outro lado. Depois disso, passo um batom rosa claro nos lábios e arrumo novamente o decote.

— Ande logo, Giulia! A reunião vai acabar em breve! — Sophia olha para a janela. — Depois que eles saírem, não teremos outra chance.

Geralmente, após as reuniões, nossos pais iam até seus galpões para supervisionar as coisas e retornavam durante a madrugada. O pai de Sophia dificilmente a deixava dormir aqui e retornava por volta das quatro da manhã para que ela o acompanhasse.

Empresto um vestido para ela, é vermelho e o tom destaca seu rosto. Sophia deixa seus cachos soltos e dá um sorriso para mim através do espelho.

A única coisa que não conseguimos compartilhar são os sapatos, porque os pés dela são maiores do que os meus, então ela vai com seu sapato baixinho.

— Terminei — digo, ao conferir minha imagem no espelho mais uma vez.

Pego uma sapatilha e coloco-a no pé, antes de colocar meu salto agulha na bolsa.

— Pronta?

— Vamos descer logo.

Ao lado da janela do meu quarto, há uma escada de emergência. Meu pai confia demais em mim para se incomodar em retirá-la, afinal, *que garota teria a ousadia de fugir de alguma das propriedades da máfia?*

Passo a primeira perna pelo batente da janela e confiro mais uma vez o andar de baixo para ter certeza que nenhum dos homens de meu pai estão ali, antes de pousar a ponta do meu pé na escada e impulsionar meu corpo para o lado de fora.

Seguro firme a escada e dou minha mão para Sophia, que me dá um sorriso travesso antes de aceitá-la. Gosto que minha amiga seja tão louca quanto eu para fazer isso. Eu amava isso nela. Claro que ela era mais sensata e mais cuidadosa do que eu, já que tinha muito medo da reação do seu pai. Já eu, me sentia ainda mais propensa a fazer tudo isso em busca de diversão.

Começo a descer as escadas com cuidado, sentindo a brisa gelada nas minhas costas, como se fosse um aviso para eu voltar para casa. *Não voltarei.*

— Giulia, tem certeza? — Sophia pergunta, do alto da escada.

— Se acalma e fica quieta. Eles podem ouvir! — sussurro para ela, ciente que se algum dos homens nos ver, teremos sorte de estar encrencadas, ao invés de mortas.

Assim que meus pés pousam na grama do jardim, começo a correr para debaixo das árvores. Sophia segue meus passos também com cuidado para ficar sob as sombras.

O lado bom dela não ser filha do chefe, é que tem mais liberdade do que eu e consegue ter uma vida um pouco mais *"normal"*. Às vezes, sinto um pouco de inveja disso. Ela pode sair no próprio carro e até mesmo fazer compras sem nenhum dos homens em seu encalço.

Abro o portão da frente devagar, mesmo sabendo que dificilmente alguém conseguiria ouvir o som do ferro ranger de dentro da casa. Seguro o portão para Sophia passar, antes de fechá-lo atrás de mim e voltar a correr.

O pai de Sophia lhe deu um carro exatamente igual ao de todos da famiglia, um Mercedes AMG preto. Todos os carros estacionados na calçada e no nosso estacionamento são exatamente idênticos, então isso faz com que a gente consiga sair sem sermos notadas.

Ao dar partida no carro, Sophia liga o som e começa a cantarolar animada.

A adrenalina ainda corre em minhas veias pelo que estamos fazendo e eu dou um olhar cúmplice para ela enquanto vamos em direção ao centro de Palermo além da velocidade permitida.

Há ingênuos na Itália que pensam que quem manda são os oficiais do governo, isso é um grande engano. As verdadeiras autoridades são os homens de honra, os mafiosos impiedosos que cuidam de tudo sob a sombra de todas as falsas instituições.

Não precisamos dirigir na velocidade permitida, porque quem manda somos nós. Não nos submetemos às leis, criamos as nossas. Não nos enganamos com uma falsa sensação de bondade, somos todos cruéis e temos sangue nas mãos.

— Estou me sentindo a Cinderela indo para o baile escondida. Exceto que ela não tinha chance de acabar morta, *já nós duas...* — minha amiga brinca, olhando para mim ao avançar no sinal vermelho. — Será que encontraremos nossos príncipes?

— A cinderela jamais iria em uma festa em um clube de sexo, amiga. Ela era chata demais para fazer algo assim. — Estalo a língua com desdém. — Quero mesmo encontrar o lobo mau – brinco, ao receber um olhar divertido dela.

Visto a máscara no rosto e confiro a imagem no espelho retrovisor, rindo da comparação de Sophia. Não éramos as mocinhas da história. Nos casaríamos com os vilões, assim como nós éramos. Havia pouco espaço para o amor verdadeiro que vemos na ficção. Por isso, quero aproveitar tudo antes que tenha que me casar e aceitar meu futuro ao lado de um dos antagonistas.

Hoje posso ser eu mesma e farei o que eu quiser, repito para mim mesma.

— Até onde vamos essa noite? Não podemos fazer nada definitivo — ela pergunta, com um tom mais sério.

— Relaxa, permaneceremos virgens. — Pauso e olho para ela. — *Se der.*

— Não tem graça, Giulia, vamos nos divertir sem dar motivo para o seu pai nos matar depois. Ele me assusta.

Solto um suspiro quando ela termina a frase. Claro que meu pai a assustava.

— Se ele descobrir, eu assumo a culpa, fique tranquila. Sobre a virgindade, ainda não tenho certeza.

Cantarolo a música, sentindo o olhar preocupado dela me queimar. Sophia entende o meu dilema, porque vive o mesmo que eu. A escolha sobre nossos parceiros nunca foi nossa. A primeira vez de uma mulher da máfia, era com seu marido e ponto final. Nada em nossas vidas tinha uma escolha.

— E vamos fazer o quê? Transar no banheiro do clube com um cara qualquer? — Sophia me dá um olhar preocupado.

— Faremos o que quisermos – digo para encerrar o assunto.

Eu ainda não havia decidido até onde iria e Sophia parecia pensar o oposto. Ela me dá um sorriso fraco, já eu, devolvo um sorriso travesso para ela.

Só havia uma saída das regras da máfia: a morte. Tínhamos que seguir o roteiro, senão, tudo poderia acabar muito mal. Mas, eu não era uma boa garota que seguia as regras. Eu me deliciava justamente em fazer o oposto. Eu era uma garota malvada e tinha sangue nas mãos. As regras de hoje, eu que ditaria.

Giulia

*"Como do amor a inimidade me arde! Desconhecido
e casado muito tarde. Como esse monstro,
o amor brinca comigo: apaixonada ver-me do
inimigo!"*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 2

A festa está lotada. Eu estava certa. Dificilmente algum Cattalano conseguiria me reconhecer ali, principalmente com uma máscara rendada no rosto. Mesmo assim, meu coração está acelerado a cada passo que me aproximo da gigantesca porta de madeira polida.

Os seguranças estão na porta, vestidos de terno e gravata. Todos eles têm uma expressão séria presa em seus rostos.

Eles me olham atentamente ao conferir minha identidade falsificada. Finjo cara de paisagem enquanto fazem isso.

— Olha o tamanho desses homens. Levaria eles para o meu quarto — zombo. Sophia tosse uma gargalhada ao ouvir minhas palavras, principalmente ao me ver piscar para eles.

— Para com isso, garota. Nem parece uma virgem! Se continuar assediando os seguranças desse jeito, nem vão nos deixar entrar. — Ela me dá um olhar. — São bonitos, não é? — pergunta baixo.

Eu estava de brincadeira. Dificilmente um homem chamava minha atenção ao ponto de flertar. As imposições de meus pais não ajudavam, é claro. Na frente deles, eu precisava ser a garota exemplar, tinha que viver fingindo ser a mulher recatada e cordial que eles gostariam que eu fosse.

Um dos seguranças vira o rosto em minha direção. Ele permanece sério e acena com o queixo para que eu entre.

Meu vestido oferece pouco para afugentar o frio da noite, assim que meus pés pousam na entrada da festa, meus pelos se arrepiam. Todas as pessoas na rua estavam de máscaras, assim como eu, que

escolhi uma máscara rendada que me deixou bastante sensual. Me sinto uma mocinha de um romance erótico indo em direção ao dominador.

Subo as escadas logo depois de Sophia, que olha para todos os homens como se eles fossem comestíveis. Já eu, estou com a adrenalina a todo vapor e presto atenção a cada homem tatuado que vejo.

O ritual de iniciação dos Cattalanos começa com uma tatuagem brasão da família no peito. Depois disso, iam recebendo mais tatuagens que tinham alguns significados para eles. Os mais perigosos, eram sempre os mais tatuados, por isso, preciso prestar atenção em quem chega perto de mim e se possuem algum desenho no corpo.

Já na minha família, o ritual era mais dramático, como todos os Pellegrinis. Era preciso segurar o brasão quente com o emblema da família, até que ele estivesse totalmente frio, o que deixava uma marca nas mãos dos iniciados. Como disse, dramático.

Uma mulher vestida de terno e gravata pega nossos telefones e de todos que passam para a segunda entrada. Câmeras eram totalmente proibidas ali, penso que deveriam ter pessoas influentes para que tivessem esse tipo de regra. Para mim é ainda melhor que seja assim, então entrego o celular para ela prontamente. Em troca, recebo uma chave que não sei para que serve.

A primeira coisa que chama minha atenção ao entrar é a sofisticação do local. O ambiente é escuro, onde colunas de ouro se destacam. No canto esquerdo, há um bar, onde as pessoas esperam por suas bebidas e conversam umas com as outras. E, do outro lado, há duas escadas guardadas por seguranças, com correntes de ouro que impedem a entrada de clientes.

Se não conhecesse o local, diria que parece uma balada de luxo comum, exceto pelas dançarinas de pole dance que giram ao redor de uma barra de ferro. Todas elas estão vestidas somente de lingerie. Homens e mulheres param para admirá-las, enquanto eu fico boquiaberta quando uma delas retira a calcinha e fica totalmente nua. Ela dança no ritmo da música sensual, até que dois dançarinos se juntam a ela.

Desvio o olhar deles, com as bochechas quentes e presto atenção em Sophia, que parece conhecer muitas pessoas ali, principalmente do sexo masculino. Ela até tenta me enturmar, mas prefiro prestar atenção no lugar peculiar.

Meu pai nunca deixou que eu pisasse nem mesmo nos clubes da nossa família. Se descobrisse que estou em um local como esse, provavelmente me mataria.

Decido ir até o bar e deixo Sophia ter privacidade com um amigo chamado Vincenzo. Ambos flertam entre si desde o primeiro cumprimento. Então, saio diante do clima esquisito. Sei que minha amiga é brincalhona, mas é sensata, e aquilo não passará disso.

O ambiente é tão envolvente, que vou sentindo meus hormônios ficando cada vez mais à flor da pele, na medida em que a música sensual retumba em meus ouvidos cada vez mais alto.

Peço uma bebida para o barman e sinto algo atrair meu olhar para o andar superior, como se alguém estivesse me olhando. Uma fagulha de eletricidade percorre meu corpo ao ver o homem que desce pelas escadas.

Seus olhos azuis enormes estão cravados em mim, sem desviar em momento algum. Ele desce os degraus com os ombros erguidos.

Tem uma postura confiante e imponente. O homem não para de me olhar, mesmo que aquilo não fosse educado.

O desconhecido está com uma máscara toda preta no rosto, o que destaca seu maxilar bem desenhado e o queixo com uma covinha marcante. Um terno de alfaiataria preto o envolve perfeitamente, de modo que evidencia seu corpo atlético. Feito sob medida para ele, presumo.

O barman me chama, entregando-me a bebida. Aceito e aproveito a interrupção para desviar do olhar intenso do homem. Há algo fascinante em seu rosto, um ar misterioso, quase sombrio em seu olhar.

Bebo um gole farto do meu “*Sex on the beach*”, sentindo o olhar dele queimar minhas costas. A bebida doce e levemente azeda, é como um alívio para diminuir a adrenalina que percorre meu corpo. Bebo mais um gole e fecho meus olhos sentindo a excitação da música e do ambiente tomar conta de mim.

— *Giulia Pellegrini...* — Uma voz aveludada sussurra em meus ouvidos. Meu coração bate forte ao ouvir meu nome tanto quanto a sensação de calor ao sentir sua proximidade. — Venha comigo.

Viro minha cabeça lentamente, sentindo meu corpo esquentar ao ver o homem das escadas me identificar, mesmo com máscara.

O perigo faz com que minha pulsação aumente e eu fico ainda mais excitada. Dou um sorriso intransigente para ele.

— Me confundiu com outra pessoa, sinto muito.

Levanto meu queixo em desafio e encaro seus intensos olhos azuis sem hesitar.

— Virá comigo ou terei que levá-la no meu ombro? Acredite, quer fazer o que eu mando.

— Isso é uma ameaça? — Dou uma gargalhada, debochada e ignoro a ordem dele.

Passo com o queixo erguido em desafio e ando lentamente com a bebida em minhas mãos.

Eu não acato nem as ordens do meu pai, um dos homens mais cruéis da Itália, não será um completo desconhecido que irá me intimidar. Não vi nenhuma tatuagem aparente nele, então sei que é só... um grande mistério.

Os braços dele estão ao redor das minhas pernas antes que eu dê três passos. Sinto o vento nas minhas coxas, antes de ele, literalmente, me colocar sobre os ombros com facilidade.

Um segurança pega o copo da minha mão para que eu não o use como arma.

— Me solta, seu babaca. — Bato com minhas mãos em suas costas e ele me ignora. — *Sabe quem eu sou e o que vai acontecer com você se não me soltar?*

— *Eu vou pagar pra ver* — debocha ele, ainda comigo nos braços.

As pessoas nem mesmo olham na direção dele, como se aquilo fosse corriqueiro. Viro a cabeça e pego alguns homens olhando direto para o meio das minhas pernas.

— Sério, estou de vestido e sem calcinha! Tenho que ir andando — argumento. Com isso, ele ao menos para.

As mãos livres do homem passam pela lateral do meu quadril para ver se falo a verdade sobre a minha falta de lingerie. Um calor percorre meu corpo ao sentir suas mãos pesadas me tocarem.

Assim que descobre que não minto, solta um grunhido e me coloca no chão.

É um erro de moda vestir algo justo com a calcinha marcando, como não costumo vestir algo assim, tive que improvisar. Eu sabia de cada regra de etiqueta, graças às milhões de aulas que minha mãe pagou para que tentasse me fazer ser *“uma dama de honra delicada”*. *Eu odiava cada aula.*

— Se não vier comigo, vou levá-la nos ombros, não importa o que esteja vestindo.

As pessoas dançam ao nosso redor, como se fosse totalmente normal esse tipo de interação ali.

O homem está com a mão virada, indicando para onde devo segui-lo. Dou um sorriso e, para irritá-lo, começo a dançar no ritmo da música.

Quando as luzes passam por ele, noto uma tatuagem tribal em seu pescoço. Quase tenho medo, ao constatar isso. Quase. Pode ser um Cattalano. Mas, se é para morrer, não morrerei sem aproveitar.

O choque toma conta do seu rosto quando rebolo há poucos passos dele e ignoro totalmente sua presença. Um brilho de luxúria toca seu olhar por um segundo ao olhar para mim, logo é substituído por um olhar sombrio.

Fecho meus olhos e deixo a música sensual tomar conta de mim. Quando penso em provocá-lo ainda mais e levanto minhas mãos para passar pelo seu corpo enquanto danço – também para ver se está com alguma arma –, sinto-me de volta ao ar.

— *Quer me colocar no chão? Estou de vestido!* — repito o mesmo argumento, ciente que serei ignorada dessa vez.

— Então, que aproveitem o show. Eu avisei que te pegaria se não viesse comigo — ele diz com um tom irritado.

O homem começa a subir as escadas do clube, para longe dos convidados e eu começo a ficar com raiva.

Bato com as mãos em punho em suas costas e ele me dá um tapa na bunda em resposta. Não é doloroso, mas firme e territorial. *Babaca*.

A música começa a ficar distante e eu olho para baixo, ciente que me meti em grandes problemas.



O homem me solta assim que chegamos no andar superior. No segundo andar, o som predominante é o dos gemidos, apesar de uma música continuar tocando baixinho, quase inaudível.

É um corredor longínquo, com paredes feitas de vidro e uma sacada que dá para o andar inferior. Há diversas portas ali, onde imagino que as pessoas estão.

Ele ainda parece irritado, assim como eu. Apesar da irritação, sinto meu corpo responder aos sons que saem das salas fechadas, enquanto o sigo a contragosto pelo corredor.

— Decidiu cooperar? — Sua voz está rouca.

Ao que presumo, o som das pessoas também o afeta, apesar do rosto irritado, consigo ver suas pupilas dilatarem ao prestar atenção.

— Está me levando para um desses quartos?

Nossos olhos se encontram e meu corpo reage a forma intensa que me olha.

— É isso que quer, Giulia Pellegrini? — Ele ergue a sobrancelha para mim. — O perigo te excita?

— Deveria? Você é perigoso? — rebato, no mesmo tom. — Já disse que não sou essa tal de Giulia.

Uma sombra de sorriso ultrapassa por seus lábios, mas é pequena demais.

— Descobrirá em breve para onde te levarei.

A ameaça velada dele me faz rolar os olhos. Cantarolo a música que reconheço baixinho e ele solta um suspiro de irritação, antes de voltar a andar. Eu o sigo.

Ele deve estar acostumado a todos temerem ele ou acatarem suas ordens, já que fica tão surpreso e irritado quando eu não faço isso. Estou acostumada a pessoas perigosas, apesar de sentir um ar cruel emanando dele, é como um banho morno perto do que já vi.

O homem me leva até uma sala com paredes de vidro temperados ao final do corredor que presumo que dão para ver a danceteria, não tenho certeza, já que o vidro é escuro demais para que eu veja o que há em seu interior. Ao entrar, vejo que estou certa. Parece quase um escritório comum, exceto pelas armas ao lado da mesa de mogno.

— Você parecia mais legal quando pensei que me levaria para um dos quartos — debocho, sentando-me em cima de sua mesa.

— Acha que eu me envolveria com uma Pellegrini? — Ele me olha irritado, vê que me sentei em sua mesa e, sem se abater, senta em sua cadeira próximo demais de mim. — E você parecia mais legal quando achava que seria a filhinha do mafioso indefesa e ingênua que eu torturaria.

Cruzo minhas pernas, trocando um olhar com ele e dou um sorriso debochado.

— *Te decepcionei?* — pergunto, inclinando-me perto de seu ouvido.

— Uma Pellegrini jamais teria uma expectativa alta em relação a mim para se tornar uma decepção.

— Ah! Entendi. Então, *minha família* te decepcionou?

Uma onda de ira passa por seus olhos, deixando-os totalmente pretos. Estamos tão próximos, que consigo ver o movimento de sua pupila e seu pomo de adão subir e descer. O homem parece ter se lembrado de algo, como se estivesse se distraído por algum tempo. Seu rosto fica sombrio e vejo seu olhar recair para a arma.

— Vim aqui para dançar, não para fazer uma sessão de terapia — digo, ao ver a reação dele ao falar de minha família. Sem dúvida, meu pai ou um dos seus soldados fez algo contra ele.

— Você não tem medo da morte? — Ele arruma sua postura na cadeira, com um tom sério.

— Como disse, vim para dançar e me divertir. Isso *não está* divertido. Então, se vai me matar, faça logo.

— Me pergunto se teme a morte de alguém da sua família?

Pela primeira vez, uma sensação gelada percorre minhas veias. Minha mão treme, então fecho-a em punho ao lado do corpo.

— Decepcionou bastante, então — digo, me referindo a minha pergunta a ele. — Seu nome é?

Meu pai fala tanto da família Cattalano, mesmo assim, eu nunca quis saber a aparência deles. Este homem parece ser somente um pouco mais velho que eu, não ao ponto de ser o chefe da máfia.

A minha pulsação aumenta na medida que vejo a raiva em seus olhos quando fala da minha família. Sem dúvida, era um Cattalano, mas não sabia se era parente direto ou algum soldado que faz o trabalho sujo em nome de seu Capo.

— Meu nome é Dante. Agora, me diga, Giulia... *onde está seu pai?*

— Ele olha para minha expressão, vendo o medo estampado em meu rosto. — *Acabou o deboche e as piadinhas?*

— É isso que você quer? Tem certeza que não quer ir para um dos quartos e nos poupar dessa conversa que não dará em nada?

Dante se levanta da cadeira e fica de frente para mim. Continuo sentada na mesa, apesar da proximidade dele me intimidar. Levanto o queixo, fingindo que não me atinge.

De repente, suas mãos pegam o cabelo da minha nuca, prendendo meu olhar no dele. Ele ergue minha cabeça levemente e se aproxima como se fosse me beijar.

Meu coração salta pela boca. Dante fica quase a um palmo de meus lábios e olha em meus olhos:

— É isso que você quer? Que eu foda você bem forte em um dos quartos? — Seus olhos caem sobre meus lábios. — *Foi para isso que veio aqui, Giulia? Foder com o inimigo?*

Involuntariamente, um gemido escapa de meus lábios. As palavras dele, ditas de forma firme e quase dura, fazem com que meu corpo reaja. Estou tão excitada, que fico sem palavras e o espero tomar a iniciativa.

— Como eu disse – ele ri. — Eu jamais me envolveria com uma Pellegrini. — Dante me olha mais uma vez antes de se sentar.

A respiração dele está tão pesada e curta quanto a minha. Noto que o afetei também e meus olhos recaem para o meio de suas pernas,

onde encontro um volume bastante considerável ali.

— Disse que jamais se envolveria, isso não quer dizer que *não deseja*. — Os dedos de Dante batem levemente sobre sua perna, é a primeira demonstração de raiva dele. — Suas pupilas estão dilatadas, então... se não é um usuário de heroína, significa que se sente atraído por mim. Toda vez que seus olhos escurecem, seus dedos batem levemente, o que demonstra que não gosta de se sentir assim. Então, está mentindo quando diz que não se envolveria comigo. Você está atraído e odeia se sentir assim.

Dante me olha profundamente, há tanto um tom sombrio em seu rosto quanto desejo. Espero que esteja conseguindo distraí-lo.

— Está errada. — Ele desvia o olhar por um segundo, antes de voltar seus olhos para mim. — Há somente uma pessoa nesta sala que se sente excitada. Percebo pela maneira que morde os lábios, como faz agora... ou como inclina seu corpo em minha direção. Se há alguém aqui que se sente atraída, é você.

Fico em silêncio, sem saber o que dizer.

— Há diversas formas de tirar a verdade de você, Giulia Pellegrini.

— *É mesmo?* Acho improvável.

— Diga onde está seu pai que te deixo ir embora — ordena ele, com o olhar fixo em mim.

A mudança de assunto dele tem o efeito esperado. O medo faz com que eu reaja de maneira imprevisível. Talvez por conviver com perigos demais por causa de minha família, coisas que afetariam pessoas normais, dificilmente me afetam. Já a menção a minha família, me faz agir rápido.

Dou um pulo de sua mesa e corro até a porta o mais rápido que posso. O salto não ajuda em nada minha tarefa. Abro a porta, quando ouço os passos dele apressados atrás de mim.

Viro a cabeça para olhar para ele e vejo que está perto demais, quase dois metros ao alcance de me pegar. Ainda falta bastante espaço pelo corredor. Para conseguir fugir, preciso ser mais rápida, mas não posso parar para tirar a sandália.

De repente, Dante segura meu braço e me puxa rápido demais. Meu corpo inteiro gruda no dele com o movimento brusco. Nossos olhares se encontram por quase três segundos. Dante inclina sua cabeça, olhando-me intensamente por alguns segundos, antes de devorar meus lábios na mesma intensidade.

Giulia



*"Meu inimigo é apenas o teu nome.
Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio
tu não fosses."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 3

Os lábios de Dante devoram os meus com uma força quase dolorosa. Sua língua entra em minha boca com intensidade, desencadeando um choque no meio das minhas pernas. Suas mãos espalmam em minha bunda, puxando-me contra ele. Sinto seu membro duro encostar em minha barriga e, em resposta, puxo levemente o cabelo de sua nuca.

Dante solta um grunhido em minha boca e puxa meus lábios com os dentes. Os gemidos do corredor fazem com que tudo fique ainda mais intenso, aumentando todas as sensações em um nível que quase o quero ali mesmo. Nunca me senti tão viva como agora. Ele começa a me levantar para me levar para o quarto, quando minha consciência volta. Esqueci completamente de onde estou e, o mais importante, *com quem* estou.

Acerto um chute no meio de suas pernas e volto a correr. A surpresa faz com que ele demore alguns segundos para me seguir. Desço as escadas correndo e arrisco um olhar para cima. Dante está totalmente parado, olhando diretamente para mim.

A confusão por tudo o que aconteceu, a ira dele pela minha família e o beijo intenso parecem tê-lo afetado tanto quanto a mim. Seus olhos parecem quase... perdidos? Não perco tempo para olhar mais, apesar de desejar isso. Dou um sorriso para ele, somente para desafiá-lo, antes de voltar a correr sem parar.

Viro a cabeça em todas as direções à procura de Sophia. Não a encontro. Continuo correndo para o lado de fora, decidida a fugir dali e esperá-la escondida, onde ele não conseguirá me encontrar. Eu fui além

de quebrar uma das regras. Aquele erro era fatal. Se qualquer pessoa descobrisse o que Dante e eu fizemos, estaríamos mortos.

Meu coração bate sem parar ao chegar na entrada do clube. A mulher da entrada e os seguranças continuam ali, atendendo a todos que entram e saem da balada.

Já deu tempo o suficiente para Dante avisá-los para virem até mim, então sei que dificilmente conseguirei sair, a não ser que ele não queira que ninguém saiba o que aconteceu, assim como eu. Claro que essa era uma grande possibilidade, já que isso faria com que ele fosse morto, mas isso não me deixa confiante ao passar pelos seguranças apressada.

Os homens de terno olham para mim e continuam seu trabalho, como se nada tivesse acontecido, então sei que esse será meu segredo e de Dante. Bem, pelo menos é isso que penso antes de ver a van preta que chega rápido na rua.

A adrenalina percorre minhas veias quando me preparo para correr. Os homens de Dante sacam suas armas assim que a van para em frente ao clube e começam a atirar.

Nada daquilo faz sentido. Mas, não tenho muito tempo para pensar a respeito, já que quatro encapuzados deixam o veículo, cada um com duas armas nas mãos. Estou no meio do fogo cruzado e preciso fazer alguma coisa. Coloco as mãos na cabeça e corro abaixada até a calçada.

Sinto as mãos de um dos homens em minha cabeça. Antes que eu consiga sair da calçada, ele coloca um capuz preto em mim e me carrega com facilidade. Golpeio o homem com o que posso, dando socos em sua cabeça para que me solte, em vão. O homem continua a me carregar, mesmo com os tiros soando atrás de nós e sob meus golpes.

Ele me joga dentro da van antes de pular em cima de mim. Ouço o som da porta se fechando. Dou um chute onde acho que está o meio de suas pernas, mas erro.

— Giulia, pare de me bater! — Uma voz conhecida soa de dentro do carro.

Meu coração bate sem parar ao reconhecer aquela voz. É pior do que pensei. Se fossem um dos inimigos do meu pai, seria uma morte melhor.

— Mattia? — pergunto, com o coração acelerado.

Mattia Romano é o homem mais mortal que faz parte da *famiglia*. Um matador insensível e implacável. O pai de Sophia, era totalmente diferente de sua doce filha, era tão cruel quanto o diabo.

— No que você enfiou minha filha, *sua infame*? — ele diz, com a voz fria. Apesar de suas palavras terem emoções, ele não as tem. — Seu pai deveria ter te dado uma lição antes que você colocasse o nome de nossa família na lama.

Não havia xingamento pior do que ser chamado de '*infame*' para qualquer um dentro da máfia. A pior desonra que alguém poderia ter, era trair sua família e foi isso que deixou claro sobre o que pensava sobre mim.

Meu pai sempre mandava Mattia quando tinha que fazer o trabalho sujo. Sabia que em breve estaria morta. Essa constatação não me dá medo, já a traição do meu pai, me atinge como uma facada no coração.

Sabia que eu tinha passado dos limites ao ir ao clube Cattalano, no entanto, nunca pensei que meu pai seria capaz de mandar um de seus capos atrás de mim para me matar, de verdade.

— Só seja rápido — peço, com a voz falha. — Peça desculpas a minha mãe... diga que a amo — soluço.

Mattia permanece calado, enquanto a van corre pelas ruas, rápido demais.

Pela primeira vez, percebo que eu tinha esperança de fugir de um futuro casamento arranjado. Tudo que eu queria era poder escolher quem amaria, viver a vida do meu próprio jeito e de acordo com minhas próprias regras. Eu tenho vinte e dois anos e não aceito a morte como uma opção. No entanto, essa era mais uma escolha que não teria poder de mudar.

O carro se desacelera, anunciando que chegamos ao destino. Sei tudo o que irá acontecer. Serei levada para o quarto preto, onde darei meu último suspiro.

— Anda, saia do carro — Mattia ordena e me arranca do chão pelo braço.

— Não farei isso.

Puxo meu braço com raiva e dou uma cotovelada nele. Mattia reage e puxa meu cabelo com força, levando-me para fora do veículo.

Na família Pellegrini, o tratamento com as mulheres era cruel e desigual. Por meu erro, sei que não sou mais considerada parte da família e que isso piorará tudo ainda mais. Meu fim não será bonito.

Ainda sob protestos, sou levada por um corredor, ao qual já ouvi falar muito. Sei disso porque posso sentir a presença dos homens próximos demais, apesar de ainda estar com o capuz na cabeça.

Meu pai costuma dizer que as damas da família não devem saber dos negócios, no entanto, em meu costume de espionar suas reuniões,

sei que está me levando para o quarto secreto e que tudo isso acabará em breve.

Enquanto sigo mais para dentro, minha vida passa em um flash por minha mente. Eu queria tanto viver, passei todos esses anos presa às regras deles e acabarei justamente por esse motivo.

Mattia me coloca sentada em uma cadeira, antes de tirar o capuz preto de meu rosto. Tento focar meus olhos, depois de um tempo fechado e, a primeira coisa que enxergo, é meu pai.

Francesco Pellegrini está com os olhos frios e com o nariz torcido em repulsa. Seus lábios estão voltados para baixo, enquanto ele me fita.

— Nunca pensei que me traria tamanho desgosto, *sua infame!* — ele diz firme, quase alto demais.

Meu pai me circunda com passos lentos e a arma em sua mão. O tremor toma minhas mãos enquanto olho para o homem que nem reconheço. Nunca o vi dessa maneira.

Quero desafiá-lo como meu último feito. Passei a vida inteira fingindo ser a mulher perfeita. A filha que seguia todas as suas ordens, enquanto ele decidia quando me venderia para um mafioso qualquer. Sei que essa é uma péssima ideia, mas dar meu último suspiro sendo condescendente com o tratamento deles, é algo que faz meu estômago revirar.

— Eu não me importo com sua aprovação ou suas regras. Não tive como escolher a família que nasci, porque se tivesse... jamais escolheria ser parte de seu negócio sujo — respondo, soando mais corajosa do que estou me sentindo por dentro.

Meu pai me dá um tapa no rosto assim que termino de falar. Sinto o ardor em minha bochecha e suspiro de susto, segurando o rosto.

— *Você nunca me desrespeitou dessa maneira!* Agora que foi naquela boate já fala como se fosse uma Cattalano... uma desordeira. — Ele cospe as palavras para mim. — Então, é isso que queria, *sua infame? Ser um deles?* — ele grita, levantando o dedo para Mattia, que permanece atrás de mim.

Meu coração bate forte enquanto meço suas palavras, ao tentar compreendê-las.

— Quero que preste bastante atenção. — Meu pai se abaixa e me olha com desgosto, segurando meu queixo entre seus dedos. — Esta família tem ordem e um nome a zelar. Não vou permitir que desonre nosso sobrenome desta maneira.

— Posso fazer a ligação, senhor? — Mattia pergunta.

Meu pai acena com a cabeça, detendo meu rosto por mais alguns segundos antes de soltar meu queixo.

Quero entender o que quis dizer. Quero acreditar que é algo que disse no calor do momento, apesar de saber que isso jamais combinaria com ele. Meu pai dificilmente perde o controle. É um homem que se importa com as aparências, polido e controlador demais para ser emocional. Tudo o que faz é pensado.

— Sou Francesco Pellegrini e exijo falar com Dante Cattalano — meu pai diz, com o telefone no queixo.

Meu coração bate sem parar ao ouvir o nome de Dante. Não é possível.

— *O quê? O que está fazendo, pai? Desliga!* — grito, finalmente entendendo suas palavras.

Olho para Mattia em busca de ajuda. O capo de meu pai vira o rosto para mim assim que nossos olhares se cruzam. Aos olhos deles,

eu era uma infame agora, não merecia uma explicação.

Se alguém me falasse que meu pai ligaria para um dos Cattalanos, eu jamais acreditaria. A raiva que meu pai estava de mim, superava até mesmo a rivalidade com seus maiores inimigos.

Francesco Pellegrini é um homem imbatível e poucas coisas o tiram do sério. Agora, seu rosto fica vermelho como um tomate ao ouvir algo no telefone. Seguro até a respiração para ouvir o que irá dizer.

— Ora, ora... se não é o homem mais ardiloso de toda a Itália. — Meu pai pausa e me fulmina com os olhos. — Há pouco, meus homens estavam em seu estabelecimento e me avisaram que minha filha foi vista com você. Se tem um pinga de honra, o que não acredito, limpe a sujeira que fez no nome de minha família.

Meu coração para com suas palavras.

— Pai, não faça isso — peço, mas ele nem mesmo me olha, prestando atenção em cada palavra que Dante diz.

— Então você é pior do que seu pai. Se casará com Giulia para varrer a bagunça que fez ou eu mesmo a matarei — arfo, surpresa.

Me levanto da cadeira, mas sou logo jogada nela novamente pelo Capo de meu pai.

Meu pai. O homem que dizia que a família era o mais importante, o que eu me recusei a dar sua localização para Dante. O homem que eu defenderia, se preciso fosse, mesmo que custasse a minha vida. O pai que eu me sacrificaria é o mesmo que agora ameaça minha vida por algo tão banal.

Minha visão fica turva pela primeira vez e as lágrimas descem pelo meu rosto. Começo a deixar de lado qualquer coisa que diz e nem presto

atenção em suas palavras, sentindo o peso da traição dele. Ele me ameaçou.

— Acertaremos tudo o mais rápido possível... — Ele pausa. — Honre sua palavra, Dante. Essa é a única coisa entre você e a morte, caso não a cumpra. *O que ele disse? Dante aceitou?*

Aquilo era pior do que a morte. Se me casasse com Dante, permaneceria sendo a "*infame*" para minha família e para a família dele. Para qualquer Cattalano, eu seria a filha do homem que matou um dos seus. Estaria no meio do tiroteio de duas instituições implacáveis e seria alvejada por ambos.

Não deixo minha mente ir mais longe sobre o casamento em si. Era demais para o momento. No entanto, minha mente não respondia a minha tentativa e, a cada segundo, eu imaginava a loucura que seria me casar com um homem cheio de desejo de vingança contra a minha família.

Ouvi cada rumor sobre Dante sendo sussurrado pela Itália. Eu sabia que era apegado ao irmão e que faria tudo para se vingar.

Se algum dia ele pensasse em seguir a lei do olho por olho, se quisesse matar uma das herdeiras diretas dos Pellegrini, assim como acha que fizemos, eu estaria morta o mais rápido possível.



Na manhã seguinte, tive tempo para pensar em cada coisa que deixei passar. Descobri que Sophia foi levada para o mais longe possível de mim e que está proibida de falar comigo. Seu pai se encarregou de

tudo durante a madrugada. A culpa por fazer isso com minha amiga me corrói. Por mais que me doesse, eu sabia que era a melhor decisão, caso contrário, eles a matariam.

Além disso, não consigo parar de pensar em Dante. É completamente incompreensível para mim que ele foi capaz de escolher se casar comigo ao invés de deixar meu pai me matar. Essa atitude não foi por bondade, jamais um subchefe da máfia demonstraria piedade a um inimigo. Então, ele deveria ter planos bem piores para mim.

A porta do meu quarto se abre de repente, me assustando. Minha mãe me dá um olhar de pesar antes de vir até mim com passos ensaiados.

— Ainda não está pronta? Precisa se arrumar para encontrar com seu noivo! Já está tudo acertado! — ela diz séria e vai até meu closet.

Algo em seu tom me chama atenção, parece que tudo acontece perfeitamente como o calculado, mas estou com as emoções tão bagunçadas, que nem me concentro muito nisso.

— Não quero me casar com Dante, mãe. Ele é... — Deixo a frase morrer.

Minha mãe ergue o queixo e me olha de cima para baixo.

— Está cega? Não vê que este casamento será uma vantagem para nossa família? — Finalmente poderemos ter paz, já que o maior inimigo do seu pai será nosso aliado. Giulia, olhe como as coisas se resolveram.

— Paz? Acha que Dante quer se casar comigo porque me quer, mãe? — rebato, alto demais. — Eu vi o olhar dele... sei que quer vingança e eu serei dele para fazer o que quiser!

— *Fale baixo e se comporte, menina!* Uma mulher jamais deve erguer a voz! Em breve, será a dona da sua própria família e precisa se portar bem! — repreende, com o dedo estendido em meu rosto.

Ando para longe dela e viro para a janela, ignorando-a. Estou com tanta raiva que tenho vontade de fazer uma loucura.

— Quero ficar sozinha.

— Não, não quer. Você vai se arrumar e ir com seu pai até seu noivo. Está decidido. Seu pai está limpando o seu nome, Giulia, tenha gratidão!

Viro para ela e dou-lhe um olhar enojado, antes de ir até o closet.

— Que horas tenho que sair?

— Uma hora? — ela pergunta, espiando pelos cabides que seguro.

— Estarei no saguão daqui a pouco.

Minha mãe sai do quarto com um sorriso no rosto. Certamente acredita que seus argumentos foram o suficiente para me aplacar. Não são.

Escolho uma calça legging que imita couro, uma blusa com um decote ousado e uma bota. Se terei que assinar meu pacto com o diabo contra minha vontade, irei nos meus termos.

Uma suspeita sobre minha mãe tomava conta de mim, algo me dizia que escondia alguma coisa. Para eles, a partir do momento em que pisei fora da faixa e cometi um erro, era completamente compreensível que me entregassem a um casamento ao nosso inimigo. Eu os amava, ainda depois de tudo, mas uma força tomava conta de mim a partir disso. Eu queria desafiá-los, pararia de fazer tudo o que queriam contra a minha vontade.

— Estou pronta! — digo, ao descer as escadas, uma hora depois.

Minha mãe fica boquiaberta ao me ver. *Isso mesmo, mãe. Eu não aceitarei mais ser a boneca de vocês e não fingirei mais nada.*

— Vá se trocar, já! — Ela anda até mim, mas meu pai segura seu braço. — Ela não pode ir dessa maneira. É uma afronta!

— Sim, é. No entanto, o trabalho agora será do futuro marido dela. Ele a colocará em seu devido lugar. Deixe-a ir assim, ele a fará pagar por isso.

Levanto meu queixo, como se as palavras deles não estivessem me ferindo e dou um sorriso.

— Vai ser um prazer. Podemos ir?

Meu pai coloca a mão na arma, mas acena e vai até a porta.

O caminho até a propriedade dos Cattalanos é regado por olhares fulminantes de meu pai para minhas roupas e um silêncio irritante.

Quando estacionamos, estou decidida a fazer da vida de todos eles um grande caos e isso me motiva a subir as escadas e ir até meu "noivo". Se Dante acha que serei seu brinquedinho de vingança, está enganado. Eu farei cada um deles pagar pelo que estão me obrigando a fazer e ficarei feliz ao ver o caos se instalar em cada canto das famílias de honra sicilianas.

Giulia



"Cada um nos olhos do outro acha feitiço."

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 4

A propriedade da família Cattalano é grande e imponente. Uma centena de hectares de terras se estendem ao horizonte, onde há tanto para ver que fico sobrecarregada. A construção é sustentada por enormes colunas que dão suporte para as paredes pintadas de branco. Além disso, enormes janelas se estendem por todos os andares, dando para ver boa parte da vista da província de Messina.

As portas são abertas assim que pouso meus pés no hall de entrada. O mordomo nos recebe com um aceno de cabeça e segura a porta com braços estendidos para dentro, indicando-nos para o seguirmos.

Os homens do meu pai entram logo atrás de nós, com as mãos atrás das costas, prontos para atirar caso haja qualquer problema. Afinal, aquele ainda é o território do inimigo.

— Senhorita, pode vir comigo? — o mordomo pede para mim, enquanto meu pai e seus homens seguem para dentro da casa junto a um funcionário.

Enquanto sigo o homem, meus olhos percorrem cada canto em busca de informações. Aquele lugar é muito diferente do que imaginei. Parece quase uma casa de uma família de verdade.

Há fotos da família por cada parede e móvel, inclusive de Gabriel. Ignoro a pontada no estômago cada vez que vejo alguma imagem com o irmão de Dante falecido.

Em todos os quadros, os Cattalanos sorriem, o que é estranho para mim. Meu pai nunca deixa tirarem fotos dele ou de todos nós para que a

polícia não tenha registro da mudança dos nossos rostos através dos anos que se passam.

O corredor se estende com muitos registros de fotos e, ao chegar na metade, me dou conta de que é uma linha do tempo e que os sorrisos vão ficando mais opacos a partir do momento em que Gabriel não está na foto. Engulo a bile que se forma em minha garganta. *Você veio aqui para acabar com eles, não ouse ter piedade.* Repito mentalmente diversas vezes, para me recompor.

O casal aparece em todas as fotografias, a mulher parece triste em todas elas. Teresa Cattalano tem cabelos e olhos castanhos, assim como o de Dante e suas feições são bem marcadas. Já Tommaso Cattalano tem cabelos loiros e olhos azuis, seu queixo é forte e seu semblante é brutal.

Todos os filhos deles são lindos, incrivelmente bonitos. Dante parece uma mistura dos pais, já o casal de gêmeos é muito parecido com Tommaso. Ambos têm olhos azuis e cabelos loiros. Rafael Cattalano é ainda mais musculoso que o irmão e, segundo as fotos, parece o mais alegre. Em todas elas, ele tem um sorriso largo no rosto. Já a irmã, parece um anjo, no entanto, o brilho em seus olhos me dá calafrios. Ela parece perigosa, um anjo do mal.

Gabriel era o único deles que era a cara da mãe, tinha cabelos e olhos castanhos-escuros, nas primeiras fotos, ele parecia mais comum, no entanto, com o passar do tempo, dava para ver que era um rebelde de carteirinha. Em todas as fotos, está com o braço cruzado e com um olhar atravessado. De alguma maneira, eles pareciam uma família de verdade.

— Fique à vontade, senhorita — o mordomo diz, ao abrir a porta para mim.

Uma sala extensa se estende à minha frente, onde se encontram as mulheres da família Cattalano.

A mãe de Dante me dá um sorriso leve e se levanta. Seus olhos negros me fitam, tão intensos quanto o olhar de seu filho.

Do outro lado da sala, próximo a janela, está a irmã de Dante, me observando com o olhar em chamas. Abro minha boca em choque diante das tatuagens em seu corpo. *Ela é uma mulher da máfia?*

Ariella Cattalano está com uma roupa muito parecida com a minha, então ninguém esboça qualquer reação às minhas vestimentas. Ela continua deitada no sofá de qualquer jeito, ainda com os olhos de predador pregados em mim.

— Querida Giulia, pode entrar. Nós não mordemos — Teresa Cattalano diz com a voz doce e um leve sorriso para mim. Ela não parece ter dito isso como ameaça, noto que só está sendo gentil.

— Fale por você — Ariella alfineta, com as mãos presas às costas. — Não acredito que vai receber ela aqui como se fosse bem-vinda, mãe! Sabe que esse sorriso no rosto de Giulia é uma armadilha, não é?

Sorriso ainda mais e jogo meu cabelo para o ombro. Olho para ela dos pés à cabeça, antes de virar para sua mãe.

— Ela é a noiva do seu irmão, será uma de nós agora... e nós tratamos a família *com carinho* — a mãe repreende com a voz delicada. Ela é doce demais para uma mulher do chefe da máfia, presumo. — Desculpe-me por isso. Este noivado pegou a todos de surpresa. Quer alguma coisa? Um chá?

Nego com a cabeça, estranhando o ar prestativo dela. Não estou acostumada a pessoas tão solícitas.

— Pegou-me de surpresa também. Acredite, quero tanto isso quanto vocês — falo com um duplo sentido e me sento em uma das poltronas.

Ariella se levanta em um rompante e anda até mim, ainda com as mãos nas costas, onde presumo que está sua arma. Se ela acha que irá me intimidar com isso, descobrirá que precisará de muito mais do que isso para me assustar. Finjo um bocejo.

— Se magoar meu irmão, eu te mato bem lentamente assim como fizeram com Gab — sussurra de uma maneira protetora somente para mim. — Mãe, não ficarei para assistir essa artimanha. Estarei no meu quarto — termina, com a voz mais alta.

Minha boca se abre em choque ao constatar que eles também agem como uma família de verdade. Não somente nas fotografias. A maneira protetora que Ariella defendeu ambos os irmãos, é o suficiente para me fazer sentir inveja. Eu queria que minha família fosse assim.

— Seus filhos têm idades tão diferentes e, mesmo assim, você parece jovem — digo, para passar o tempo.

Teresa Cattalano me dá um sorriso. Ela parece surpresa ao me ver conversar com ela cordialmente.

— Tive... Gabriel com dezoito anos. Tentamos ter outros filhos e desconfio que Dante escolheu, ou talvez controlou, até mesmo quando viria ao mundo, já que nasceu somente seis anos depois — ela ri, falando do filho com carinho. Vejo que ainda tem dificuldade de falar de Gabriel.

— E os gêmeos? — pergunto, para mudar de assunto por causa do olhar triste dela.

— Vieram de surpresa, claro. Eu já não esperava ter mais filhos quando, três anos depois, vieram logo dois de uma única vez. Ariella e

Rafael foram os que mais me deram trabalho.

Dou um sorriso forçado, sentindo-me invejosa ao ouvir a forma que ela fala dos filhos com tanto... carinho. Eu amo meus pais e sei que de sua maneira, eles me amam também, mas as coisas estão estranhas entre nós.

Fico alguns minutos trocando conversas esquisitas sobre assuntos aleatórios com ela sobre o tempo e o trânsito da Sicília, até que o mordomo bate na porta e entra em seguida.

Me sinto em um filme antigo com tanta formalidade. O homem me chama para segui-lo e eu hesito.

— Seu noivo lhe aguarda na varanda externa — explica, compreendendo minha hesitação.

De fato, Dante está sozinho com as mãos nos bolsos, esperando por mim. Involuntariamente, meu coração se acelera quando ele olha para minhas roupas.

Dante está sem a máscara dessa vez, apesar de já ter visto as fotos no corredor, nenhuma delas faz jus a beleza dele pessoalmente. Ele tem um rosto bem marcado, com maxilar bem desenhado e um nariz arrebitado. Mas, o que me chama mais atenção, são seus olhos. São em um tom azul celeste tão lindo quanto sombrio. Combina com ele.

— Aceita dar um passeio comigo ou terei que te carregar novamente?

Dante percorre meu corpo com o olhar, avaliando-me. Ergo o queixo para ele e olho de volta com confiança.

— Bem que você gostaria. Não vou com você — digo, estupefata.

— Não vai perguntar para onde te levarei?

Apesar de ignorar minha recusa, seu rosto está totalmente sério. Ele não aprecia esse noivado tanto quanto eu.

— Não perguntei porque não irei com você. Sairei daqui com minha família — nego, ciente que aquilo irá irritá-lo.

Não me enganei. Dante me olha uma vez com seus olhos num azul intenso, antes de passar o braço por minhas pernas e me carregar sobre seus ombros.

— Ainda não entendeu, Giulia? Agora você é minha, essa família deixará de ser sua em breve — ele diz, enquanto bato em suas costas sem parar.

— Nunca serei sua e nem uma Cattalano! — cuspo seu nome, irritada. — Acha que vou aceitar me casar com você?

Sei que preciso dar um jeito em tudo isso sozinha. Ninguém vem me ajudar, assim como achei que aconteceria.

Dante abre a porta de uma Mercedes esportiva e me coloca no chão.

— Um agradecimento por *salvar sua vida* seria ótimo — fala, e eu o ignoro. — Entra no carro – ordena ele.

A maneira que fala comigo me eriça ainda mais.

— Eu sou um dos seus Capos? Lhe fiz algum juramento?

— Fará em breve. Entra no carro logo.

Faço o que ele diz por falta de opção e bato a porta do veículo com bastante força.

Dante fica em silêncio assim que entra e liga o som para não falar comigo. No momento que fecha as janelas, me pergunto se deveria ter medo de ir com ele para algum lugar.

— Me diga que meu pai está bem — peço, incapaz de aguentar minha preocupação com ele dentro daquela propriedade e longe de minhas vistas, ainda que ele tenha agido de maneira irracional nos últimos dias.

— Por que se importa com ele depois do que fez? — pergunta, olhando-me com curiosidade. Ignoro a pergunta. — Achei que ficaria feliz com nosso noivado, já que sugeri tanto na boate que fôssemos para *um dos quartos*.

Os olhos de Dante estão em meus lábios e sei exatamente do que está se recordando. A cada quilômetro na estrada, fico ainda mais intrigada com o que ele irá fazer, não que eu não desconfie dessa conversa. Sei que Dante se sentiu atraído por mim, no entanto, seu desejo de vingança é ainda mais forte do que tudo isso. Espero estar enganada.



O levantamento de Dante sobre nosso primeiro encontro não me passa despercebido. Tento premeditar o que irá dizer ou fazer, mas prefiro permanecer em silêncio, para ponderar tudo o que sei.

Ouvi tantas coisas a respeito dele. As pessoas o temiam. Todas elas faziam questão de dizer que era um homem frio e rancoroso. Dante conhecia cada ponto da cidade e cada cidadão da província e, se alguém atrapalhava seus negócios ou devia algo a ele, cobrava-lhes com crueldade.

Eu entendia o olhar de rancor em seus olhos, só não compreendia perfeitamente os motivos que o levaram tanto a me beijar quanto a

permanecer com o noivado.

Dante poderia ter a mulher que quisesse, qualquer mulher se jogaria a seus pés. Claro que algumas deviam temer o perigo que emanava dele, no entanto, sua beleza tornava qualquer uma incapaz de resistir, principalmente a mim que amava o perigo.

O silêncio paira no carro. É estranho tentar uma conversa, ainda somos inimigos e, ao mesmo tempo, seremos noivos. Dante quebra o silêncio antes de mim.

— Giulia, estou tão contente com este noivado quanto você, acredite.

— Por que aceitou, se não é isso que quer? — pergunto, virando a cabeça para olhar para ele.

Há uma batalha interna em seu olhar diante de minha pergunta.

— O que eu podia fazer? Deixar seu pai matar você? — Dante me olha. — Ele que deveria morrer, Giulia. Conheço muitos monstros e nenhum deles merece morrer tanto quanto seu pai.

— Não ouse falar isso do meu pai! Tudo o que vocês acreditam sobre ele é uma mentira. Além disso, foi você que me beijou! — grito, me perdendo. — Não vou agradecer por esse noivado, Dante. Eu nunca quis me casar desse jeito.

Surpreendendo-me, ele gargalha. Seu cenho está franzido quando olha para mim.

— *Pensou que se casaria por amor?* — ele ri, ácido. — Nunca foi uma opção para nós dois, Giulia. Teríamos que cumprir nossas obrigações com a família. Pensei que quisesse isso, já que propôs várias vezes para que eu te levasse para um dos quartos do clube.

— Você ainda seria mais divertido se me levasse para um dos quartos, ao invés de sair me pedindo em casamento.

Dante para no sinal e vira seu rosto em minha direção. Seus olhos percorrem todo o meu corpo, com fome no olhar e também com ódio. Sempre com um brilho vingativo.

— É para o quarto mesmo que vou te levar, Giulia. Acredite, você vai gostar bastante. E eu *não* te pedi em casamento. Sou um homem que jamais *pede* alguma coisa, eu ordeno. Claro que não foi o que aconteceu no nosso noivado, porque, neste caso, fui forçado pelo seu pai.

Um choque percorre o meio das minhas pernas ao ouvir isso, principalmente com o olhar que ele me dá. Mal ouvi o que disse no final.

— O-o quê? – gaguejo, com o coração pulando pela boca. — O que quis dizer sobre quarto?

Não tenho resposta. Dante simplesmente acelera o carro e começa a ultrapassar todos os sinais com um olhar determinado no rosto. Seria essa sua vingança? Tirar minha honra perante a minha família?

Na máfia, tudo era motivo para ser considerado traição. Se eu fosse deixar de ser virgem antes de me casar, se fosse para um local como uma boate com algum inimigo ou até mesmo se conversasse com um rival, haveria retaliação.

— Dante?

— Giulia?

Ele acelera ainda mais, assim como minha respiração. Poderia dizer que estava nervosa, claro que seria uma mentira. A maneira que disse que eu gostaria de ir para o quarto com ele, me deixou mais excitada, e quase esqueço o que isso representa para ele.

— O que quis dizer com isso? Estou falando sério. Se fizer algo contra a minha vontade, eu arrancarei seu próprio pau, sendo Sottocapo da máfia ou não! — digo com o dedo na cara dele.

Dante me dá um olhar cortante e bate os dedos no volante.

— Olhe bem para mim, Giulia — ordena, com raiva. Faço o que pede. — Posso ser um homem cruel e condenado. Mas não esse tipo de monstro. Gosto de mulheres que querem foder comigo tanto quanto eu quero com elas. E... como disse, você é uma Pellegrini e seu sobrenome sempre terá um peso para mim. Acontecer algo entre nós está fora de cogitação.

— E o que quis dizer com o quarto, então? — rebato, sentindo a rejeição queimar meu estômago.

— Que vou te levar para conhecer sua nova casa e *seu quarto*, somente usei as palavras que disse ontem. Não quis dizer que tentaria algo contra a sua vontade. A natureza do meu trabalho exige uma boa dose de crueldade, ainda assim, sou incapaz de fazer algo assim.

— Deixa eu ver se entendi: quer se vingar da minha família e *não acha que é um monstro? Você mata as pessoas e acha que é menos monstro por isso?* Não finja que é bonzinho, Dante.

— Nunca fui. Sou o que sou. Não se engane. Eu sei distinguir as emoções das pessoas devido a boa prática em meu trabalho. Estou acostumado a ser temido, e sei que acontece o oposto com você, é justamente o perigo que te atraiu na boate.

Engulo e desvio os olhos dele, irritada. Dante reduz a velocidade.

— *Boa prática do seu trabalho? Você quer dizer tortura?*

— Chegamos. Esta será nossa futura casa.

Olho pela janela, sem me sentir em casa em momento algum com ele. As coisas estavam acontecendo tão rápido, que eu me sentia em uma espécie de sonho e que em breve acordaria, quero dizer, um pesadelo.

A casa é tão grande quanto o imóvel principal da família. É uma construção antiga, feita de pedra. No entanto, vejo toques de coisas modernas se misturarem as antigas, deixando o local mais aconchegante. É bem próxima do clube que vi Dante, suponho que seja proposital.

Os seguranças aguardam no portão de ferro e abrem a garagem para nos dar passagem.

O imóvel é tão antigo, que me lembra casas medievais, exceto pela enorme piscina do lado de fora.

— Vamos entrar.

Sigo para dentro sem protestar, olhando para cada canto do lugar desconhecido.

As paredes do interior são feitas de pedras em um tom pastel. O teto de madeira é alto e inclinado, aconchegante e menos assustador como deveria ser em uma construção antiga como esta.

Dante vai andando pelo imóvel e eu o sigo. É uma casa sofisticada, com móveis caros e de qualidade.

O que me surpreende é a cozinha e o banheiro, que são extremamente modernos. Há até mesmo LEDs na cozinha e aparelhos de última geração. É incomum encontrar casas assim na província, ainda mais em imóveis obsoletos.

Chegamos em um pequeno corredor, onde presumo que ficam os quartos e um frio surge em minha espinha.

— Este será seu quarto — diz sério, ao abrir a porta.

— Não, não será. Eu já disse que não vou me casar com você. — Dante ignora meu protesto, claro.

O cômodo é tão sem vida e impessoal que fico procurando em busca de algum atrativo. Há uma cama no centro, cercada por um dossel de ferro. Um pequeno armário no canto, onde não cabem nem metade das minhas roupas. Uma enorme janela que dá para o jardim. Há uma porta na parede, onde imagino que seja o banheiro.

— Minhas roupas não vão caber dentro desse armário. Preciso de, no mínimo, o dobro deste espaço.

Dante assente sem dizer nada e vai até a porta da parede.

Minha boca se escancara quando descubro que ali não é um banheiro e, sim, o quarto dele.

— *O que foi? Por que está com essa cara?*

— Seu quarto... é perto demais. Como disse que era impossível que... você sabe — digo, sentindo-me ainda rejeitada por ele.

— Sim, é perto porque preciso ficar próximo de você para te proteger caso alguém entre no imóvel — ele diz, duvidando que alguém entre. — Deixarei uma cópia da chave com você e só a usarei em caso de emergência. Fique despreocupada que não tenho a intenção de entrar furtivamente em seu quarto.

Argumento sobre a falta do banheiro e ele me oferece para usar o dele, o que não usarei por motivos óbvios.

— Como pode não se sentir atraído por mim e me beijar daquele jeito? — deixo escapar a pergunta, incapaz de me conter.

Dante inclina a cabeça de lado e me olha com fogo, que logo é substituído por rancor.

— Sabe que teremos a prova de lençóis, certo? Como vamos provar que ainda sou virgem, se...

— Encontrarei uma forma — interrompe para encerrar o assunto e entra em seu quarto. Vou atrás dele.

— Eu *não vou* morrer virgem, Dante Cattalano.

Dante foi pego de surpresa com minhas palavras e literalmente gargalha diante da minha consternação. É a primeira vez que o vejo rir. Se não soubesse que era um mafioso perverso e vingativo que ouvi falar, diria que era comum quando ria dessa maneira. Ele recupera rápido sua postura de Sottocapo da máfia e fica sério.

Dante segura uma caixa em suas mãos, mas não se ajoelha diante de mim.

— Giulia, gostaria de tornar-se uma Cattalano e ser minha tanto quanto serei seu para o resto de nossas vidas?

Vejo que escolheu as palavras com bastante cuidado, principalmente não citando o nome de minha família e deixando claro seu desejo de mudar meu sobrenome.

Levanto o queixo para respondê-lo à altura.

— Eu, Giulia *Pellegrini*, aceito me casar com você e ser sua, desde que seja meu — rebato, com o queixo erguido. *O que eu disse?*

Os olhos de Dante brilham de raiva ao ouvir meu sobrenome e algo que não consigo identificar ao passar o anel em meu dedo. Eu estou noiva.

Não desvio meu olhar do dele enquanto passa o círculo de ouro em meu dedo. Por um segundo, os olhos de Dante recaem em minha boca e vejo suas pupilas dilatarem.

De repente, ele vira sua mão e segura meus dois pulsos, colocando-os acima da minha cabeça. Solto um ruído de protesto, que mais parece um gemido.

Dante vira a cabeça de lado e aperta sua mandíbula, com o rosto a centímetros do meu.

— Não me olhe com esse olhar — diz, com a voz rouca.

— Que olhar, Sottocapo? — provoco, erguendo o queixo em desafio.

— O de quem quer que eu foda você com força agora mesmo. — Dante segura meu pulso mais forte para evidenciar o que diz.

— Quem disse que quero isso? Mas, e se eu quisesse? — Levanto o queixo, desafiando-o. — O que iria fazer?

Dante inclina a cabeça ainda mais e cheira meu pescoço. Um choque se espalha pelo meu ventre ao sentir o gesto tão cru.

— Caralho... Giulia! — Me olha febril e respira fundo, antes de me soltar.

Meu coração bate tão forte, que suspeito que ele consegue ouvir.

Fecho meus olhos e tento controlar minha respiração, sentindo o meio das minhas pernas cada vez mais úmido.

— Vou te levar para casa para começar os preparativos do casamento o quanto antes.

— O quê? Vocês acertaram a data sem falar comigo? — esbravejo, ignorando o quanto minha respiração ainda permanece acelerada. *Um toque dele e eu fico toda afetada? Giulia Pellegrini, honre seus ovários e não se desmanche por esse Cattalano tão facilmente.* Repreendo a mim mesma.

— Nosso casamento será daqui a duas semanas na propriedade da sua família. — A forma que disse nosso sobrenome, foi tão fria que vejo que construiu uma muralha novamente. — Só... não fuja. Caso contrário, minha instituição tomará providências para que volte – ordena, com os olhos em mim.

— Podemos ir? Quero começar o quanto antes, já que temos tão pouco tempo para preparar tudo — minto, ignorando o pedido dele para que eu não tente fugir. Ainda não sei o que fazer em relação a isso.

Alguns minutos depois, estou de volta a minha casa. É estranho ter Dante ali. Geralmente ele evitaria vir aqui ou viria para matar a todos.

O caminho até minha casa foi tão silencioso quanto constrangedor. Por isso, sou surpreendida quando abro a porta do carro e Dante segura meu braço para que eu continue com ele no veículo.

— Giulia, por que fingiu ser uma mocinha inocente como um cordeirinho quando conversava com minha mãe?

A pergunta me faz franzir o cenho. Fecho a porta novamente e olho para ele sem compreender. *Como ele sabe o que aconteceu naquela sala?*

— Não é isso que preferem? Que eu seja a noiva recatada que aceitará tudo o que querem? — Minha voz denuncia toda a tristeza que sinto sem conseguir fingir. Ele percebe.

— Eu gosto mais da Giulia que sugeri que eu a levasse para um dos quartos – ele cita minhas palavras, invertendo-as. — Comando toda a Itália, Giulia. Sou um homem forte e quero uma mulher forte ao meu lado, não uma esposa modelo. Quero que seja tão ousada quanto eu. Seja você mesma.

As palavras dele me comovem, principalmente porque há uma sinceridade inegável em seus olhos. Nunca ninguém me disse para que

eu fosse eu mesma. Geralmente era o contrário.

— Sinto muito pelo que aconteceu com seu irmão — digo, sem pensar. Quero retribuir o gesto, no entanto, falei isso cedo demais.

Posso ver o olhar de Dante mudar de afetuoso para vingativo em uma questão de segundos. É como se eu tivesse atizado um animal acuado.

— *Saia do meu carro, agora!* — diz, com a voz grave. — *Não fale nunca mais do meu irmão.*

Deixo o veículo sem dizer mais nada, arrependida por ter tocado no assunto. Esta era a prova de que um casamento entre nós dois nunca daria certo.

Eu sabia que Dante me desejava fisicamente, mas ele também odiava minha herança familiar. Odiaria sempre minha família e o meu sobrenome. Seria impossível um casamento entre nós dois. Aquilo só poderia acabar com um banho de sangue e certamente seria o meu.

Giulia



*"Eis o devoto. Em tua boca me
limpo dos pecados."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 5

A casa estava surpreendentemente cheia. Deixei claro a cerimonialista que desejava um casamento pequeno, somente entre "*famílias*". Eu sabia que qualquer passo em falso poderia dar tudo errado.

Armas sendo sacadas em um casamento, não me parecia ser um bom presságio. Não que eu tivesse um bom pressentimento sobre meu casamento. *Mas, o que eu poderia fazer?* Se fugisse, ele me encontraria. Se dissesse não no altar, as famílias reagiriam... não tinha nenhuma opção, somente me casar ou morrer.

Fiz questão de escolher cada detalhe do casamento, porque se eu não escolhi com quem me casaria, pelo menos faria a festa dos meus sonhos. O vestido que escolhi é em formato de sereia. É feito de tule no tom da minha pele e todo bordado de branco. Havia uma leve transparência entre os desenhos, me deixava sensual e ousada.

Escolhi uma maquiagem que combinasse com o vestido, com tons entre preto e nude, evidenciando a sensualidade ainda mais.

— Todos os convidados já chegaram, Giulia. Está na hora, ande logo! — minha mãe exclama, ao entrar no quarto, dando uma olhada para a cabeleireira que começa a passar um spray no meu cabelo, apressada.

Finjo não notar o olhar inquieto que ela me dá através do espelho. Ainda está esquisita depois da conversa que tivemos ontem sobre a *prova de lençóis*.

Tudo isso começou quando Dante me obrigou a fazer um teste sanguíneo para saber se estava tudo bem comigo, além de me enviar o

teste dele também. Era constrangedor saber que ele se preocupava com doenças sexualmente transmissíveis, já que deixou claro que nada aconteceria entre nós dois. Além disso, ainda me enviou um termo de fidelidade ao qual ele também assinou, deixando claro os riscos de uma relação fora do casamento. Era esquisito que ele pensasse nesse assunto, parecia quase controlador demais ou cauteloso.

Dante havia dito que resolveria esse problema sobre a prova de lençóis, no entanto, me pergunto qual seria a solução. A forma que meu corpo reagiu a ele, é o suficiente para que eu precise impor distância física dele, para que meus hormônios não estraguem tudo.

— Tem certeza que não quer conversar? — pergunto, assim que a cabeleireira sai.

— Não temos tempo, o seu pai já está esperando.

Minutos depois, desço as escadas ao lado do meu pai, que está totalmente sério. Vejo que ele presta bastante atenção aos homens armados no andar inferior.

Meu coração bate sem parar ao descer as escadas. Me pergunto se Dante me espera no altar, como deveria. Uma parte de mim, quer correr até ele, a mais consciente quer fugir dali o mais rápido possível.

As portas do Jardim são abertas pelos seguranças, revelando os convidados que olham para mim com curiosidade. Ainda não tenho coragem de olhar para Dante e vasculho com os olhos à procura de algum sinal de perigo entre os homens de honra. Recebo alguns olhares de pesar durante o meu caminho até o padre. Consigo ver que eles têm pena da mulher que se casará com o mafioso perigoso em busca de vingança contra sua família. Espero que estejam errados.

Meus olhos encontram os de Dante por um segundo e fico mais acelerada. Ele está com seu terno preto e uma camisa da mesma cor por

baixo. Está sério, com olhar penetrante em mim. Percebo que aprecia o que vê, porque suas pupilas se dilatam em apreciação. No entanto, sua testa está franzida, provavelmente pensando que está se casando com a mulher da família que o causou tanta dor.

Caminho até ele com o queixo erguido, sem desviar o olhar por nenhum momento, até que o padre sorri para mim assim que estou ao lado de Dante.

O padre começa a missa e eu presto atenção em cada palavra proferida por ele, compreendendo finalmente, a importância do compromisso. Dante sente o mesmo, porque suas mãos varrem as minhas por um segundo, antes que ele as coloque no final de minhas costas, acalmando-me. O gesto me pega de surpresa, principalmente depois do clima hostil que passou entre nós dois em nosso último encontro.

Dante é um grande mistério. Me olha como se fosse me devorar viva e também com tanto rancor que me deixa cada vez mais intrigada. Qualquer gesto dele é incompreensível para mim.

Quando chega o momento de Dante proferir seus votos de casamento, um silêncio incômodo se forma no ambiente. Ele sequer hesita ao dizer sim, já eu, respiro fundo antes de aceitá-lo.

— Eu, Dante Cattalano, aceito você, Giulia *Pellegrini*. — Sua voz fica rouca nesta parte e seus olhos mais frios. — Como minha legítima esposa e prometo amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da minha vida, até que a morte nos separe.

Essas palavras exatas, ditas por milhões de outros apaixonados, significam mais para mim do que eu creditara antes de pisar no altar.

Inicialmente, tenho vontade de dizer ‘não’ só para contrariar e provocar Dante. Claro que sei as consequências do que aconteceria se eu fizesse isso, então digo meus votos com a voz embargada.

Dante sorri pela primeira vez, de alguma maneira, parece que faz isso para me acalmar. Claro que isso é impossível, já que sei que ele só quer se vingar da minha família.

Quando finalmente termino meu discurso e trocamos as alianças, o padre diz:

— Pode beijar a noiva.

Fico sem saber o que fazer. Será um vexame se não nos beijarmos. Era um impasse. Dante impôs uma barreira entre nós e eu tenho também meus próprios receios, principalmente de me aproximar dele e depois ele tentar algo contra minha família.

Tantas coisas passam em minha mente por um segundo, mas logo para, quando ele me dá um olhar sério.

Dante olha em meus olhos e segura minha nuca levemente, antes de roçar levemente seus lábios nos meus. Seus olhos ficam abertos o tempo inteiro, enquanto ele me encara com fogo no olhar.

Pego-o de surpresa e puxo seus lábios com os dentes. A partir daí, ele me beija de verdade. Dante entreabre seus lábios e enfia a língua na minha boca com ferocidade, puxando-me pela nuca.

O padre repreende para que a gente se comporte e Dante dá um passo para trás. Fico olhando para ele ofegante, ouvindo as palmas quase silenciosas dos convidados, até que coloca suas mãos no topo das minhas costas novamente e saímos do altar.

Assim que estamos sozinhos, olho para ele com acusação.

— Onde está seu pai?

— Não pôde vir. Já Ariella, veio quase carregada – conta baixo. – Eu vi que sua amiga não veio também.

Aceno com a cabeça, fingindo que não sinto falta de Sophia ali e que está tudo conforme pensei. Mas, claro que queria que ela estivesse ali. Acabou que minha mãe me contou que o pai a mandou morar na França como punição e a proibiu de falar novamente comigo. Eu não obedeceria a isso, em algum momento, eu conseguiria uma forma de falar com ela. Sinto bastante a falta de Sophia, ainda mais agora. Mas, preciso esperar o momento certo para falar com ela, sem que isso lhe cause um problema.

A festa de casamento está mais cheia do que imaginei e presumo que minha mãe tenha inserido alguns convidados sem me contar, já que algumas mesas foram adicionadas. Até o momento, ninguém sacou uma arma, o que para mim já é um sucesso.

Quando chega o momento da dança dos noivos, fico tensa ao sentir o corpo de Dante pressionado no meu. Olho para ele e vejo sua mandíbula flexionar no momento em que meus olhos o alcançam.

— Não me olha assim – ele diz, prendendo meus olhos nos dele.

— Por quê? — Levanto a sobrancelha, desafiando-o a dizer.

— Porque conheço esse olhar e hoje eu *posso* foder você... *exatamente do jeito que você está pensando*. — Ele pausa, girando meu corpo e me colocando de costas para ele. Eu arfo. – Se eu mudar de ideia.

Dante vira a cabeça de lado e me gira novamente, deixando-me de frente para ele.

– Você disse que não se envolveria com uma Pellegrini — rebato, irritada com o quanto ele é volúvel. Dante parecia sempre estar em uma batalha interna sobre como se sentia sobre mim.

— Você é uma Cattalano agora.

A maneira que ele diz isso, faz com que eu me sinta uma traidora... a infame que minha família fez questão de frisar.

— Sou uma Pellegrini, Dante. Não se engane. — Arrisco um olhar para ele. — Carrego seu sobrenome, mas fiz questão de manter o nome de minha família e essa parte de mim também.

A música termina sem que ele me responda. Ando ao seu lado em meio aos convidados, com o coração acelerado. Queria dizer para ele que o sobrenome não importava, e sabemos que isso seria uma mentira. Nossas famílias foram longe demais, carregaram esse ódio em nós dois por tanto tempo, que tudo isso continuava pairando no ar sempre que estávamos juntos.

Devolvo os sorrisos e os cumprimentos dos convidados de maneira automática, atenta à expressão sombria de Dante quando seus irmãos vêm cumprimentá-lo.

Ariella não fala comigo, é claro. Ela simplesmente abraça o irmão, sem parabenizá-lo e vira de costas para mim.

Converso com um dos homens de honra da família deles, enquanto a ignoro também. Já seu gêmeo, Rafael Cattalano, age de maneira diferente. Ele passa os braços ao meu redor e me levanta, fazendo com que todos os convidados olhem para nós.

— Você é *muito bem-vinda a família* — diz, sarcástico. — Se meu irmão te entediou demais durante o casamento, estou à disposição... *para fazer o que quiser* — Rafael brinca ao me soltar, olhando-me da cabeça aos pés.

Dante gira a cabeça de supetão e olha para ele. Achei que ele estava alheio a mim e me enganei. Ariella se irrita com a brincadeira e sai de perto do gêmeo.

— Fale isso para *minha esposa* novamente e eu mandarei *ela* torturar você até que engula suas palavras — Dante interrompe, antes que eu diga algo. A forma que disse minha esposa faz com que meu corpo fique mole.

Rafael ergue as sobrancelhas e ri. Sei que está só provocando o irmão, mas se continuar, precisarei deixar claro que isso é impróprio. Já tenho problemas demais com aquela família.

— Eu sou um dos seus Capos para aceitar suas ordens? — rebato para Dante.

Rafael olha a interação entre nós dois e ri. Dá para ver que ele gosta de assistir ao irmão interagir com alguém que não abaixa a cabeça para suas ordens. Ou, talvez ele só goste de ver a briga.

— Não precisa ficar com ciúmes, Dante. *Um ménage seria divertido também*. — Rafael pisca. — Agora que já parabeneizei os noivos, me deem licença que eu tenho duas convidadas para impressionar. Eu adoro ter *duas* mulheres ao meu redor.

Dante vira os olhos para o irmão. Vejo que de fato, há duas mulheres logo atrás dele, olhando-o com cobiça. Contenho minha vontade de revirar os olhos também. Pelo que parece, Rafael é um sem-vergonha, mas vejo que é diferente do modo que falou comigo, mais para fazer brincadeiras do que para provocar o irmão.

O restante da festa passa rápido, sem mais conversas constrangedoras. Percebo que meu pai não ficou para a festa, evitando meu marido. Talvez fosse uma exigência do próprio Dante, não tenho como saber, já que tudo acordado entre eles permaneceu em segredo. Sabia que a aliança era frágil, então, tinha que me contentar com a paz momentânea.

Deixo cair algumas lágrimas ao me despedir da minha mãe. Meu maior medo era ficar longe deles e, claro que para ela, isso era exagero. Sabia que quando fosse para minha casa, tudo poderia mudar entre minha família e meus maiores medos poderiam se concretizar.

As pessoas sorriem para nós quando entramos no carro e eu aceno para todos sem olhar para ninguém especificamente, ainda sobrecarregada com a despedida.

Dante entra no carro depois de fechar a porta para mim e eu começo a bater meus pés no assoalho do carro.

Eu procurava entender o que quis dizer sobre nossa noite de núpcias. Eu quero saber o que ele tem em mente... o que planejou.

— O que tramou? — pergunto, incapaz de me conter.

Quero saber seus planos, tanto de vingança quanto para esta noite. Eu estava totalmente no escuro.

— Não é você que acha o perigo *excitante*? Vou manter o mistério para que fique mais *imprevisível*.

— Devo me preocupar com isso, Sottocapo? — desafio.

Olho em seus olhos e levanto o queixo para mostrar que não estou com medo.

— *Tudo* pode acontecer esta noite.

Havia uma ambiguidade tanto em seu tom, quanto em seus olhos. O olhar de Dante estava excitado e ainda mais vingativo do que já vi. Era tão incerto, impossível prever o que aconteceria.



O quarto de Dante está praticamente igual a última vez em que estive ali. A única distinção, é um balde, onde se encontra uma garrafa de champagne que está em cima da cama. Provavelmente colocada por algum dos funcionários. O cheiro almiscarado dele preenche cada espaço do lugar, como se fosse um tipo de marca territorial no ambiente.

Dante permanece na porta, paralisado. Teremos que dormir na mesma cama, já que os convidados notariam minha presença no quarto ao lado. Não há alternativa quanto a isso.

Seu cenho está franzido ao olhar para mim. Seus olhos estão perturbados, de uma maneira que nunca vi antes.

— Já volto.

Antes que eu responda, ele sai rápido do quarto, deixando-me sozinha ali.

Presto atenção nos detalhes do cômodo e percebo que aqui não tem nenhuma foto da família ou algo que deixe clara a presença dele ali. A casa na verdade parece mais um hotel...é estranho.

Sento na cama e reúno a coragem que preciso para confrontá-lo. Dante está agindo todo esquisito desde que chegamos e, se eu não fizer alguma coisa, as coisas podem ficar ainda piores.

Assim que retorna ao quarto, com uma garrafa de whisky nas mãos e dois copos, sua expressão está tão sombria que me deixa atordoada. Prefiro continuar sentada na cama, observando-o encher o copo e beber o líquido com olhos presos nos meus. Ele coloca as mãos nas costas e fecha os olhos.

— Dante, a virgem sou eu. Por que está tão... esquisito?

Dou uma risada, para diminuir a tensão que paira no ar.

— Porque eu tenho planos para a nossa noite de núpcias e... quero mudar todos eles desde que vi você entrar no altar. Certamente eu não agirei fora dos meus planos, é só autoflagelação.

Levanto da cama e ando até ele devagar. Em um gesto ousado, pego o seu copo e levo a boca, com os olhos nos dele.

A queimação na garganta é fraca comparada ao calor que percorre meu corpo ao ver o olhar dele mudar de sombrio para faminto em questão de segundos.

Coloco o copo em sua mão novamente e dou um sorriso travesso para ele e me viro de costas.

— Tire meu vestido, Dante — provoco, com a voz aveludada.

Arfo, surpresa, quando ele segura meu pescoço firme e me puxa para perto dele. Minhas costas estão pressionadas contra seu peito e eu sinto o calor dele me invadir.

— Não me provoca, Giulia — diz, no meu ouvido. — Agora você é minha para fazer o que eu quiser, não se esqueça disso.

— E o que vai fazer? — pergunto, sem me intimidar com a pegada abrupta.

Suas palavras podem ser interpretadas de diversos sentidos e eu só consigo prestar atenção a forma que meu corpo inteiro fica em chamas ao senti-lo tão perto.

— O que você quer fazer? — rebate ele.

Dante leva sua mão vagorosamente para as minhas costas, fazendo meu coração acelerar imediatamente. Fecho meus olhos quando uma corrente elétrica perpassa meu corpo ao sentir seus dedos começarem a abrir os botões do meu vestido.

— Eu quero o que me disse no outro dia.

— O quê? Que eu te foda com força? — Dante se aproxima do meu ouvido. — Hoje teremos que ir devagar. Até você estar pronta para eu foder você do jeito que eu quero.

Solto um gemido de frustração. A verdade era que eu queria tudo o que Dante podia me dar. Não era ingênua para acreditar que ele seria um homem romântico na cama. O jeito que Dante se move, a forma que me olha e tudo o que faz, deixa claro que ele é um homem intenso. Leveza e calma jamais combinariam com ele.

Dante se livra do meu vestido lentamente, botão por botão. Posso ver que está se controlando, porque toma uma respiração profunda antes de terminar.

Seguro a alça do vestido e giro meu corpo para ficar de frente para ele. Seus olhos estão insondáveis quando encontram os meus. Desafio-o com o olhar e deixo meu vestido cair por inteiro.

O calor se espalha pelo meu corpo quando Dante o percorre inteiro com os olhos e começa a soltar o nó da gravata.

— Giulia... você é impossível. — Ele dá um passo para trás. — Como vou me controlar e manter minha promessa de ficar longe se me provoca assim?

— Eu não quero que se controle.

— Não deveria ter dito isso, querida esposa.

Dante puxa a gravata com um olhar maligno e segura meus pulsos em um gesto impetuoso.

Pela primeira vez, tenho medo de verdade dele.

— O que você está fazendo? — pergunto, ofegante.

— Dando exatamente o que quer — responde, ao passar sua gravata em meus pulsos e me amarrar.

Meu coração se acelera tanto de excitação quanto de amedrontamento. Quando eu disse que não queria que ele se controlasse, não achei que faria o que pedi. Dante parou de se conter. Enquanto amarra meus pulsos, posso ver a sua máscara e sua postura comedida sendo deixadas de lado, até que seu rosto é totalmente tomado por uma expressão brutal. Agora, vejo o homem que me casei por inteiro, tanto o lado sombrio, quanto o comedido e isso me incendeia ainda mais.

Ao terminar o nó, Dante coloca as duas mãos no meu quadril e ergue meu corpo, como fez quando nos conhecemos.

Dou um grito de susto, quando ele me coloca sobre seus ombros como se eu não pesasse nada e dá alguns passos à frente.

Fico com os pulsos amarrados, com a barriga em seus ombros. Levanto a cabeça e tento enxergar através do espelho, ver onde está me levando amarrada dessa maneira. Dante abre uma das gavetas do pequeno compartimento, ao lado da cama, e retira uma corda dali.

Meu subconsciente avisa que devo pedir para ele voltar a se conter, no entanto, estou inebriada demais ao ver esse lado dele, que não quero que pare.

Dante me coloca no chão, de frente para o espelho. O reflexo do meu rosto está irreconhecível. Meus olhos estão vibrantes, acesos de excitação. Minhas bochechas estão coradas e o conjunto de lingerie branca, valoriza minhas curvas, principalmente ao redor da cinta liga que deixa meu corpo mais volumoso.

Solto um suspiro ao sentir meus braços sendo erguidos por ele e vejo-o me prender ao dossel da cama de ferro.

Não consigo desviar o olhar de sua concentração ao me amarrar com precisão. Os músculos dele se contraem enquanto ele faz nó por

nó. A visão das costas de Dante sem camisa e todas aquelas tatuagens é de impressionar.

O coldre está preso ao seu peito, deixa tudo mais intrigante, porque tem duas armas ali e alguma coisa que não consigo ver pelo reflexo. Além disso, há uma gueixa enorme tatuada em suas costas, representando algum crime que cometeu.

Combinamos que as armas seriam proibidas em nosso casamento, por precaução para manter longe a chance de que alguma desavença acabasse mal. Claro que ele não seguiria essas regras.

— Por que sabe amarrar tão bem assim?

Dante para o que está fazendo e ergue a sobrancelha para mim

— Está se perguntando se eu costumo amarrar as mulheres que transei... ou outra coisa? — Ele termina o nó e dá um passo para trás. — Fique tranquila que minha prática vem basicamente da tortura.

Um espasmo de choque passa pelo meu corpo no momento em que ele me olha como um predador. Não sei suas intenções ou porque isso está mexendo tanto comigo. Estou no limite da excitação e medo.

— É isso que irá fazer, então? Me torturar? — pergunto, com o coração pulando na boca.

Dante continua me apreciando com o olhar, sem me responder e se senta na poltrona de frente para mim. Ele gosta de me ver amarrada ali, sei disso, porque enche o copo de whisky novamente e fica sentado, me observando como um leão brincando com sua presa antes de devorá-la.

— Isso é tentador. Uma virgem que aceita ser amarrada por um mafioso? Gosta mesmo do perigo, não é? — pergunta, um tempo depois. — Então... vamos aumentar um pouco a intensidade.

Ele saca uma adaga ou um canivete que estava escondido em seu sapato e anda até mim com passos decididos.

— Dante... — ofego seu nome. Queria pedir para ele parar, mas minha voz me trai e sai como se fosse uma lamúria de prazer.

Meu cérebro vasculha todas as possibilidades do que pode acontecer e nenhuma delas acerta, porque ele coloca a adaga na lateral do meu rosto, ao lado da minha orelha e beija meus lábios profundamente.

Sua língua dança na minha, com uma firmeza impressionante. Se eu me mexer demais, a lâmina pode cortar um pedaço da minha orelha e, mesmo assim, devolvo seu beijo com a mesma intensidade, me deliciando de prazer com o que ele me dá.

Dante me domina por inteiro com seu beijo. Há um perigo pesado no ar e a única coisa que consigo fazer é beijá-lo, sem me importar com o que poderá acontecer em seguida.

Giulia



*"Em teus olhos há maior perigo do que em vinte
punhais de teus parentes. Olha-me com doçura,
e é quanto basta para deixar-me à prova do ódio deles."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 6

Dante me beija sem parar, sinto o frio da lâmina atíçar ainda mais meus sentidos. Devolvo o beijo com intensidade, impulsionando meu corpo à frente para encostar meu corpo no dele.

Assim que nossos lábios se soltam, mal consigo respirar. Preciso usar todas as minhas forças para não me mover e não me cortar.

— Posso? — Ele aponta a adaga para o meu sutiã. Eu aceno.

Eu pisco e Dante corta as alças do meu sutiã, tão rápido que nem tenho tempo de processar a rapidez que ele move a lâmina.

Em seguida, meus mamilos estão duros no ar gelado. O sutiã cai sobre meus pés e eu não paro de pensar o quão rápido foi seu movimento. Dante é tão intenso... letal. Ele não para. Passa a lâmina nas fitas da minha calcinha, deixando-me somente com as meias e a cinta-liga branca.

— Quero tocar você agora — diz, com a voz rouca.

Dante desce seus olhos até minha intimidade, devorando-me com os olhos e sorri ao ver o brilho no meio das minhas pernas. Eu estava tão encharcada que o líquido da minha excitação escorria pela virilha. Seu olhar pousa no meio delas e noto que ele percebe isso também.

Era um eufemismo dizer que tudo aquilo era excitante demais para uma virgem de vinte e dois anos. Tinha muitos anos de privação sexual e minha inexperiência fazia tudo aquilo ainda mais intenso.

Os dedos de Dante começam a passear provocativamente do meu pescoço até os meus seios. Ele para bem perto dos meus mamilos e olha para mim, antes de pressioná-lo entre os dedos. Um espasmo de

choque percorre o centro do meu corpo quando faz isso. Ele não para e repete o mesmo movimento do outro lado. Sua outra mão ainda está com a adaga.

Começo a fechar minhas pernas para aplacar a dor que percorre o meio delas.

— Abra as pernas para mim — ordena ele, apertando meus mamilos mais uma vez. — Agora, Giulia.

Faço o que pede, inebriada de desejo demais para ouvir o meu lado que avisa sobre o perigo do que está por vir.

Dante levanta a adaga e olha para meus seios antes de dizer:

— Considere isso uma tortura sexual e... uma nova experiência — diz, sério. O que ele vai fazer? O medo começa a ganhar força quando ele me pede: — Fique extremamente parada — comanda, antes de colocar a lâmina na lateral do meu pescoço.

O frio do metal faz com que eu queira me mover, o que é impossível. Dante desce a lâmina pelos meus seios e a para ali, pressionando levemente para que eu sinta o frio em meus mamilos.

Meu coração martela sem parar ao ver seus olhos e suas pupilas dilatadas de prazer. Ele começa a descer a lâmina pela minha barriga, sem tirar seu olhar de mim.

Minha respiração está tão rápida, que me movo um pouco e ele para o movimento. Engulo o ar com força e fico quieta novamente.

Dante passa o metal nas minhas pernas e gira a adaga, segurando-a pela lâmina. Sei que se eu me mexer agora, ele poderá se cortar, então seguro até a respiração. A confiança dele em si mesmo e em mim me impressiona por um segundo. *Como isso pode ser tão excitante assim?*

Dante pressiona o objeto sobre minha intimidade. Sinto o cabo da adaga sobre meus lábios molhados e solto um gemido. Dante geme junto comigo, o que me leva a loucura. Ele me olha profundamente mais uma vez antes de se abaixar, ficando com o rosto de frente ao meio das minhas pernas.

Meu coração martela no peito sem saber o que vai fazer e eu odeio ser tão inexperiente ao ponto de não saber de nada.

Seus olhos ficam quase pretos de excitação ao olhar para minha boceta. Ele brinca com o perigo e passa a adaga entre minhas dobras, antes de passar o cabo pelas minhas pernas. Dante olha para o meio delas sedento e de volta para mim.

— Que boceta linda, Giulia. — Ele prende meu olhar no seu. — Finalmente, coloca a mão livre no meio das minhas pernas, aprovando minha lubrificação. — Você está tão molhada que quero foder você tão forte que jamais serei capaz de parar... mas, precisamos começar devagar para saber sentir prazer e me dar — ele fala.

Dante leva a mão com a adaga até minhas nádegas, encostando a lâmina em minha bunda. Pela forma que coloca a adaga em sua mão, faz com que a gente não possa se mexer sem machucar um ao outro.

De repente, puxa meus quadris contra seus lábios e sua boca fica no meio das minhas pernas. Dante coloca a língua entre minhas dobras e eu fecho meus olhos de prazer.

Nunca na vida senti algo tão... intenso. É tão gostoso que quero mover meu corpo contra sua língua, que dança em meu clitóris em círculos sem parar. Preciso usar todo o meu controle para permanecer quieta. Ainda mais diante de tantas sensações novas.

— Você é deliciosa, Giulia. — Me olha profundamente, antes de voltar a me castigar com sua língua.

Uma sensação de prazer se espalha, acumulando-se como se fosse uma força em meu ventre. Seu dedo começa a pressionar com mais firmeza entre minhas dobras, o que leva a sensação a aumentar ainda mais. Fecho meus olhos com força, no limite do prazer.

— Dante, eu vou... o que é isso? — pergunto, quando sinto uma onda se acumular no meu ventre.

— Toda vez que eu foder você, com meu pau ou com minha língua, quero que olhe para mim e se entregue totalmente. Você é toda minha agora – ordena, com a voz rouca de desejo. Dante pressiona a lâmina sobre minhas nádegas, fazendo o metal frio provocar ainda mais sensações em meu corpo. — Goze para mim, *passione*.

Me perco totalmente ao ouvir aquilo e solto o fio de domínio que tinha sobre mim. Uma onda de prazer varre meu corpo enquanto gemo sem parar ao atingir o ápice de tudo o que já senti na vida. Dante continua me provando, castigando e torturando-me com sua língua, enquanto meu corpo se contorce em um clímax forte, diferente de qualquer coisa que eu poderia imaginar. É melhor do que pensei.

Assim que meu corpo volta ao normal, ele fica de pé de frente para mim. Meu coração ainda está acelerado, assim como minha respiração.

Vejo seu olhar mudar de excitado para determinado no momento em que seus olhos encontram os meus.

Eu não achei que poderia sentir tanto prazer na vida quanto agora. Sabia que a primeira vez poderia ser dolorosa, mas eu queria sentir aquela sensação novamente. Por um segundo, Dante parece arrependido. Não, na verdade, é como se nunca tivesse a intenção de fazer nada comigo e que acabou se deixando levar pelo momento.

Dante ergue a adaga sobre minha cabeça e corta a corda que me prende a cama, sem olhar para mim.

— Fique aqui e durma um pouco. Não vá para o seu quarto porque vão desconfiar.

— O quê? Onde você vai? Esqueceu da prova dos lençóis?

— Acha que conseguir um pouco de sangue será problema pra mim, Giulia?

— Como vai saber se sou virgem? Não se importa com isso... e se eu estiver mentindo?

— Sinceramente? Não, não me importo. Sei que a partir do momento em que eu foder você do jeito que eu quero, será minha. Nenhum outro foderá você da mesma maneira que eu. Volto daqui a pouco.

Observo-o guardar a adaga novamente e vestir a camisa, sem entender. Ele se fechou completamente de novo. A certeza toma conta de mim ao constatar que seus planos eram somente forjar alguma coisa desde o início. Ele não me queria.

Aos seus olhos, eu ainda era uma Pellegrini. Alguém de uma família que ele odiou por tempo demais. Dante jamais poderia me ver diferente e aquilo me doeu ainda mais depois dessa noite.

Tomo um banho e durmo na cama dele, decidida a esperar e questioná-lo. Dante não volta para casa, até que eu adormeço.



O barulho da porta se abrindo me acorda no amanhecer do dia seguinte. O céu está quase claro quando Dante volta para casa e entra sem olhar para mim.

— Durma mais um pouco. Os convidados devem chegar daqui a pouco, ainda pode dormir mais.

Coço meus olhos e tomo um susto ao ajustar minha visão e vê-lo. A camisa branca que ele saiu de casa está cheia de manchas de sangue.

— Claro que não vou fazer isso. O que aconteceu? Oh, meu Deus!

Eu sabia que seu trabalho era perigoso. Ouvira muitos boatos sobre a natureza brutal de Dante em punir seus oponentes sem qualquer piedade. Saber sobre o assunto era uma coisa, ver a forma esquisita que chegou era outra completamente diferente. Ele estava assustador.

Dante entra no banheiro ao ver meu olhar. Levanto da cama ainda sobrecarregada com a forma que ele chegou e vejo o lençol que trouxe. Meu estômago se revira com as gotas de sangue sobre o tecido manchado. Eu não quero saber como ele conseguiu fazer isso, mas, minha mente me trai e eu penso em várias formas que pode ter conseguido e nenhuma delas é boa.

— Precisamos trocar a roupa de cama logo. — Dante me olha pela primeira vez ao sair do banheiro enrolado na toalha.

Aceno com a cabeça e começo a trocá-la, ciente que, se eu não fingir que transamos, uma guerra pode voltar a acontecer entre as famílias. Sei que a organização do meu pai passa por problemas e que isso pode influenciar e jogar minha família na lama. Não posso deixar que isso acabe em um conflito.

Troco o lençol em silêncio. Dante volta para o banheiro e depois pega uma roupa no closet. Quero perguntar a ele o que aconteceu e, ao mesmo tempo, também não quero que ele me responda.

Visto um robe e deixo o quarto antes que ele volte. O melhor que posso fazer é ficar sozinha no momento. Sabia que aquele casamento seria difícil, fui preparada para esperar algo assim.

Desde que me tornei adolescente, minha família deixou claro que eu precisava saber como seria minha vida. Isso consistia em manter a fachada da mulher recatada e perfeita. Todos precisavam pensar que meu casamento era perfeito, jamais poderia me lamentar ou deixar qualquer pessoa perceber que as coisas não eram assim.

Eu tinha pavor de viver desta maneira, sempre quis mostrar quem eu era de verdade, como Dante mesmo sugeriu que eu pudesse. No entanto, a realidade era bem diferente.

Os funcionários da propriedade já prepararam o café da manhã para nós dois quando cheguei na cozinha. Eu sabia o papel que precisava desempenhar para eles.

Forço um sorriso para todos, para manter a fachada da recém-casada feliz, enquanto tomo meu café da manhã. Acostumada a fingir bastante, ninguém sequer desconfia de nada ao olhar para mim. Posso ouvir os cochichos deles e as risadinhas baixas como se soubessem o que fizemos durante a noite.

— Já fiz o que era preciso — sussurro para Dante, no momento em que se senta ao meu lado.

— Vi o lençol. Por que não me esperou para o café? — Seu cenho se franze. — Precisamos conversar, eu acho.

O barulho dos carros chegando na propriedade são o suficiente para calar nossa conversa.

Todas as mulheres da família estão ali. Parecem adolescentes em busca de uma novidade e nem sequer esperam que eu termine o café da manhã, antes de me puxarem para o quarto, ávidas para saberem cada detalhe do que aconteceu durante minha noite de núpcias.

As risadinhas delas me incomodam tanto, que fico feliz ao ver o rosto irritado de Ariella. Sua mãe deve tê-la obrigado a vir pela tradição,

mas ela faz questão de deixar claro o seu descontentamento ao estar presente, soltando suspiros de irritação ocasionalmente. Posso jurar que sua mão vai até a arma algumas vezes.

Ao adentrarem no cômodo, as mulheres saltitam alegres ao ver a mancha no lençol. Nenhuma delas desconfia de nada. Elas saberiam identificar se o sangue fosse diferente do normal. A reação de apreciação delas é o bastante para que eu saiba que Dante foi ao limite da realidade para fingir que transou comigo.

As mulheres começam a conversar entre si, imaginando como fora minha noite, como se eu não estivesse ali presente. Surpreendo a mim mesma ao andar até Ariella, que está sentada na poltrona, o mais distante possível delas.

— Vejo que é verdade. Meu irmão de fato mudou de ideia sobre o *que* faria com você — ela diz com o olhar preso no lençol.

— O que quer dizer? — pergunto, contendo minha vontade de provocá-la, já que não gosta de mim.

— Um fato interessante sobre Dante é que ele se recusa a matar mulheres. Inclusive fez uma promessa de...

Antes que ela termine, Dante volta para o quarto, causando uma comoção de todas as mulheres presentes. Suas risadinhas me irritam.

Ariella se cala ao meu lado, dando um olhar entediado para *meu marido*.

O rosto dele se contorce ao me ver ao lado de Ariella, uma ruga de preocupação fica aparente em sua testa e ele bate seus dedos levemente na calça de alfaiataria. Um gesto nervoso, presumo. Há uma espécie de comunicação silenciosa entre eles que tento decifrar, sem sucesso.

— Preciso que venha comigo — diz para a irmã.

— Por quê? *Está escondendo algo, Sottocapo?* — pergunto.

Ergo meu queixo para conseguir uma resposta, mas sei que não vou gostar do que virá. O maxilar de Dante fica proeminente diante de minha ousadia. Sua irmã intervém.

— Eu quero conversar com você também, acho que tem muitas *pontas soltas* que precisa esclarecer. Podemos conversar no escritório?
— Ariella pergunta, com o rosto vermelho de raiva. Reparo que dá um olhar irritado para o irmão ao terminar.

— Te encontro lá em alguns instantes — ele fala para ela e se vira para mim. — Venha comigo — Dante ordena, puxando-me para fora do quarto.

As mulheres ficam olhando para nós, com um sorriso malicioso nos lábios. Dante me leva para meu quarto e fecha a porta.

— O que está acontecendo?

— Sabemos o que *não* aconteceu na noite passada, isso deve permanecer somente entre nós dois. Ariella é esperta demais e saberá que está mentindo, então não quero você conversando com ela. O lençol será o suficiente para enganar a todos — Dante diz, com um olhar frio.

— Você não manda em quem eu falo ou deixo de falar! Se não queria mentir por que trouxe o lençol se podíamos terminar o que começamos?

O olhar de Dante escurece, seus dedos batem levemente no dossel da cama, antes que ele responda:

— Acha que eu estava pensando de forma coerente quando me deixei levar ontem? Odeio não ter domínio sobre mim mesmo,

principalmente quando disse que nada aconteceria entre nós dois. Não gosto de não ter controle.

— Você parecia ter muito controle ao me amarrar no dossel da cama, Sottocapo — provoco, ciente que ele se empertigará ainda mais.

— Acredite, eu não estava sendo racional. Jamais deixaria acontecer se tivesse em estado normal. Sei que ainda é leal a sua família. *Esse é um grande conflito de interesse, não acha?*

Apesar de suas palavras, vejo seu olhar cair para a minha boca e seus olhos escurecerem.

— Tem que se decidir, Sottocapo. — Dou alguns passos. Fico quase a um palmo de distância dele e me aproximo do seu ouvido. — Ou você me quer — sussurro em seu ouvido.

Dou um passo para trás e ele segura-se na cama

— Ou o quê?

— Ou se vinga da minha família. Os dois são opostos.

Quero deixar tudo às claras para ele, quero que saiba que eu o tenho sob meu controle e que protegerei minha família.

— O que aconteceu ontem jamais se repetirá. Nunca irei esquecer o que sua família fez a mim.

Dou um passo para a frente, aproximo-me dele como estava antes.

— Se você diz — sussurro em seu ouvido e dou um passo para trás, com um sorriso pregado nos lábios.

A aliança entre nossas famílias é frágil como vidro. Qualquer erro pode ser fatal, principalmente para meus pais. Sei que Dante é rancoroso e quer acabar com todos que amo. Tenho que tê-lo sob meu domínio e, para isso, eu tenho um plano.

Dante



*"Fez juramento de não amar jamais, um
só momento. E nesse voto infeliz eu vivo morto."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 7

A culpa é uma péssima orientadora. Me sinto culpado assim que digo a Giulia que nada pode acontecer entre nós dois. Ainda assim, era isso que precisava ser feito. Me orgulho da frieza do meu coração, porque ela é o que me deixa fazer o que é preciso em meus negócios.

Era algo que não me afetava, até Giulia aparecer. Ela é um erro, uma distração. Não sei o que me deu quando a vi, mas desde o primeiro momento, eu soube que tinha que tê-la. Deve ser o meu ponto fraco, e eu odeio isso. Odeio a forma como ela me faz sentir sem domínio algum sobre mim, como ela me faz questionar as coisas que fiz até agora, inclusive o rancor que guardo de sua família.

Ontem, em nossa noite de núpcias, tive um momento de fraqueza, deixei meu desejo por ela tomar conta de mim. Eu a desejo e isso me enfraquece. Eu não posso deixar que ela me faça esquecer o que aconteceu. Jamais poderei fraquejar ao fazer o necessário para proteger a minha família, principalmente de Francesco Pellegrini.

Há cinco anos, fiz uma promessa ao meu irmão, um pouco antes que a família Pellegrini tirasse a vida dele. Desde então, vivo para cumpri-la. É como se, desde que eu a conhecesse, vivesse um paradoxo em que quero acabar com todos que ela ama e, ao mesmo tempo, tomar cada parte de seu corpo e seu coração.

Eu *não sou* apaixonado por Giulia... *não mesmo*. Ainda assim, ela me atrai de um jeito que eu não consigo explicar desde que a vi. Eu tento ignorar o que sinto e, algumas vezes, quando a vejo com seu modo corajoso e intransigente, me esqueço de tudo o que não devo sentir por

ela. Sempre que isso acontece, eu sou tomado pela atração e faço o que não deveria.

Ela me lembra de um tempo em que eu era apenas um adolescente bobo ao ver uma garota bonita e não um homem frio e duro que tem que fazer o que é preciso para proteger a minha instituição e o sobrenome de minha família. Claro que eu não pensei nisso quando aceitei a proposta de noivado de seu pai.

Se alguém falasse para mim que eu me casaria com Giulia, a filha do meu maior inimigo, a herdeira do mafioso que tirou a vida do meu irmão, eu mataria o maldito antes que terminasse a frase. No entanto, desde o primeiro momento em que a vi, e todas as vezes que estou perto dela, preciso usar todo o meu esforço para lembrar a mim mesmo que a minha prioridade é a minha instituição, não Giulia.

As ruas da Sicília estão abarrotadas enquanto dirijo pela cidade. Os carros dos meus soldados e seguranças correm logo depois do meu, como se fosse uma comitiva. Faz com que todas as pessoas nos observem assustadas por um segundo, antes de desviarem os olhos. Acontece o mesmo quando desço do carro, todos na rua olham para mim antes de virarem a cabeça logo depois. Algo instintivo faz com que percebam que sou perigoso e que, se entrarem no meu caminho, acabarão mortas. Mato com mais alegria do que me orgulho, então, por que ando tão emocional nas últimas semanas?

Eu não sou um homem bom, sei disso, eu sou um monstro, no entanto, nem sempre fui assim. Ou pelo menos, eu não costumava ser. Giulia está me fazendo questionar a minha vida, as minhas mágoas, e eu odeio isso. Não quero me sentir culpado pelas coisas que fiz, mas às vezes, quando a vejo, sinto como se tivesse cometido vários erros e eu *não posso* errar.

Há perdas que são capazes de destruir um homem. Eu perdi muito e, fiz dos meus destroços a minha frieza. Sou um homem frio, perigoso e cruel, me orgulho do que me tornei, porque precisei ser forte desde muito cedo para lidar com o luto e, ainda por cima, ter a força para liderar uma instituição de honra. Minha frieza é o que me move para me vingar de meus oponentes e fazer o necessário para que meus negócios prosperem.

O cemitério Siciliano é o único lugar que permito que minhas emoções tomem conta. Sou um homem de atitude racional, exceto aqui. A saudade me invade assim que leio o nome do meu irmão na lápide. Eu tento manter um ar impassível na maior parte do tempo, já ali, sinto como se fosse esmagado por uma avalanche de sentimentos. É o momento em que me sinto mais humano e menos no controle de tudo ao meu redor.

— Vim aqui porque precisava extravasar. Você já deve estar acostumado a isso, não é? — pergunto para o vazio, antes de virar para a lápide. — Está cada dia mais difícil manter a promessa que te fiz. Sei que estou errando com você nos últimos tempos. Estou me sentindo um fraco, ela me faz sentir fraco, Gab. Eu já entendi tudo e não vou permitir que aconteça novamente.

Minha visão fica borrada diante das lembranças que inundam meus pensamentos.

A máfia fazia com que as pessoas tivessem uma certa frieza, uma distância emocional era quase uma regra para quem decidisse fazer a iniciação. Gabriel, era a única pessoa que se importou o suficiente para me dar afeto durante a infância. Meus pais eram razoáveis, no entanto, tinham a frieza de qualquer membro de um cartel. Se alguma vez me senti amado de verdade, foi pelo amor que meu irmão tinha por mim. Foi

isso que a família odiosa de Giulia fez comigo, me tirou Gabriel. A família Pellegrini me fez um solitário insensível.

Desde então, foquei em minha carreira e em minha missão de derrubar o império da família Pellegrini. Nunca tive tempo para namorar ou me relacionar, nada além de algo raso e uma relação casual.

Meu único foco era trabalhar e conquistar a confiança do meu pai, tomar a liderança da instituição e acabar com a família que destruiu cada pedaço de humanidade meu. A única pessoa a quem eu permiti me aproximar foi Ariella. Ela é tenaz e se esforça para me fazer feliz, eu a amo muito e faria qualquer coisa para protegê-la.

Ariella é corajosa, destemida e só se coloca em situações imprevisíveis; ela me faz rir e geralmente me tira da escuridão em que eu vivo. A família Pellegrini me fez um monstro, mas Ariella me mostrou que eu ainda podia ser humano depois de perder Gabriel. Ainda assim, só ali ao lado da lápide do meu irmão, me permito pensar nele novamente. Nem minha irmã consegue invadir todas as barreiras que construo, então, *por que Giulia tem que ser diferente? Por que ainda não fiz o que prometi?*

Fico mais um pouco ali em silêncio ao lado de Gabriel, deixo todos os meus sentimentos fora da superfície e endureço conforme as nuvens vão mudando e o céu fica mais escuro.

— Não falharei da próxima vez. Eles vão pagar pelo que fizeram com você. — Coloco minha mão sobre a pedra, como se fosse uma nova promessa. — Eu te amo, Gab.

A ira toma conta de mim toda vez que me despeço do meu irmão, porque é uma lembrança do que me foi roubado, a chance que perdi de me despedir do meu irmão. Os Pellegrinis queimaram-no como se não

fosse nada, algo descartável. Eu nunca vou esquecer o que fizeram e vou fazê-los pagar por tudo, como planejei.

Ao retornar para o meu carro, sinto os olhares das pessoas na rua me seguindo. Como de costume, todos têm medo de se aproximar. Me pergunto se, onde quer que Gabriel esteja, ele se sente tão sozinho quanto eu.



Giulia está sentada na sala quando entro em casa. Está totalmente diferente do que estava quando saí, mais parecida com o dia em que a conheci.

Meu coração se acelera ao vê-la, mesmo que eu não consiga controlar meus próprios batimentos, fico irritado por não poder fazê-lo. Instintivamente, meu olhar atento memoriza cada detalhe dela.

O vestido justo e bem cortado se ajusta em suas curvas. Um decote enorme vai de seu pescoço até quase a altura do umbigo. Luto para respirar e manter o fluxo sanguíneo longe do meu pau.

— Vai sair? — pergunto, forçando meus instintos para olhar nos olhos dela.

Claro que Giulia faz tudo o que é difícil para mim ficar impossível, porque sorri e levanta o queixo, antes de ir para seu quarto sem me dar uma resposta.

Como um adolescente que acaba de ser ignorado, vou até o quarto dela e bato na porta.

— Estarei no escritório por um tempo e depois vou para o clube — digo para a porta fechada.

Os empregados que andam pelo corredor olham para mim por um segundo, vejo os olhares curiosos deles mudarem para profissionais conforme me veem cerrar o maxilar.

Giulia abre a porta com um sorriso travesso no rosto, como se estivesse prestes a fazer uma besteira e seu sorriso fica ainda mais provocativo ao me ver ali.

— Divirta-se.

Ela é tudo o que eu não pensei que uma esposa seria. Qualquer mulher razoavelmente comum, ficaria enciumada de ver o marido ir para um clube de sexo, já ela, me desafia a fazer justamente isso.

— Também vou sair essa noite, então, me deseje diversão — pede, estalando a língua.

— Onde você vai?

— Hum... — Ela joga a cabeça de lado. — Me divertir.

— O vestido está bonito, gosto que seja exibida. *Mas, onde você vai?* — pergunto, olhando para ela.

Tento disfarçar meu territorialismo. Claro que ela percebe que estou um tanto protetor demais, porque repete:

— *Me divertir.* — Giulia me dá mais um sorriso provocativo e fica séria. *Por que ela não me conta onde vai?* — Dante, esqueci de dizer isso antes de nos casarmos. Quero que saiba que, se ousar se vingar da minha família, prometo que matarei você enquanto dorme.

Ela bate à porta logo depois, enquanto processo tudo o que acabou de acontecer. Giulia me provoca e ameaça, tudo em uma mesma frase. É enlouquecedora.

— Vá com os seguranças — ordeno para a porta fechada e espero mais um segundo por sua resposta, o que não tenho, antes de ir até o escritório.

Minutos mais tarde, ouço o carro saindo pela entrada da frente, seguido pelos seguranças. Foco minha atenção no trabalho, ou tento, já que fico cada vez mais intrigado para saber onde Giulia foi. Sei que meus seguranças a deterão se for em algum lugar fora do comum e que me contarão exatamente onde foi, ainda assim, é impossível focar no que tenho que fazer com essa dúvida.

Desisto de trabalhar ali, já que está sendo improdutivo e vou até o clube para a reunião da *famiglia*. Tenho alguns carregamentos que precisam de minha atenção, algo que adiei desde que o noivado foi anunciado.

Preciso ficar perto de todos os meus recrutas e Capos, meu casamento os deixou inflamados, já que todos nós guardamos rancor por bastante tempo dos Pellegrinis. Nem mesmo uma aliança foi capaz de apaziguar. Tenho que manter tudo sob meus olhos antes de tomar minhas providências sobre isso.

O estacionamento do clube está lotado demais para uma noite de domingo. Geralmente, a lotação da casa atinge seu ápice nas sextas-feiras e nos sábados. Gosto que esteja cheio, é bom para o negócio, ainda mais em um dia de reunião.

Meus funcionários arrumam a postura ao ver meu carro, todos me cumprimentam com a cabeça, em um gesto respeitoso. Rafael sorri largamente ao me ver, com seu modo zombeteiro peculiar.

— Acho que você precisa vir comigo — diz, com um sorriso mais largo que o normal.

— Algum problema com os contêineres?

— Outros tipos de problemas. — Rafael me dá um tapinha nas costas. — Talvez piores.

A curiosidade toma conta de mim, já que ele não é um cara de guardar segredos, então imagino que seja uma de suas piadas.

Serpenteio entre as pessoas que dançam agitadas no salão, dando um aceno de cabeça para os frequentadores mais usuais.

Corro meus olhos pelo salão, seguindo Rafael, que gargalha a cada passo. Como se alguém tivesse chamado meu nome, me viro instintivamente para o bar, sentindo a presença dela.

Um choque de surpresa atravessa minha espinha ao ver Giulia, sentada no bar, bebericando um drink, exatamente como a vi pela primeira vez. Minha esposa me dá um sorriso desafiador, que me faz ter certeza que essa mulher será minha catástrofe.

— Você está fodido — Rafael diz atrás de mim, com um tom de zombaria. — Se ela quiser animar as coisas entre vocês, me convide para participar. Aposto que ela te dá um pé na bunda depois disso.

— Minha esposa tem bom gosto e *prefere a mim*. Ainda que fosse o caso de ela te escolher, Giulia colocaria você na coleira mais rápido do que qualquer mulher — digo, sem tirar os olhos dela. Rafael balança a cabeça e revira os olhos.

Meu irmão é o tipo de homem que jamais abriria mão de sua liberdade, seu lema é curtir a vida adoidado, sem pensar nas consequências. Seu modo de brincar com tudo geralmente deixa as coisas mais leves, principalmente em um ambiente carregado como o que estamos acostumados. Sei que esse é um modo de defesa dele e também de sua personalidade e não me incomodo com suas brincadeiras. Meu irmão não leva absolutamente nada a sério, suas

brincadeiras de flertar com Giulia não passarão nunca disso, sei que é tão leal a mim quanto eu sou a ele.

— Queria muito assistir a briga de vocês, mas tenho duas gêmeas idênticas me aguardando em um dos quartos lá em cima. Te encontro mais tarde no galpão. — Aceno com a cabeça, sem prestar atenção no que ele diz.

Giulia está ainda mais encantadora sob as luzes brilhantes da boate. Gosto de vê-la solta dentro da boate, porque sei que sua família provavelmente repreenderia a presença dela aqui.

Os Pellegrinis tem as tradições arcaicas, uma instituição que ficou com os costumes ultrapassados através dos anos.

— *Como veio parar aqui?*

Giulia cruza as pernas e bebe mais um gole de seu drink, antes de se inclinar para a frente e se aproximar de mim.

— Eu disse que era sua esposa e *voilà*. — Gesticula com o braço. — Me deixaram entrar assim que disse seu sobrenome. Isso não é ótimo? Eu amo passe livre.

— E o que veio fazer aqui?

— Estou me divertindo — ela ri. — Esse drink está sensacional, a propósito. Botei na sua conta — dá uma gargalhada.

— Este é meu trabalho, não posso me juntar a você para a *diversão*.

— Quem disse que você está convidado a se divertir comigo? Você fica com o trabalho e eu aproveito. Passei o dia inteiro entediada sendo sua esposa troféu, agora, preciso dançar!

Pego-a desprevenida quando roubo a taça de suas mãos e bebo o drink em um único gole, sem tirar os olhos dela.

— Realmente está uma delícia — digo, sem saber a que me refiro.
— Se alguém incomodar você, mande me chamar que eu torturo bem lentamente. Estarei lá em cima com os associados.

Giulia levanta a taça para mim e dá um sorriso. Ela é a mulher mais imprevisível que já conheci. Parece uma menina, mas é corajosa e forte. Se não fizesse parte de uma família como a dela, seria a mulher dos meus sonhos.

Ando até minha sala, agradecido por ter as paredes feitas de vidro, assim, eu conseguirei ver o que acontece com Giulia no andar de baixo.

Enquanto espero dar a hora dos associados chegarem, observo-a se afastar do bar e caminhar até a pista de dança, onde começa a dançar com os outros clientes. Ela é tão sensual e atraente que tudo o que faz me deixa excitado. Posso sentir meu pênis ficando duro só de olhá-la.

Observo-a dançar como se fosse um voyeur, até que vejo um homem que não tira os olhos de Giulia. Ele a olha com tanta cobiça que meus nervos ficam à flor da pele. Observo a situação, pronto para intervir caso ele se aproxime.

Giulia percebe o olhar dele também, porque assim que o vê, olha diretamente para a minha sala e dá um sorriso provocante diretamente para mim. Meu pau aumenta ainda mais com isso.

Ela *sabe* que eu estou observando e está se divertindo com meu ciúme. Não, ciúme não... irritação. Eu não sinto nada por ela além de atração, não posso deixar minhas emoções tomarem conta. Contrariando meus próprios pensamentos, tomo uma decisão impensada e saio da sala, atravessando a multidão, até chegar perto dela.

— Posso dançar com você? — pergunto a Giulia e seguro em sua cintura possessivamente, antes que ela recuse.

Minha esposa morde o lábio e vira a cabeça, como se estivesse se decidindo, então giro seu corpo antes que responda. Quando ela fica de costas para mim, faço um sinal para os seguranças levarem o homem que não tirava os olhos dela, eles saberão o que fazer com ele. O cobiçador é esperto, porque noto seu olhar se arregalar quando me vê olhar para ele e seus olhos ficam amedrontados a partir daí.

Volto minha atenção para Giulia que se vira e me dá um sorriso provocativo. Puxo-a para mais perto de mim, disposto a lidar com o cara quando ela estiver longe. Coloco minha mão no final de suas costas, esquecendo de vez o que acontece ao redor e toda a minha atenção se volta para ela.

Nossos corpos se encaixam perfeitamente ao ritmo da música, e nossos quadris começam a se mexer em um movimento sensual. Nossos olhos se encontram, e nossos sorrisos se aprofundam.

— Você está me provocando? — pergunto em um sussurro em seu ouvido.

— Não, vim para provar um ponto — ela responde com um sorriso sexy.

Minha esposa e eu dançamos no ritmo da música, nossos corpos se movem em uma sincronia perfeita e cadenciada. Nossa conexão é tão forte, que parece que nossos corpos se fundiram em um só. Nossos movimentos são tão precisos que parece que estamos dançando uma dança coreografada.

Giulia muda o passo e começa a rebolar colada ao meu pau e eu quase perco a compostura. Este não é o tipo de comportamento que eu teria em meu trabalho, mas meu juízo vai para os ares quando ela me provoca.

Minha esposa se vira e passa as mãos pelo meu corpo ainda no ritmo da música, enquanto eu corro meus olhos alucinados pelo seu decote. A todo momento, ela me dá sorrisos e olhares que me desafiam a ir além.

De repente, sinto o aço frio do revólver encostar em minha barriga através do tecido. Eu me sinto intrigado e excitado ao mesmo tempo. Não sei o que ela tem em mente, mas estou disposto a descobrir.

Com a arma pressionada em minha barriga, Giulia me leva até o canto mais escuro da boate e me empurra na parede. Estou cada vez mais louco e me recordo da maneira que a provoquei com a adaga durante a nossa lua de mel, imagino que essa seja sua revanche.

— Se uma mulher te seduzir enquanto estiver armado, se certifique que você *não* tenha nenhum plano de vingança contra a família dela — diz. Giulia ainda permanece com o revólver pressionado em meu estômago. — Agora, vamos dançar de verdade — sussurra, antes de segurar minha mão e começar a se movimentar lentamente.

Eu sigo seus passos de dança, nossos corpos se movem em perfeita sincronia. Sinto um frenesi tomar conta de mim com a ameaça velada dela, mesmo assim só consigo prestar atenção na maneira que ela rebola provocativa diretamente no meu pau. Se não fosse tão controlado, eu teria fodido aquela boceta linda ali mesmo, só de pensar em Giulia nua, meu corpo dói de tesão pelo que quero fazer com ela.

Nossos movimentos se tornam mais rápidos e intensos à medida que a excitação aumenta. Nossos corpos estão suados, e eu sinto os seios dela pressionados contra o meu peito e o cano do revólver entre nós. Ela me beija, e eu sinto seu gosto salgado misturado ao meu.

De repente, ela para de se mexer, ainda com a arma nas mãos, e meu coração quase para.

Giulia



*"Com o amor, que a inquirir me deu coragem;
deu-me conselhos e eu lhe empretei olhos."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 8

Fiz milhões de planos enquanto Dante esteve fora esta manhã. Ordenei meus pensamentos a encontrar uma solução depois que ele pareceu tão distante ao sair de casa. Imagino que pode ser relacionado a minha família ou o que aconteceu no passado, mas não tenho certeza.

Sei que Dante odeia meu pai e que, se algo acontecer, planeja matá-lo. Eu não posso deixar que isso aconteça. Sei que também não posso confiar em ninguém, nem mesmo em meu próprio pai. Todos são mafiosos cruéis e estão envolvidos nesse mundo cheio de violência. Não posso confiar em ninguém, a não ser em mim mesma.

Já que Dante deixou tão claro o seu rancor por minha família, preciso que ele mude e isso só será possível, se ele me ver lutando por nossa relação. Eu preciso conquistá-lo, usarei tudo o que puder para mostrar que somos incríveis juntos, desde que ele deixe seu rancor de lado.

Quando voltou para casa, estava decidida a conquistá-lo e fiz o mesmo que fazia na casa do meu pai: espionei. Descobri por seus seguranças que ele iria até a boate e agi para seduzi-lo.

Meu plano estava perfeito, apesar de não ser somente uma tática. Eu me sentia atraída por Dante. Era difícil explicar o que havia em seus olhos que me chamava atenção, mas uma coisa era certa: ele era bonito, além de ter um aspecto misterioso.

Eu tinha de ter cuidado. A última coisa que eu precisava era estar apaixonada por um homem que não podia me dar nada em troca, porque tinha rancor da minha família e de mim.

A decisão de ficar em silêncio foi a melhor resposta que eu podia dar para Dante. Ele não precisava saber sobre os meus sentimentos, sobre o que eu sentia ao estar perto dele.

Enquanto eu me sinto cada vez mais atraída pelo homem errado, eu sei que tenho que me concentrar no plano de conquistar o coração dele e livrar minha família de sua vingança. No entanto, enquanto dançava com ele na boate, não estava preparada para o que viria.

Uma sombra em meio aos clientes da boate me chama atenção. Fico paralisada ao ver o olhar de um conhecido passar entre Dante e eu. Eu o conhecia. Se o mensageiro estava ali, havia algo muito errado.

Meus pais faziam questão de utilizar mensageiros para passar informações da organização. Algo antigo, que era utilizado antes de toda a tecnologia, e extremamente útil quando não se queria ter seus segredos revelados para a polícia. As cartas eram curtas, escritas em códigos que somente pessoas que faziam parte da organização podiam decodificá-las.

O homem faz um sinal para mim, o que era uma surpresa. Meu pai jamais o mandaria vir aqui, isso só poderia ser algo vindo de minha mãe. Deveria ser algo muito sério para que mandasse o homem no clube de Dante, algo vital.

A arma cai em um baque sonoro no chão, nem me lembro de tê-la soltado. O choque ainda toma conta de mim enquanto registro parte do que está acontecendo. Dante se inclina irritado para pegar o revólver e devolve-o para dentro do coldre, o homem faz um sinal que me apavora ainda mais e os seguranças começam a vir até nós, mas Dante os impede.

Meu coração se acelera na medida em que temo que Dante descubra tudo, então o empurro para longe de mim com toda a força.

— Você precisa ir para a sua reunião — sussurro, aterrorizada demais para tentar um tom razoável.

Dante me olha confuso, mas eu não tenho tempo de explicar. Seu olhar endurece e vejo uma sombra de dor da rejeição em seu rosto. Empurro-o mais uma vez na direção da escada para sua sala e faço um sinal para que ele suba.

— O que houve? — Dante pergunta, irritado.

— Você precisa ir — repito, dessa vez um pouco mais alto. — Por favor, Dante. Saia daqui. Vou voltar para casa. Eu... não deveria ter vindo.

Dante me olha por um momento, tentando entender o que está acontecendo, e seus olhos ficam frios. Ele se vira para a escada e eu o empurro para continuar subindo.

Uma vez que estamos no andar superior, Dante me puxa para o corredor escuro e me olha de um modo sombrio. Agora sim ele parece o mafioso cruel que já ouvi falar.

— O que está acontecendo, Giulia? — Dante pergunta, a voz baixa e perigosa. Eu não tenho tempo para responder, pois sei que estou sendo observada.

— Dante, por favor, eu tenho que ir.

— Responda a pergunta — Dante comanda com a voz baixa e dura. — Por que você queria que eu saísse da pista?

Abano a cabeça e tento encontrar uma resposta, mas não há nada que eu possa dizer. Abro minha boca várias vezes para responder e a fecho em seguida.

— Olha, eu sei que você não me conta tudo, mas isso foi... diferente. Você está me escondendo algo. *O que é?* — insiste ele, seu

tom frio me tira do transe.

— *Só quero ir para casa, Dante* — digo mais alto, com o coração batendo forte no tórax.

— Você está me escondendo alguma coisa, não é? — pergunta, ameaçador.

— Eu não estou escondendo nada! — Minha voz treme.

— *Não me faça repetir a pergunta!* — Dante ameaça, dando um passo na minha direção. — Alguma coisa te assustou e não fui eu. Sei quando assusto as pessoas. Giulia, me conte o que está acontecendo que eu vou lidar com tudo. Mato e torturo quem você quiser, só quero que pare de esconder as coisas de mim e me diga quem te assustou!

— Não sei do que você está falando — respondo, sem me abalar com o tom dele, mas estou tremendo tanto e sei que ele percebe.

Não tenho medo dele, e sim do que pode ter naquela maldita mensagem. *Se meus pais estivessem em perigo... se Dante estivesse em perigo...*

— Sua voz está trêmula e você está me escondendo algo. Agora, vamos tentar de novo. *O que você está escondendo de mim?* — Dante pergunta novamente, dessa vez, prendendo seus olhos nos meus, impedindo-me de desviar o olhar.

— Eu não estou escondendo nada! — grito, tentando me libertar de seus olhos.

— Vou descobrir o que é — Dante ameaça, segurando minha cintura e me guiando de volta para a pista de dança.

— Deixe isso para lá, Dante.

— Isso é tão frustrante! Eu costumo ter tudo o que eu quero e, quando não me dão as respostas que preciso, eu torturo e descubro

tudo... e então, a única pessoa que eu me sinto incapaz de torturar, é a que não me dá respostas.

— É isso que quer? *Ser capaz de me torturar também?* — respondo, ácida. Toda aquela adrenalina correndo pelo meu corpo estava me deixando fora de controle. — *Você não tinha uma reunião?*

— Vou te levar para casa, depois volto. Meus associados podem esperar.

Eu estava irritada, apavorada e não sabia o que fazer. Fico um pouco mais calma sabendo que ele virá comigo, já que a mensagem pode ser relacionada a ele, mas mesmo assim não consigo me acalmar o suficiente.

Dante me olha por um longo momento, percebe meu nervosismo e assente. Ele me coloca em seu carro e dirige para casa em silêncio. Eu estou tremendo e não consigo parar. De repente, sinto seus dedos em minha perna, acariciando-me para me acalmar.

Sabia que tudo estava por um fio, principalmente depois da reação dele aos segredos que escondo. Proteger minha família era a minha prioridade, no entanto, eu também me preocupava com ele.

Dante tinha muitas mágoas e estava ferido pela perda do irmão. Eu não sabia como era perder alguém desta maneira, mas sei que provavelmente também me sentiria rancorosa se algo acontecesse.

Observei a interação de Dante com seus irmãos durante o casamento e, de acordo com a forma que fala do irmão, sei que ainda há muito para cicatrizar e que aquela mágoa contra a minha família ainda permanecerá. Eu não tinha como garantir que meu pai não havia feito aquilo, ainda mais ciente que ele escondia muita coisa de mim, mas sabia que se fosse meu pai que matou Gabriel, eu já teria ouvido algo

em suas reuniões. Eu tinha que ter paciência com Dante, era o que poderia fazer para que ele entendesse que eu não era sua inimiga.

Uma vez que estamos em casa, Dante me leva para o meu quarto e me ajuda a deitar na cama. Ele fica ao meu lado, segurando minha mão, até que eu durmo. Quando minhas pálpebras ficam pesadas e o sono toma conta de mim, Dante me dá um beijo no cabelo, em silêncio. Nosso casamento não trouxe qualquer tranquilidade entre nossas famílias, ao contrário, aquele bilhete poderia anunciar que uma guerra aconteceria e eu torcia para que não perdesse ninguém durante o processo.



Quando acordo, passa das duas da manhã. Abro meus olhos devagar e vejo a luz das lâmpadas do teto. Encaro a luz por um tempo, me recordando do que aconteceu. Sento na cama e olho ao redor do quarto. A brisa da madrugada balança a cortina da janela, o silêncio noturno toma conta do ambiente e me deixa com a sensação latente de solidão.

Levanto-me e começo a procurar Dante pela casa em vão, ele não está em lugar algum, já deve ter voltado para a boate.

Estou um pouco mais calma depois de tudo, mesmo assim, perco o sono e vou até a cozinha beber um pouco de água. Não há nenhum empregado ali, então tomo um susto quando encontro Dante parado na entrada da cozinha, observando-me.

Nossos olhos se encontram e eu noto a curiosidade em seu olhar, ainda está intrigado com meu comportamento e no porquê saí da boate

tão assustada.

— Vai me contar o que aconteceu?

— Vai me torturar se eu não o fizer? — rebato e dou um olhar atrevido para ele.

Dante me olha dos pés à cabeça, vejo a excitação tomar seus olhos ao apreciar meu corpo.

— Posso te torturar de diversas formas.

— *Você quer fazer isso?*

Dante dá um passo na minha direção e segura meu cabelo para me manter no lugar, olhando fixamente em meus olhos.

— Quero. Já provei que sou bom em te amarrar e conseguir o que eu quiser de você.

A voz dele sai rouca de desejo. Meu corpo reage imediatamente. Sinto a excitação misturada com a ansiedade me percorrer. Solto um gemido baixo, antes de fechar os olhos para retomar o controle do meu corpo e perguntar:

— *Vamos ver. Mas, o que você quer saber, exatamente?*

— O que aconteceu naquela boate?

Eu sabia que ele só adiou aquela conversa. Claro que Dante não desistiria até que eu revelasse algo, o que não iria acontecer.

— *Não sei* do que está falando.

— Você sabe. Me conte.

— Acho que você está exagerando — digo, mais controlada. Mas, espero que esteja errado sobre conseguir o que quiser de mim.

— *Você acha?*

Dante vira a cabeça de lado e me encara. Seus olhos frios me estudam, vejo uma sombra de calor em seu olhar, era uma mistura inebriante de determinação e desejo. Ele me puxa para perto dele. Sinto seu corpo quente e duro pressionado contra o meu.

— Vou saber de qualquer forma, então, você pode me contar ou posso descobrir por mim mesmo.

— *Duvido* que consiga tirar qualquer coisa de mim.

— Eu *adoro* quando me provoca, principalmente porque sei que consigo tudo o que quero. *Quer pagar para ver?*

— *O que você acha, Sottocapo?*

Dante me beija com ardor, sua língua invade minha boca com intensidade. Meu corpo inteiro se incendeia quando ele me envolve em seus braços fortes e me levanta do chão.

— Já disse para parar de me provocar.

— E sabe que isso nunca vai acontecer — respondo, mas dou um grito quando dá um tapa possessivo em minha bunda e anda comigo para o quarto, carregando-me.

Assim que fecha a porta, me puxa de seus ombros e me levanta, colocando minhas pernas ao redor de sua cintura. Solto um gemido ruidoso quando sinto-o duro encostar em mim, antes de começar a beijá-lo e arranhar suas costas.

Ele geme em minha boca e puxa minha bunda contra ele, enquanto sua outra mão vai até meus seios. Ele aperta meus mamilos, que endurecem sob seus dedos.

Dante coloca o antebraço abaixo de minha bunda para me pegar no colo e puxa meu vestido com a mão livre e o joga no chão.

Ele me olha com tanto desejo que não sei até onde iremos com aquilo. Sinto um pouco de medo de sentir dor, mesmo assim, esse é um pensamento fraco quando retira o restante das minhas roupas e se inclina para sugar meu mamilo, castigando-me com sua boca.

Dante geme quando começo a me contorcer. Morde o bico dos meus seios e sua outra mão agarra meu cabelo, detendo-me no lugar.

Deleito-me enquanto suga, lambe e mordisca meus mamilos sem parar, até que o meio de minhas pernas fica encharcado.

Não há qualquer dúvida em minha mente, quero perder minha virgindade com ele. Eu quero tanto Dante que dói, me sinto cada vez mais excitada enquanto nos beijamos com paixão. Seu membro duro pressiona contra mim e ele se afasta um pouco e me olha nos olhos, e eu sei o que quer.

Dante nota que estou pronta, vejo isso em seus olhos.

— Eu quero, Dante.

Ele entende a que me refiro, porque seu maxilar fica proeminente.

— Tenho tanta coisa para ensinar a você antes disso, Giulia.

— Então, me ensine.

Os olhos de Dante queimam de desejo quando ele me amarra novamente ao teto do dossel da cama, como da última vez.

Sua boca se move para meu pescoço, e eu sinto seus dentes arranharem delicadamente minha pele. Arquejo, quando ele pressiona sua ereção contra minha intimidade.

Ele ainda está vestido e, mesmo assim, estou tão excitada que nem me preocupo mais com a dor.

Seus dedos encontram meu clitóris, e eu me debato amarrada, sentindo seus dedos se moverem em círculos.

— *Oh! Dante... eu quero que faça tudo comigo.*

De repente, Dante para de se movimentar e me olha nos olhos, e eu sinto minha excitação aumentar ao ver a intensidade de seu olhar.

— Você não sabe o que está pedindo.

— *Acha que estou com medo, Sottocapo?* — pergunto, erguendo o queixo para desafiá-lo.

— Você não vai se arrepender?

— *Vamos só conversar ou você vai me mostrar exatamente do que é capaz?*

Uma expressão de determinação aparece em seu rosto, e ele se move para fora de sua roupa, ficando completamente nu de frente para mim, desafiando-me a agir como uma virgem inocente. Eu não vou fechar meus olhos como se nunca houvesse visto algo assim, apesar de nunca tê-lo feito, eu quero devorá-lo.

Observo seu corpo, suas tatuagens e cada detalhe dele me deixa completamente louca. Ele é tão atraente que tento me soltar para colocar minhas mãos sobre Dante.

Seus dedos agarram meus pulsos, apertando-os, e eu sinto seu peso sobre mim. Arquejo, quando sua ereção encosta em minha intimidade, não há nenhum tecido entre nós e eu sinto a pele macia do membro dele de encontro às minhas terminações nervosas. Ele não faz nada além de encostar.

Instintivamente, inclino meu corpo para ele, sentindo-o ainda mais. Quero que entre em mim, mas ele parece mais controlado do que eu, por isso, aproveito o contato e rebolo para provocá-lo.

Dante geme, e então dá um passo para trás e olha nos meus olhos. Sinto minha excitação aumentar ao ver que está tão excitado quanto eu.

— Me mostre, Dante.

Dante se inclina e pega a gravata do chão. Pela primeira vez, uma onda de medo toma conta de mim ao sentir seus dedos amarrando a gravata atrás da minha cabeça, vendando meus olhos.

— Ainda não.

— *Por que não?*

Quero tirar a venda dos meus olhos para saber se está me rejeitando, mas o quero tanto que não me movo, pronta para senti-lo novamente perto de mim.

— Porque ainda não está pronta.

— E se eu estiver?

— Você não está.

Sua voz sai rouca e esfumaçada, e eu odeio não poder vê-lo.

— O que está esperando?

— Você vai ter que esperar até que eu decida.

Aperto os punhos e me debato para me soltar, mas estou impotente para me mover.

— Quero ver você, Sottocapo.

— Não é você que decidirá isso.

— Dante!

— Giulia.

Aperto os punhos, frustrada. Ele está totalmente controlado, enquanto eu estou molhada e incapaz de pensar em qualquer outra

coisa a não ser em querer ainda mais.

— Você está me torturando.

— *É exatamente isso que você quer, não é?*

Ouçó a satisfação em sua voz, antes de sentir seu corpo se afastar da cama.

Estou tão frustrada que arranho a corda, mas ela está tão firmemente presa ao dossel que é inútil tentar me soltar.

Posso ouvi-lo se movendo pelo quarto, mas não o vejo. Sinto minha excitação aumentar a cada segundo.

— Dante!

— Fique parada, Giulia.

— O que está fazendo?

— Vou te ensinar o que é ser dominada.

Uma onda de excitação me atinge ao ouvir as palavras.

— O quê? *Quem disse que é isso o que eu quero?*

Dante anda para perto de mim. Estou atenta a cada passo dele, como se meus sentidos ficassem mais fortes conforme aguço-os. Sinto o calor do seu corpo quando se aproxima do meu ouvido. O ar de sua respiração arrepia minha pele inteira e solto um gemido.

— Então não quer?

Não respondo, só solto um gemido de excitação em resposta.

— Eu sei. Você foi até a boate me seduzir, agora é a minha vez. Só que eu sou experiente em tortura, então está perdida nas minhas mãos hoje, Giulia. — Dante solta uma risada masculina, rouca de excitação. — Quando tentar me provocar, farei o mesmo com você, só que mais

intensamente. Eu gosto muito de misturar tortura sexual e dominação, Giulia. A sua lição de hoje será esperar.

— E se eu não fizer?

Ergo meu queixo em desafio e tento me aproximar dele para provocá-lo de volta.

— Então eu farei você esperar ainda mais.

Junto minhas pernas para diminuir o desejo e criar a fricção que preciso. Mas, Dante segura minhas coxas para me deter. A pressão de suas mãos em minha pele faz meu corpo se arrepiar de excitação, e eu sinto seu cheiro enquanto ele se inclina sobre mim.

Uma das mãos dele agarra meus seios, e eu gemo quando os aperta. A outra mão desce para meu clitóris, e seus dedos começam a se moverem em círculos, dando-me o que quero.

— Sua boceta está tão encharcada, Giulia.

Gemo como um animal, e estou tão excitada que um orgasmo pode me invadir assim que sinto seu toque.

— Dante! — gemo seu nome, balbuciando. Minhas pernas tremem e o prazer em meu ventre cresce.

— Você é minha, sua boceta é minha e cada pedaço seu. — Ele intensifica seus movimentos, deixando-me no limite. — Eu vou foder você tão forte que vai gemer alto o tempo inteiro enquanto eu fodo você. Mas, isso vai acontecer quando *eu* quiser.

Ouçó a satisfação em sua voz e eu odeio que ele tenha tanto domínio sobre mim.

Dante vê que estou prestes a me libertar e retira suas mãos de mim. Solto um ruído tão alto de reclamação que ele é vergonhoso.

— Deixarei você gozar quando me contar o que está escondendo.

— O quê? Você não precisa saber! — reclamo e aproximo meu corpo de sua mão.

— Eu preciso.

Dante volta para perto de mim e gira seu dedo mais uma vez em meu clitóris, assim que minhas pernas começam a tremer de prazer, ele para.

— O que está escondendo, Giulia?

— Não vou contar.

Dante me eriça com a palma da mão, e eu gemo de dor e prazer.

— Você vai.

— Não.

— Giulia, esqueceu que eu consigo tudo o que quero? Me conte e eu faço o que você quiser.

Dante me eriça de novo, e eu sei que estou prestes a dizer exatamente o que quer. Também sei que continuaremos neste duelo pelo resto da noite então eu rebolo para ter o que preciso, mas ele me detém, então mudo de estratégia.

— Sabe o que eu quero? Quero ver você ajoelhado aos meus pés, Sottocapo.

Solto uma gargalhada ao sentir seu dedo retirar a venda dos meus olhos e quase gozo assim que vejo Dante se ajoelhar diante de mim para me dar prazer. Ele para no meio do caminho.

— Isso não vai acontecer até me dizer o que quer — diz, decidido, com os olhos presos nos meus.

Ele olha para minha boceta com desejo intenso em seus olhos. Está tão frustrado quanto eu.

Dante não mudará de ideia. Sei que preciso tomar as rédeas da situação a partir de agora, não confio em mim mesma quando ele me domina desse jeito.

— Deixe-me ajoelhar e te dar prazer, então — peço, batendo os cílios para ele. — Solte-me.

Dante faz o que eu peço, depois de me olhar por um longo segundo. A rigidez de Dante está tão firme, vejo cada veia pulsar tão perto de mim, ele está tão duro que quase encosta no umbigo. Sinto meu corpo inteiro se incendiar de desejo ao olhar para ele, mesmo assim, prossigo com meu plano.

Olho em seus olhos com luxúria, prometo algo libidinoso com o olhar, deixo transparecer tudo o que quero fazer com ele.

Me inclino lentamente até quase ficar ajoelhada à sua frente. Quando seu olhar fica tomado de expectativa, dou um sorriso provocante.

— Mudei de ideia, Sottocapo. Neste jogo de dominação, não será somente você quem dá as cartas.

A boca dele se abre em choque e eu sei que consegui exatamente o que queria. Mesmo assim, meu corpo inteiro protesta, querendo que ele continue o que começamos.

Dante parece abalado, como se mudasse de ideia, mas fica sério e diz:

— Realmente não vai me contar o que aconteceu?

— Dante...

— Então não terá o que quer. Eu posso te dar tanto prazer, Giulia. Minha oferta não será pelo restante da noite. — Persuade, passando a língua pelos lábios.

Me levanto e fico de frente para ele, cara a cara.

— Se lembra quando disse que não se envolveria com uma "Pellegrini"? Acho que foi neste momento em que começou a mentir para si mesmo, porque você está tão envolvido quanto eu, não importa quanto de rancor você ainda guarde.

— Não fale este sobrenome em nossa casa. É melhor voltar para o seu quarto — ele diz, se fechando completamente.

— Muito bem — rebato, erguendo o queixo.

Dante dá um passo para perto de mim, como se estivesse prestes a mudar de ideia, mas balança a cabeça em negação. Deixo-o sozinho no quarto, sem me importar que não estou apropriadamente vestida para andar no corredor.

Quando chego na porta do meu quarto, posso jurar que o ouço me pedir para voltar.

Deito na cama e, no momento em que começo a pegar no sono, um som no corredor me chama atenção:

— Giulia, eu disse que não me envolveria com uma Pellegrini, ainda assim, estava errado. Não importa a família que nasceu, eu darei minha vida para proteger você. Eu já estou aos seus pés para fazer o que quiser comigo, Giulia Pellegrini.

Não tenho certeza do que ouvi, em meio ao torpor do sono, só sei que realmente não posso contar sobre o mensageiro para ele.

Giulia



*"Coisa terna julgais que seja o amor? Não;
muito dura: dura e brutal, e fere como espinho."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 9

Acordo com raiva do Dante porque ele não consegue deixar as coisas para lá e fica insistindo em fazer perguntas. Sei que ele tem seus próprios segredos e não me conta tudo, não é justo que espere que eu seja completamente aberta com ele. Estou cansada de estar cercada de mafiosos e sinto que estou em um jogo em que mal sei jogar.

Para piorar tudo, por volta da tarde, minha mãe manda uma das empregadas do casarão levar o bilhete em minha casa. Imagino que contém a mesma mensagem que ela queria me dar ontem. Seguro o suspiro e escondo o papel dos empregados. É um bilhete simples:

"Me encontre no jardim da casa às duas da tarde. Não conte a ninguém sobre isso e não deixe que te vejam."

O papel em minhas mãos está muito bem dobrado, ainda que haja um excesso de preocupação dos meus pais com o uso de tecnologia, fico intrigada imediatamente.

Meu pai é um mafioso poderoso e Dante também. Se alguém descobrisse que eu iria me encontrar com minha mãe para discutir qualquer coisa sobre as organizações da família, estaríamos mortas.

Dante não está em casa quando vou até a cozinha tomar meu café. Aproveito sua ausência para queimar o bilhete assim que fico longe dos empregados da casa. Não que ele se importe com o meu estado de espírito, mas eu não estou a fim de conversar com ele agora. *Dante pareceu se importar ontem quando te trouxe para casa e ficou com você até que se acalmasse*, acrescenta meu subconsciente.

Eu não posso imaginar que Dante retribui meus sentimentos, ele é perigoso e capaz de fazer algo contra meus pais, minha prioridade tem

que ser prever tudo o que pode acontecer com minha família, meus sentimentos por ele têm que ficar fora da equação.

Ao sair de casa escondida, estou curiosa para saber o que minha mãe dirá e tenho medo que tenha descoberto sobre o mensageiro da boate.

Não confio nas pessoas que me cercam. É como se estivesse caminhando em um campo minado e qualquer passo que eu der errado, pode ser a minha ruína. Não sei em quem confiar e estou começando a ficar cansada de tantos segredos.

Quando volto para casa, carrego o pior segredo de todos. Estou dilacerada com o que terei que fazer por minha família.

A casa está silenciosa. Ando até o quarto de Dante com pensamentos sombrios. Um buraco toma conta do meu peito diante do que estou prestes a fazer. Tinha de me preparar para qualquer coisa antes de abrir a porta.

Dante é um homem mortal, se estiver acordado, eu não tenho nenhuma chance em uma luta, muito menos de matá-lo.

Com passos cuidadosos, ando pelo corredor, e corro meus olhos por todo o lugar caso algum funcionário apareça. A madeira do piso range quando chego na porta do quarto. Fico sem fôlego, com receio de que alguém me ouça e, espero alguns segundos para me certificar de que está tudo certo, antes de girar a maçaneta.

O quarto está vazio. A porta do banheiro está aberta, então ando até ela e vejo que Dante não está ali. Não faço ideia para onde ele possa ter ido, imagino que seja algo sobre seus negócios.

Suspeito que deve estar em um dos clubes e uma pontada de ciúme me corrói. Ainda que haja um documento de fidelidade que assinamos, eu sentia medo que ele não tivesse sido sincero. Algumas

das instituições clandestinas, tinham como regra a fidelidade total ao parceiro, eu só não sabia qual era o grupo. *Por que aquilo importava para mim? Já que tudo acabaria em breve? Que diferença faria se ele estivesse conhecendo alguma mulher ou não? Confabular para matá-lo era até pior do que isso.*

Sento na cama de Dante, me sentindo uma traidora também. Era isso que eu era. Talvez eu seja tão ruim quanto qualquer pessoa na máfia. Eles haviam feito um juramento para fazer o que fazem, já eu... era só uma mulher que mataria seu próprio marido pela minha própria família. Conseguia ser pior do que qualquer mafioso.

— *O que está fazendo aqui?* — Dante me assusta, ao entrar no quarto todo sujo de sangue.

Meu coração acelera ao ser pega no flagra por ele, principalmente pela maneira assustadora que se encontra.

— O que aconteceu? — pergunto apavorada, levantando rápido da cama para chegar perto dele.

— Não vou falar sobre isso — responde, frio.

As bochechas de Dante estão manchadas de vermelho e, o terno outrora tão bonito, está acabado. Dante ainda está chateado comigo por ter guardado segredos dele, imagine se soubesse o que estou prestes a fazer. Eu faço o que preciso para proteger minha família.

— Estava te procurando. Queria conversar sobre o que aconteceu ontem à noite – minto, sem fôlego. Dante anda até mim perturbado, parando nos pés da cama, a poucos centímetros de mim.

— Essa é uma péssima hora para vir aqui.

Fico sem palavras ao ver que a crueldade ainda está nos olhos dele. Me pergunto o que aconteceu para que chegasse em casa dessa

maneira, mas claro que não quero obter essa resposta.

Mesmo assim, a culpa corrói cada célula minha e o frasco com veneno começa a pesar uma tonelada no bolso de meu robe. Eu disse a verdade para ele ontem: eu estou envolvida. Por mais que soubesse o que tinha que fazer para consertar tudo, eu *não quero* matá-lo. Estava cada vez mais atraída por Dante e, vê-lo tão perturbado, só me dá vontade de cuidar dele, ao invés de acabar com sua vida.

Levanto da cama e começo a desabotoar a camisa suja dele. A visão das tatuagens de sua pele, cheia de cicatrizes e manchas de sangue é assustadora.

Seus olhos continuam em mim enquanto retiro sua camisa, botão por botão, atenta a sua face séria.

Eu me sentia tão perturbada quanto ele há minutos atrás. Eu tinha que matá-lo pelo bem de minha família e agora... eu só quero cuidar dele, principalmente porque parece tão perdido quanto eu.

Assim que a camisa deixa seus braços, Dante reage e me beija. Seus lábios investem contra os meus com precisão, provando minha boca cheio de malícia. Dante coloca suas mãos em minha bunda e me ergue, colocando-me em sua cintura. Envolvero-o com as pernas, sem parar de beijá-lo.

Dante caminha comigo em seu colo até o banheiro e entra no compartimento de banho. Ele me prende contra a parede e aprofunda o beijo ainda mais ao pressionar sua ereção em mim.

Ouçõ o barulho do chuveiro sendo ligado, mas só consigo prestar atenção em manter meu corpo colado no dele.

A água do chuveiro cai em nós, quando Dante desce seus beijos para meu pescoço. Fico sem fôlego e seguro em seus ombros para me manter no lugar.

O prazer se acumula no centro do meu corpo quando ele retira meus seios da camisola e chupa-os sem parar. Abaixo minha cabeça para olhar para ele, quando vejo o sangue misturado com a água do chuveiro em nossos pés.

— Vamos cuidar disso. Deixa eu cuidar de você.

Fingindo que nada está acontecendo, saio do box. Minha roupa está encharcada, o bolso do meu robe está cheio de água.

Ando longe dele com cuidado para que o frasco não caia das minhas mãos e tento jogar o líquido na pia do banheiro. A tampa tem um conta gotas e parece que demorará uma eternidade para que o frasco fique totalmente vazio.

Dante faz barulho, assustando-me. Paro o que estou fazendo e fecho o frasco bruscamente, antes de correr para o quarto, apressada. O vidro ainda está praticamente cheio, mas estou decidida a não usá-lo. Eu não posso fazer isso. Não sou capaz de matá-lo. Sou, de fato, uma infame.

Escondo o frasco atrás do abajur da cabeceira com rapidez. Faço o possível para que nenhum barulho denuncie o que estou fazendo e deixo para dispensar o restante do líquido depois. Não permito que minha mente divague demais, sei exatamente qual será a reação da minha família ao saber que não sou capaz de fazer o que pediram. Eu o queria vivo, ainda que não devesse. Jamais conseguiria terminar isso... é impossível

— Giulia?

Preciso me livrar do líquido assim que puder, penso, ao voltar para me juntar a Dante no banho.

— Vamos cuidar disso. Deixa eu cuidar de você. — Minha voz sai quase angustiada ao vê-lo. Dante dá uma boa olhada em mim e assente.

Viro de frente para ele com olhos decididos e puxo a camisola pelos ombros, deixando-a cair no chão lentamente.

Dante me devora com o olhar. Ninguém nunca me olhou como ele e isso faz com que eu seja mais confiante do que o comum. Quero ver seu olhar faminto, mais do que tenho vergonha ou falta de experiência. O medo de fazer tudo errado é a única coisa que me impede de ser ainda mais ousada com ele.

Ligo a banheira, sentindo seus olhos queimando em minhas costas e coloco uma boa dose de sais de banho na água. Quando a banheira está toda cheia d'água e espuma, Dante sai do chuveiro.

Meu coração bate sem parar na medida em que ele começa a retirar a calça e o restante das suas peças de roupa. Nunca havia visto um homem nu pessoalmente até me casar, então, ver Dante sem roupa, me deixa boquiaberta e eu nem consigo disfarçar. Talvez nunca deixe de ficar surpresa com a beleza dele.

— Gosto que seja toda inocente, ousada e decidida. Não há ninguém como você no mundo.

A doçura das palavras de Dante e ele todo sujo de sangue era uma disparidade imensa.

Ele está sendo gentil, porque percebe meu nervosismo. Apesar da fachada confiante, eu ainda não sabia muitas coisas... e isso me deixava ainda mais curiosa sobre tudo o que ele podia me mostrar.

— Dante, eu não mudei de ideia...

— Vou te ensinar tudo, *passione*. Não sinta medo — ele diz, olhando para meu peito que sobe e desce sem parar. — Vamos com calma.

Dante ergue sua mão para mim e eu aceito, com o coração pulando na boca. Entramos na banheira juntos, o que faz com que a água comece a cair pelas beiradas.

A água está quentinha, é um alívio para meus músculos tensionados demais pelo nervosismo. Pesquisei o suficiente para saber que preciso estar relaxada para que tudo aconteça tranquilamente, então sei que preciso me acalmar.

Pego a esponja e espalho um pouco de sabonete líquido antes de começar a passar no pescoço de Dante. Limpo as manchas em sua pele em silêncio, sentindo seus olhos em mim enquanto faço isso.

— Tem dias que eu detesto fazer meu trabalho — confessa, baixo.
— Hoje foi um desses dias.

Olho para ele, surpresa. Sei que essa é uma confissão que ele jamais poderia fazer, então paro o movimento da mão, tentando compreendê-lo.

— Soube que não mata mulheres e crianças... que prefere deixar seus subordinados fazerem isso.

— Não, não permito que meus homens façam isso. Nunca achei isso certo... as mulheres ainda são as principais cuidadoras das crianças da província e, bem, é errado tirar alguém tão importante para uma criança. Nem preciso falar o que penso sobre quem mata um inocente.
— Volto a circular a esponja em seu corpo, para que ele continue a se abrir.

Há uma dose de compaixão em cada uma de suas palavras, então me sinto ainda mais culpada com o que ia fazer ao ouvir aquilo. Decido mudar de assunto.

— Já imaginou como será sua vida quando assumir totalmente os negócios?

— Imaginar? Não. Eu tomo o que é meu. Já assumi os negócios, Giulia. Meu pai vive mais tempo em fuga e escondido do que no comando. Me nomear como chefe seria uma mera formalidade, sou eu que faço o trabalho dele na maior parte do tempo. — Ele me olha profundamente, se decidindo se deve confiar em mim ou não.

Passo a esponja em seu peito aguardando-o se decidir.

— O meu cargo seria de Gabriel, se... bem, eu não acho que esse ambiente combinava com ele. Meu irmão era uma boa pessoa, sem dúvida o melhor de nossa família e, dificilmente teria a frieza para fazer o que precisamos...

A menção a seu irmão faz meu corpo ficar rígido. Dante está confiando em mim, quando eu pensei horas atrás em traí-lo. Quero mudar de assunto, mas fico sem jeito.

— Ariella parece combinar com a máfia, no entanto — cito sua irmã, para mudar de assunto.

Eu não queria falar dela, eu precisava mudar de assunto. Dante ri da irmã e balança a cabeça em negação.

— Eu percebi que não se gostam muito. Talvez porque sejam parecidas — ele diz, com os lábios pressionados para não rir. — Minha irmã é como você, ousada e determinada, independente da circunstância. Acredite, ela gosta bastante do que faz. Principalmente por ser a única mulher na máfia, inclusive está me pressionando para aumentar o número de mulheres na família, quando eu assumir formalmente.

Os olhos de Dante se dilatam quando começo a descer a esponja por seu abdômen, curiosa em como seria tocá-lo ali. Dante solta um grunhido e segura minha mão.

— O que vou te ensinar hoje, *passione*? — pergunta, com os olhos incandescentes observando a mudança na minha expressão.

A onda de excitação se espalha pelo meu corpo, tomada de expectativa pelo que ele pode fazer comigo.

Fecho meus olhos, esperando-o. Dante segura minha cintura para me manter no lugar, antes de colocar a esponja em meus seios. Ele começa circundando com o objeto ali, com movimentos lentos que espalham circuitos elétricos pelo meu ventre.

Solto um gemido baixo, sem entender como algo tão banal pode fazer meu corpo entrar em combustão. Ele continua seu caminho por minha barriga, deixando meu corpo cheio de expectativa para que me toque onde preciso.

Dante sabe o que faz com meu corpo e que, a cada descoberta minha, seus olhos me dizem tudo o que pode me fazer sentir que ainda não sei.

— Tenho tantas coisas para te mostrar, *mia passione*. Feche os olhos e deixe seus instintos dominarem.

Faço o que pede e fecho meus olhos. Dante começa a descer a esponja com uma lentidão torturante. Me remexo um pouco e ele me segura com mais firmeza em minha cintura.

— Quero que sinta. Quero ser o primeiro e último a mostrar tudo para você.

Quando a parte áspera da esponja encosta onde quero, sinto cada terminação nervosa ficar sensível. Toda a minha atenção fica voltada para o que ele fará em seguida.

— Oh! Dante... o que está fazendo?

Dante sorri com malícia e começa a esfregar o objeto para cima e para baixo, faz o prazer se acumular gradualmente em meu corpo, até que começo a ficar mais à vontade e abro meus olhos.

Nossos olhares se encontram e ele gosta de me ver tão entregue.

Passo minhas unhas levemente por seu corpo, quando fecha os olhos, deixando-me ficar no comando também. Faço o que me ensina e deixo meus instintos tomarem conta, enquanto desço minhas mãos até estar com seu membro ao redor de meus dedos.

A pele dele é macia ali, constato, surpresa. É tão macia que tenho medo de machucá-lo e segurar com força demais.

— Giulia...você é ousada demais para uma virgem. Eu amo sua inocência assim como sua ousadia — ele diz, esfregando a esponja em mim com mais força.

Continuo inspecionando-o com os dedos, quando o envolvo completamente em minhas mãos. Dante morde os lábios com força e aumenta a fricção da esponja contra mim.

Observo-o perder o controle e soltar um gemido. Me sinto fascinada por proporcionar prazer a ele. Nunca imaginei que isso pudesse ser tão prazeroso quanto as sensações que ele provoca em mim.

Dante começa a investir com o quadril contra minha mão e eu o imagino fazendo o mesmo comigo. Minhas pernas ficam rígidas quando solta um gemido rouco e eu explodo em um clímax tão forte, que minhas pernas tremem sem parar ao sentir o membro de Dante se contrair em minhas mãos. Gozamos juntos.

O meio das minhas pernas está pegajoso e muito molhado por vê-lo sentir tanto prazer assim.

Segundos depois, os olhos de Dante se abrem e retornam ao foco.

— Foi bom? — pergunto, com a voz baixa.

— Não tenho certeza... — Ele me puxa, segurando-me pela cintura.
— Quero você na minha cama, agora... para testar se foi tão bom mesmo.

Passo minhas pernas ao redor dele, sentindo-o endurecer novamente embaixo de mim.

Dante me joga na cama e, por um segundo, posso jurar que seus olhos param no frasco no canto da mesa, mas ele logo olha para mim.

— O que foi? — pergunto, sentindo seu olhar em chamas sobre mim.

— Estou decidindo o que fazer. Você é tão ousada que não sei se começamos pelo nível iniciante, ou se te mostro tudo o que posso fazer você sentir.

Meu corpo vibra de expectativa e sei exatamente o que está falando. Da última vez, percebi que Dante estava se contendo.

— Quero tudo.

Dante inclina a cabeça e me olha de um jeito sacana, com um sorriso. Como se eu houvesse feito uma péssima escolha.

— Fique de pé e coloque os braços acima da cabeça — ordena, com o dedo no meu queixo.

Faço o que pede e o assisto me amarrar a cama, assim como fez da última vez.

A maneira firme que faz isso, me deixa ainda mais molhada do que já estou, como se fosse possível.

Assim que se dá por satisfeito, ao me ver atada de frente para ele, Dante fica bastante sério... quase assustador ao olhar para mim.

— *O que tem dentro do frasco?*

Sei que estou em maus lençóis só pelo olhar assustador que me atira. Ele sabe que eu fui ali para matá-lo e agora estou amarrada, totalmente indefesa diante de seu sorriso cruel.

Giulia



*"Vou beijar esses lábios; é possível que algum veneno
ainda se ache neles, para me dar alento e dar a morte."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 10

O silêncio esmagador toma o quarto enquanto luto para encontrar uma resposta convincente para Dante. O olhar dele muda do homem que eu conheço, para o mafioso cruel e desumano que eu nunca vi. Pela primeira vez, ele fica assustador *de verdade*.

— Vou perguntar novamente: *O.que.tem.no.frasco?* — Parafraseia, com o tom gélido.

Olho para ele por alguns segundos, a procura de uma resposta convincente.

— É um remédio... eu estava com um pouco de dor de cabeça e tomei um pouco.

Dante ergue a sobrancelha para mim e anda até a cômoda.

— Então, não se importa se eu beber um pouco, certo?

— *O quê? Não!* — respondo alto e rápido demais. — Não tome, por favor.

O medo de que ele tome o veneno, me faz tremer tanto que a corda balança em minhas mãos.

Seus passos ecoam pelo quarto, até que ele ergue o frasco à altura de seu rosto, olhando-o com atenção.

— Ontem eu disse que você era a única pessoa que não *era* capaz de torturar, falei a verdade, Giulia. Mudança de planos, preciso que saiba exatamente quem eu sou.

Meu corpo fica rígido e minha garganta fica seca imediatamente. Balanço meus braços para me soltar, o que prende meus pulsos ainda

mais.

— Se acalme, *mia passione*. — Ele se aproxima de mim, novamente. — Eu ainda nem comecei.

Dante está a um palmo de distância de mim agora. Suas pupilas estão dilatadas e sua postura está ereta ao me olhar dos pés à cabeça.

— Sabe querida, eu me senti terrivelmente atraído por você quando te vi pela primeira vez. Você é uma mulher impossível de compreender. Esperava que agisse como uma mocinha indefesa e recebi uma mulher ousada e confiante. Quando penso que finalmente desvendarei você, encontro mais uma camada.

Meu coração erra o compasso e eu desvio os olhos diante de seu olhar profundo. Dante parece saber muito mais sobre mim do que deveria.

Ele anda pelo quarto, circundando-me como um predador eriçado. Minha respiração está tão irregular, que luto para colocar o ar em meus pulmões.

— Giulia, você é impossível de prever e isso me deixa fascinado para saber qual será sua próxima jogada... — Dante ri e ergue a sobrancelha para mim. — Ninguém nunca te avisou para *não tentar matar seu marido mafioso, querida?* Pode ser perigoso.

Dante abre o frasco a centímetros do meu rosto. Ele começa a aproximar o frasco da boca e o desespero toma conta de mim.

— Eu *não* queria matar você... porque é o único que me vê de verdade. Pode achar que não me desvendou, mas está errado. Você é o único que eu deixei que visse quem eu realmente sou. Eu não consegui matar você porque quero conhecer suas camadas também — digo, balançando a cabeça.

— Quer me conhecer? — Ele ri. — Estou dolorosamente excitado por ter uma mulher tão frágil tentando me matar, ainda mais sendo a *minha própria mulher*. Ainda assim, está enganada sobre uma coisa... achou mesmo que eu *beberia isso sozinho, querida*? — Ele prende meus olhos nos seus. — Beberá comigo.

Dante vira metade do frasco em sua boca, com os olhos presos nos meus. Me balanço inutilmente para escapar e não adianta. Assim que engole ruidosamente, Dante ergue o frasco em meu rosto.

Balanço minha cabeça e prendo meus lábios um contra o outro. Dante me surpreende quando coloca o restante do líquido em sua boca e me beija, derramando um pouco dele em meus lábios.

Entreabro a boca para respirar e ele passa a língua na minha com o restante do líquido e dança sua língua na minha.

Sou fraca, porque mesmo diante do perigo, sou incapaz de não responder ao beijo dele. O perigo atenua ainda mais as sensações.

Dante é intenso, fascinante e perverso. Todas essas características dele que deveriam me assustar, me deixam ainda mais intrigada. Ele está certo, talvez o perigo me excite. Talvez eu me sinta exatamente como ele, quero desvendar cada uma de suas camadas.

— Primeira lição, quando tentar matar alguém: certifique-se de que ele não tenha o antídoto — ele diz, ao soltar seus lábios dos meus.

— Então é isso? Morrerei pelo veneno que tentei te matar? Nenhum: "*Adeus, querida, foi bom me casar com você?*" — grito para ele, perdendo o controle de vez.

Dante anda até suas coisas no chão e pega a adaga que está no coldre.

— Me casar com você foi diferente, já a surpresa de hoje foi agradável. Eu fui um cego. Enquanto você tramava me matar pelas minhas costas, tomei o cuidado de pedir para os empregados colocarem o antídoto em sua comida em todas as refeições para que sua família não te matasse. É irônico que eu pense em salvar sua vida enquanto você tenta acabar com a minha. Eu andava me sentindo culpado pelas coisas que já pensei em fazer contra a sua família, não tenho mais certeza se devo me sentir assim.

— Não quer que eu te agradeça, não é? — interrompo, irritada.

Fecho meus olhos quando ele ergue a adaga.

Caio no chão assim que a lâmina corta a corda que me prendia a cama. Bato com o tornozelo no pé da cama na queda.

— Agora que está tudo às claras. Que tal nos conhecermos primeiro? Uma trégua?

Viro meus pulsos em sua direção com o queixo erguido, quando ele sorri e corta a corda entre minhas mãos.

— O que quer saber? — pergunto, cautelosa.

— Você é uma mulher inteligente, Giulia. Sabe que sou eu o único que tem poder para te dar o que quer. Nosso casamento não foi uma escolha de nenhum de nós dois, ainda assim, sabe que ser uma Cattalano é o mais próximo de liberdade que uma mulher tem na máfia.

— O que acha que sabe sobre o que *eu* quero? Me casar com um mafioso?

Por um segundo, seu olhar fica ferido, mas ele logo se recupera e solta uma gargalhada ácida.

— Um marido normal, então? É isso que pensa que quer? — pergunta, sentando-se na cama. — Ficaria entediada em poucos dias.

Nós dois sabemos que o que quer de verdade é viver uma paixão ardente. Você quer o desafio, o frio na barriga... Quer viver uma paixão que faça você se sentir equilibrando-se numa corda bamba abaixo de um precipício, Giulia.

— O quê?

— É isso mesmo. Você quer um amor que te consuma e que te arrebate. Você gosta do perigo assim como eu gosto de ser perigoso. Se não fossem nossas famílias seríamos perfeitos um para o outro. Admita que é isso que quer. Você ama que eu seja o vilão, não o mocinho.

— Não é isso que quero. Está errado — minto. Dante sabe, porque ergue a sobrancelha para mim e dá um passo à frente.

— *Pare de mentir para si mesma! Veio até aqui ainda mentindo para si que iria me matar, sendo que nós dois sabemos que jamais conseguiria fazer isso, porque você me quer, Giulia.*

— Está errado, não sabe o que eu quero. Fomos criados para nos odiar, então não é uma surpresa que eu tenha pensado em matar você. Se... ficássemos juntos, estaríamos fadados a ter um casamento cheio de intrigas e sexo selvagem depois das brigas.

Dante se aproxima de mim lentamente. A adaga agora está dentro do coldre. A cada passo dele, me decido se devo roubá-la ou não. Eu poderia atirar nele e proteger minha família.

— Seria assim tão ruim? Dizem que sexo selvagem é fantástico.

Meu coração acelera quando nossos corpos estão muito próximos e eu sinto o calor do corpo de Dante próximo ao meu. Pego a arma do coldre e aponto-a para seu peito.

— Seria péssimo — respondo. — Eu quero mais do que isso.

Dante nem tenta retirar a arma de minhas mãos, simplesmente me prende na profundidade de seus olhos azuis, encarando-me com uma confiança inquietante.

— Então me mate. Acabe logo com isso. — Ele olha para meus lábios e segura a arma, pressionando-a em seu peito. — Nunca mais a beijarei. Não saberá como é me ter dentro de você.... nunca mais sentirá meu toque. Está certa. Crescemos e fomos ensinados a nos odiar. O que disse ontem mesmo? Ah! Disse que estávamos envolvidos. Então, se quiser, prossiga. Atire. *Du-vi-do* que consiga.

Minha visão fica borrada enquanto decido o que fazer.

— Acha que eu não tenho coragem de atirar? — Pressiono o cano em seu peito. — *Você não me conhece, Dante!*

— É isso que quero mudar. Quero conhecer você. — Ele inclina o corpo para a frente e o comprime contra a arma ao colar seu corpo no meu. — Durma comigo a partir dessa noite. Quero acordar com você ao meu lado. Se você mudar de ideia, pode me matar amanhã.

Devagar, incapaz de seguir meu lado racional, abaixo a arma. Meu coração salta quando Dante a retira da minha mão e passa a dele lentamente sobre meus lábios.

— Nossa trégua acaba amanhã — digo, engolindo o nó que se forma em minha garganta. — Agora me beija.

Seus lábios encontram os meus antes que eu termine a frase. É um beijo doce e lento. Dante coloca suas mãos em meu rosto e aprofunda o beijo sem pressa. Para mim, é uma despedida.



A mudança do clima do quarto foi de assustadora para excitante em uma fração de minutos. Eu queria que as coisas fossem fáceis, queria que pudéssemos ter uma vida comum, que ele fosse um homem comum e não o subchefe da máfia que eu aprendi a odiar.

Eu sabia que era impossível, mas não podia deixar de esperar pelo melhor. Eu não podia matá-lo.

— Dante, prometo que nunca mais pensarei em fazer isso. Eu desisti. Jamais conseguiria matar você. Eu o quero mais do que tudo.

Ao invés de ficar feliz com minhas palavras, Dante parece quase... *culpado*. Isso dura só um segundo, logo seu olhar me estuda, como se ele tentasse me decifrar, medindo se digo a verdade.

Não ousou desviar o olhar, eu quero que ele saiba que jamais conseguiria fazer nada contra ele.

— Você tem certeza? — finalmente pergunta, ainda cauteloso.

— Sim, mas isso não quer dizer que não protegerei minha família.

Uma expressão de alegria toma seu rosto, nunca o vi assim.

— O que isso quer dizer sobre nós dois?

— Quer dizer que nunca me apaixonei por ninguém antes.

— *E eu nunca pensei em dar minha vida para proteger ninguém antes.*

Foi um alívio finalmente dizer a Dante como me sentia, e um alívio ainda maior quando vi que sente o mesmo. Eu estava preocupada que ele me rejeitasse por causa de quem eu era, mas, em vez disso, ele disse que me protegerá. Soube então que tinha tomado a decisão certa ao aceitá-lo.

— Me mostre o que é capaz de fazer, Sottocapo. — Ergo meu queixo para ele, tocando seus olhos nos meus.

Nossos lábios se mexem perfeitamente em sincronia, e eu nem mesmo percebo quando as mãos dele começaram a se movimentar para baixo de minha blusa ou quando começamos a nos beijar. Eu o seguro com força ao sentir sua boca se mover para o meu pescoço. Estou ofegante, e minha respiração está falhando quando sinto suas mãos descenderem para as minhas costas.

Ele me puxa para mais perto, e eu me sinto completamente consumida pelo calor do seu corpo. Eu não sei o que está acontecendo, mas estou completamente arrebatada. Tudo que sei é que quero mais.

— Você está pronta para isso, Giulia?

Sei que está se referindo a minha virgindade. Eu não tenho dúvida alguma do que quero depois de admitir para ele e para mim mesma o que sinto de verdade.

— Estou.

Dante me beija com intensidade e eu devolvo o beijo. Em resposta, ele agarra meus seios. Perco o fôlego quando desce sua boca pelo meu corpo e arranha minha pele com seus dentes.

— Teremos que ir devagar. Acho que vou ter que controlar o tesão que sinto por você.

— Não quer me fazer sua?

— Você já é minha.

Apenas balanço a cabeça em sinal afirmativo, e vejo a satisfação estampada em seu rosto, antes de me beijar com delicadeza. Seus

lábios descem para a minha clavícula, deixando um rastro quente por onde passa.

Dante desce até meus seios devagar, olhando-me a todo momento para ver se estou confortável. Meu coração se aquece com o gesto dele. Eu jamais pensei que ele seria tão cuidadoso, principalmente depois do que fiz. Era como se tudo o que aconteceu, retirasse nossas máscaras, nossos medos e nosso passado.

Dante não para. Suas mãos começaram a se movimentar para puxar meus seios para ele, em seguida, mordisca meu mamilo e o suga sem parar. Uma corrente elétrica percorre meu ventre, deixando-o pesado com todas aquelas sensações.

Arquejo, fecho meus olhos completamente e perco o contato visual por um segundo. Dante continua a brincar com meus mamilos, até que começo a me contorcer por mais.

Ele volta a descer pelo meu corpo, beijando minha pele até ficar parado no meio das minhas pernas e me olha profundamente.

Solto um grito quando ele coloca a língua em meu clitóris sem cortar o contato visual comigo. Me desmancho entre gemidos, lamúrias e súplicas. Ele não para, somente me tortura com sua língua sem parar, olhando-me para assistir o prazer que me dá.

— Ai, Dante... que gostoso.

Estou ofegante, minha respiração está falha ao sentir suas mãos nas minhas coxas.

— Você tem uma boceta tão linda. — Ele para e olha para o meio das minhas pernas. De repente, coloca o dedo em meu clitóris, circundando-o uma vez. — Tão molhada, *passione*. Vou precisar que esteja menos apertada para eu entrar em você. Posso? — pede, com o

dedo parado na entrada do meu canal vaginal. — Assinto, sem encontrar minha voz.

Dante enfia o dedo em mim sem quebrar o contato visual. Fecho meus olhos por um segundo, sentindo o ardor pela invasão.

— Olhe para mim, Giulia. Sempre olhe para mim.

Começo a fechar minhas pernas em um gesto involuntário e ele percebe que estou com dor e volta a me lambe, fazendo-me esquecer da ardência de vez.

Minhas pernas começam a tremer quando ele começa a chupar meu clitóris com mais intensidade e eu solto um gemido irreconhecível do fundo da minha garganta.

Meu corpo está prestes a entrar em combustão. Dante nota que estou gostando e movimenta seu dedo dentro de minha vagina, fazendo com que eu fique quase no limite.

— Tem certeza? — pergunta. Solto um ruído de reclamação quando ele para o que faz. Assinto com a cabeça, louca para que continue.

Dante sobe lentamente, beijando meu corpo até o pescoço. Ao subir em cima de mim, seus dedos seguram meu cabelo, me fazendo olhar em seus olhos. Arquejo, quando ele pressiona sua ereção contra mim. Dante se afasta um pouco sem quebrar o contato visual e então, lentamente, ele me penetra. Seus dedos ainda estão em meu cabelo e nossos olhos nunca se deixam, Dante quer ver o que é capaz de me fazer sentir.

Sinto um pouco de dor, mas Dante se move devagar, me dando tempo de me acostumar.

— Está tudo bem? — ele pergunta, e eu assinto, antes de ele me beijar com delicadeza.

Lentamente, move seus quadris mais uma vez, sem parar de me beijar.

A dor faz com que eu feche meus olhos com força. Dante passa a mão pelo meu cabelo e me acaricia, eu relaxo mais um pouco. A ardência diminui ainda mais quando me beija e se movimenta no mesmo ritmo.

— Você tem uma boceta tão apertada — Dante diz, e eu sinto seu membro pulsando dentro de mim. — Você é tão perfeita.

Sei que ele está tomando cuidado para não me machucar e tento me mover embaixo dele para me acostumar a sensação de tê-lo dentro de mim. É indescritível.

– Quero foder sua bocetinha até o fim – fala em meu ouvido, ao arremeter levemente contra mim e conseguir me penetrar profundamente. – Você é linda.

Devagar, começamos a nos mover juntos e a dor se transforma em prazer. Dante acelera um pouco o ritmo. As sensações são tão intensas que eu não sei mais onde termino e onde ele começa. Eu me sinto tão completa que quase choro. A dor permanece, só que sem estragar o momento.

Nossos gemidos vão ficando cada vez mais altos. Dante segura meu cabelo de novo e me olha profundamente, intenso, tomando tudo de mim.

– Goze no meu pau, amor – ordena, com um rugido em meu ouvido.

Isso é o suficiente para que o mundo comece a desabar ao nosso redor quando atingimos o ápice juntos. Dante pulsa dentro de mim, jorrando-se de prazer.

Acabo de ter o momento mais incrível da minha vida. Nunca pensei que aquilo poderia ser tão bom. Foi doloroso, mesmo assim, foi incrível. A maneira que Dante foi carinhoso comigo, fez com que fosse mais fácil e tenho a certeza de que somos perfeitos um para o outro.

Nossos lábios se encontram e nossas línguas se entrelaçam. Nossos corpos estão quentes e seus braços me envolvem. Eu não quero que o momento termine, mas acabou. Dante se afasta e me olha nos olhos por um tempo interminável.

Logo depois, ele sorri e me beija novamente. Sua boca está quente e úmida e eu me sinto envolvida pelo seu calor novamente. Nos beijamos apaixonadamente mais uma vez, até que me dou conta do que aconteceu e me afasto.

— O que foi? — pergunta, parecendo preocupado.

— Isso não pode mais acontecer.

— O que não pode mais acontecer? O sexo?

Me apresso para responder, sem pensar no que vou falar

— Não, não podemos mais... sem camisinha. É muito perigoso. Eu não quero ter filhos.

Dante sai de cima de mim como se tivesse levado um choque e fica em silêncio por um longo tempo. Começo a ficar nervosa. *O que ele está pensando?*

Fiz exames antes de me casar e ele também. Inclusive, tivemos que assinar um termo de responsabilidade para que nunca tivéssemos relação sexual com outras pessoas, já que poderia ser um risco de

saúde para nós dois. Então, ele nota que meu medo é justamente sobre ter uma criança.

— Como assim "não quer ter filhos?" — questiona. — Por que não disse isso antes do casamento?

Eu fico chocada com a pergunta. Nunca pensei que Dante realmente quisesse ter filhos. Penso na resposta por um longo tempo antes de falar.

— Como eu saberia que você queria tê-los? Não vou colocar uma criança no mundo só para ser um herdeiro do seu império.

Dante fica chocado com a minha resposta.

— Você realmente acha que eu só quero um herdeiro?

— Eu só sei que eu... não quero ter um filho na máfia.

— Você não precisa se preocupar com isso. Não vou colocar nossos filhos na máfia.

— Quem disse que teremos filhos? Além disso, você vai ser o chefe da instituição! Se tivermos uma filha, ela provavelmente terá um casamento arranjado. Se tivermos um menino, ele um dia será o chefe, assim como você. Sabe como são as coisas! Sabe que sofrerá pressão se não seguir a tradição — digo, chocada com que ele pense diferente.

— Você acha que eu faria isso se não fosse obrigado?

— Dante, isso não é uma vida para uma criança. Deixe o seu império para outra pessoa.

— É meu dever proteger a minha família, dar vida a ela.

— Isso não é uma vida.

Dante fica em silêncio por um longo tempo, pensando na situação.

— Eu sei.

Nunca pensei que esse poderia ser um problema entre nós dois, ainda mais depois do momento maravilhoso que tivemos juntos. Quando vejo o olhar distante dele, sinto que há um abismo entre nós novamente, então me levanto e visto meu robe.

Involuntariamente, viro minha cabeça para ler sua expressão e meus olhos caem sob o lençol manchado de sangue, prova da perda da minha virgindade.

Dante nota o meu olhar e puxa o lençol sobre o seu corpo.

— Bom, é melhor eu ir para o meu quarto.

Dante segura no meu braço e nossos olhos se encontram por alguns segundos.

— Você não precisa ir.

— Acho melhor.

Dante fica sério novamente. Assinto sem dizer mais nada e saio dali mais confusa do que nunca. Quando chego em meu quarto, me sinto sozinha, perdida e sem saber o que fazer.

Surpreendendo-me, Dante bate em minha porta.

— Posso entrar? Tem certeza que não quer dormir comigo esta noite?

— Eu preciso de tempo para pensar nisso tudo, Dante.

— Tudo bem. — Seu suspiro é audível através da porta. — Temos um compromisso. Preciso que esteja pronta. Amanhã cedo você conhecerá meu pai.

Aquelas palavras me assustam mais do que qualquer coisa que ele já tenha dito. Amanhã conhecerei o homem que mais temo no mundo, o chefe da máfia inimiga.

Giulia

"O ódio dá muito trabalho por aqui; mas mais, o amor. Então, amor briga! Ó ódio amoroso! És tudo, sim; do nada fostes criado desde o princípio."

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 11

Passei a noite inteira dormindo e acordando, inquieta. Até que finalmente decidi que o melhor era recusar o convite e não conhecer o pai de Dante. Domingo era o dia em que minha família tinha uma tradição que nunca era quebrada, íamos à missa da igreja e depois almoçávamos juntos. Era exatamente isso que eu iria fazer. Eu não me importo se isso irritar o chefe da máfia rival.

Depois de tomar um banho, coloco um vestido tradicional e vou para a igreja. Dante não me vê sair, provavelmente ainda está dormindo. Eu sabia que ficaria irritado com minha ausência, mas eu queria um tempo para mim.

Minha família fica chocada com minha presença. Nenhum deles fica feliz em me ver ali.

— *O que você está fazendo aqui?* — meu pai pergunta surpreso.

— Vim fazer o que faço todos os domingos: rezar e passar um tempo com minha família.

— Não é mais bem-vinda nas tradições familiares, Giulia. Você é um deles agora. Volte para sua casa — minha mãe intervém, ao observar a feição contrariada de meu pai.

Engulo a frustração e corro meus olhos pela igreja, em busca do que fazer.

— Eu vou rezar — digo, finalmente. Meus pais suspiram e concordam.

Vou até o altar e me ajoelho, começando a oração. Não consigo me concentrar, estou muito irritada com eles. *Como puderam me excluir da*

família tão facilmente?

Minha mãe se senta ao meu lado e coloca algo em minha bolsa. Não sei o que é, mas não tento descobrir, concentrada em manter as lágrimas longe dos olhos.

— Giulia? — Ouço uma voz masculina chamando por mim.

Meus olhos se arregalam ao ver Dante ali, parado na entrada da igreja. Não satisfeito com o choque de minha família, meu marido se aproxima de mim diante de todos e me beija.

— Bom dia, amor — diz, dando um sorriso para mim como se nada estivesse acontecendo. — Vim te buscar.

— O que você está fazendo aqui, Dante? — pergunto, com a voz fraca.

— Vim te pegar, eu disse. — Ele bate os dedos na perna. — Procurei e não te encontrei em casa e, já que aceitou o meu convite ontem, vim te buscar. Imaginei que era costume da sua família vir à missa, então achei que talvez você estivesse aqui.

— Não quero que ela volte, Cattalano, você não deveria ter permitido que essa infame viesse — meu pai diz, com a voz cheia de raiva. — Giulia não é mais bem-vinda na família.

— *Retire o que disse agora!* — Dante reage, com um tom frio.

Meu marido não se abala fácil, nem mesmo para meu pai. Uma parte de mim sente orgulho ao constatar isso.

— Não retirarei nada. Ela não é mais bem-vinda aqui! É uma infame, então agora é uma das suas! — meu pai grita, apontando para Dante.

— *Não fale assim com ela!* — Dante grita de volta. — Ela é minha esposa e se não a tratar com o respeito que merece, se não retirar suas

palavras agora, eu coloco uma bala na sua cabeça — ameaça, baixo.

Era importante para a máfia se manter em discrição, dificilmente acontecia algo assim diante do público. Então, obviamente, minha mãe intervém antes que seja tarde demais.

— Dante, vá embora — sussurra, com a voz trêmula. — Você está causando um escândalo.

Assim que meu marido se vira para meu pai novamente, minha mãe mexe novamente na minha bolsa, tão rápido que ninguém nota.

— Eu não vou embora até que você retire o que disse! — Dante diz, com a voz firme.

Não sei quanto tempo ficamos ali parados, mas finalmente digo:

— Não me importo mais, quer saber? Estou melhor longe de todos vocês! — minto, sentindo meus olhos marejarem.

Isso dói. Faço o que posso para não deixar transparecer. Dante me envolve em um abraço e me ajuda a levantar. Ele beija minha testa antes de me guiar para fora da igreja.

Ninguém fala quando saímos, mas eu sinto o olhar reprovador de todos sobre mim.

Assim que entramos no carro, é como se todos os nossos problemas voltassem. Sei que a briga de ontem ainda não foi esquecida e isso faz tudo ficar ainda pior.

— Vamos até a casa da minha família. Eles estão esperando.

— Você não está entendendo. *Eu não quero ir!*

— Compreenda a gravidade da situação, Giulia! — ele ordena, perdendo a paciência. — Você precisa conhecer o meu pai, caso

contrário, nunca vamos ser aceitos. As coisas nunca vão mudar se você não for.

— As coisas nunca vão mudar, Dante! — grito novamente.

— Então é isso? Ontem você disse que não queria ter filhos. Ou será que você não quer ter filhos comigo? E hoje, se recusa a ir até a casa da minha família.

— Eu não quero ter filhos com você! É um mafioso, Dante!

— E daí? — diz, com a voz fria. — Você também nasceu em uma família de honra. Para qualquer pessoa comum, você também é uma mafiosa.

— Não — digo, baixinho.

— Você está certa. Você não é uma mafiosa. Você não tem a crueldade necessária para fazer o que precisa ser feito.

— Não me diga o que tenho ou não coragem de fazer — rebato.

Nós nos encaramos por um longo tempo, sem dizer mais uma palavra. Dante fica tão bravo quando eu me recuso a fazer parte da família dele. Posso ver a raiva em seus olhos e sei que não é um bom sinal. Sua mão está apertando o volante tão forte que seus dedos estão brancos.

Ele dirige até a casa dos seus pais mesmo com minha recusa, sabia que não ia adiantar brigar. Eu sentia que não pertencia a lugar algum.

As portas da mansão se abrem assim que estacionamos.

Um homem alto e tão forte quanto Dante, vem em nossa direção. Nunca o vi pessoalmente, mas sei que é o pai dele porque vi nas fotos.

— Você veio — enuncia, com um tom frio.

Tommaso Cattalano tem os olhos tão azuis quanto os de Dante. Seu cabelo é totalmente grisalho e tem o porte mais atlético do que as pessoas de sua idade, imagino que era um homem muito bonito quando jovem, já que Dante, Rafael e Ariella são muito parecidos com ele.

— Eu disse que viria — Dante responde, sua voz permanece fria.

Tommaso não parece convencido. Está claro que não esperava que eu realmente viesse.

Duas crianças interrompem a conversa, o que eu agradeço. Um menino e uma menina correm até Dante, agarrando suas pernas.

— Você veio. Papai disse que você não ia vir — a menina diz, parece bastante esperta.

Tem o cabelo loiro como o de Dante e é bastante parecida com ele, parece até que o destino está me pregando uma peça.

— Claro que eu vim, pequena. — Os lábios de Dante se erguem levemente e ele olha para ela com carinho.

— Eu te disse que ele viria — o menino retruca, com um sorriso. — Você sempre cumpre suas promessas. É hoje que vai me deixar usar a arma?

Dante ri e os abraça. Depois, dá um olhar sério para o menino.

— Você não consegue nem acertar o vaso sanitário ainda.

— É o que minha mãe diz para ele também — a menina interrompe.

O pai de Dante continua ali, observando a interação e logo joga um olhar frio para mim.

— Quem é a garota? Ela pode ser minha namorada quando eu for um homem de honra? — o menino pergunta.

Dante pareceu tão entretido com as crianças que esqueceu de me apresentar. Dou um sorriso para as crianças, grata pela interação normal.

— Esta é a Giulia, minha esposa. Ela não é para o seu bico, bambino — ele diz e vira para mim. — Estes são Matteo e Aurora, meus primos por parte de pai, filhos do meu tio Giuseppe.

As crianças parecem ter entre cinco e sete anos, o que é confuso, já que o irmão de Tommaso não deve ser tão jovem assim, me pergunto se sua esposa é nova para terem crianças tão pequenas. Ambos sorriem para mim, já o pai de Dante age de maneira diferente.

— Não vamos ficar aqui na porta. O almoço está servido, acompanhem-me.

As crianças nos guiam até o jardim, onde o almoço está sendo servido em uma grande mesa. Há muitas pessoas ali, só reconheço a mãe de Dante e seus irmãos. O único que sorri ao me ver é Rafael.

As crianças se aproximam de uma mulher com cerca de trinta anos, ao lado de um homem muito parecido com Tommaso, imagino que sejam os pais das crianças.

No entanto, ninguém me apresenta e evitam falar comigo. Fico distante e eles não fazem nada para mudar isso.

— Giulia, você pode sentar aqui. Dante, por favor, sente-se próximo *a sua família* — Tommaso diz.

O pai de Dante está usando isso para me chatear? Espero que Dante recuse, mas isso não acontece. Ele ainda está irritado comigo.

Me sento sozinha, longe de todos, no canto da mesa. É como se o dia fosse uma provação de que eu realmente não pertenço a lugar algum, como se tudo fosse para me provar o quão sozinha estou.

Remexo no prato com a cabeça baixa e finjo comer. Todos eles conversam entre si, enquanto eu seguro a vontade de chorar mais uma vez. Dante percebe isso e ameaça se levantar, mas eu levanto da mesa antes disso.

— Já terminei. Com licença! — digo, para ninguém em específico.

Caminho até o outro lado do jardim, perto de onde as crianças voltaram a brincar. Elas estão tão entretidas que não me notam ali. Ninguém nota, meu subconsciente acrescenta.

De repente, vejo algo brilhante na mão do Matteo, o primo de Dante. Ajusto minha visão até que vejo que se trata de uma arma.

Reajo antes que meu pensamento compreenda completamente o que acontece.

— *Não, Matteo!* — Jogo-me em cima de Aurora para protegê-la.

Eu entro em pânico, quando Matteo larga a arma. Assim que o revólver bate no chão, a arma dispara. A partir daí, só consigo ouvir gritos.

— *Giulia! Giulia!* — O grito de Dante soa mais alto do que os outros.

— *Aurora? Matteo?*

Olho para as crianças e vejo que estão bem. Assustadas, mas bem.

— Achei que a arma ia cair e atirar em mim! — Matteo diz, chorando.

— Giulia, está tudo bem? — Dante me ajuda a levantar. Ignoro o que diz e me viro para as crianças.

— Você está bem? — pergunto a Aurora e depois a Matteo.

— Tudo bem — ela diz, mas começa a chorar, assustada.

Já Matteo, se vira para o meu marido.

— Desculpe, tio D-dante — Matteo sussurra, entre os soluços.

De repente, todos estão ao nosso redor. Inclusive, o pai de Dante, que grita.

— Eu sabia que ela não deveria ter vindo! *Uma Pellegrini só pode trazer desgraça a nossa família!*

— Matteo e Aurora estão bem! — Dante diz, friamente para o pai.

— Você não acha que a culpa é dela? — o pai de Dante diz, retirando a arma do coldre e a apontando para mim.

— *Pare de apontar a arma para a minha esposa, porra! Como você pode fazer isso? Ela salvou a vida deles!* — Dante grita de volta.

— E-eles estão bem... — digo, tentando acalmar todos, principalmente a mim mesma. Por um segundo, pensei que as crianças iriam se machucar.

Em qualquer outra circunstância, eu teria respondido Tommaso à altura que merecia, no entanto, as crianças estão tão assustadas. *Eu* ainda estou chocada.

Sinto a mão de Dante em meu braço.

— Vamos, Giulia.

— *Espere! Você não pode simplesmente ir embora!* — Tommaso interrompe, ainda apontando a arma para mim.

— Papa, por favor — Teresa Cattalano implora. Me surpreende a mãe de Dante me defender do marido. — Deixe a Giulia e vá com Dante até o escritório. As crianças já estão assustadas.

— A culpa é *dela!*— Tommaso grita, ficando fora de si. — Venha, Dante.

Sigo-os para dentro, ainda com o coração acelerado pelo que aconteceu do lado de fora. Fico na sala sozinha, enquanto todos vão para o escritório. Consigo ouvir todos os gritos:

— Você precisa fazer alguma coisa! Prometeu que daria um jeito nisso. A sua esposa prejudica esta família! Ela quase matou os filhos de Giuseppe!

— *Fale baixo!* — Dante responde, no mesmo tom. — *Ela salvou as crianças!*

— Você acha que ela não vai fazer isso de novo? Você não está vendo? Ela está tentando separar você de nós!

— Tommaso, se ela repetir o que fez, estarei grato. A garota salvou meus filhos. Giulia é uma Cattalano, deixou de ser uma Pellegrini quando se casou com Dante.

— Não ouse defender esta maldita em minha casa, Giuseppe. Está vendo como ela serve para separar todos nós? Já está me fazendo brigar com meu próprio irmão!

— *Pare com isso, pai!* — Dante intervém. Pelo tom frio de sua voz, noto que está quase sem controle.

— Não esqueça do seu juramento, Dante! — Tommaso grita, irritado.

— *Fale isso baixo! Já chega!*

Ouçõ a porta sendo batida e finjo que não ouvi nada. Dante vem até mim, com olhos preocupados

— Giulia, eu sinto muito. Você está bem?

Assinto, sem dizer nenhuma palavra. Acho que ainda estou em choque.

— Vamos, Giulia — Dante chama, firmando sua mão na parte baixa das minhas costas, acompanhando-me.

No carro, Dante vira seu rosto para mim. Ele parece perturbado e curioso ao mesmo tempo.

— Por que entrou na frente da arma? *Por que salvaria um de nós?*

— Porque eu não podia permitir que as crianças se machucassem — falo, baixinho.

— Você não precisava fazer isso — ele diz, surpreso. — Sinto muito se eu não entendi você perfeitamente, Giulia. Você os salvou, lutou... e agora, eu farei o mesmo. Lutarei por nós dois.

Tudo o que ouvi do pai de Dante foi o suficiente, ele seria um problema. Sabia que não poderia contrariar um chefe da máfia e que tinha um alvo ainda maior sobre mim. Enquanto dirigimos para casa, me pergunto porquê tudo tem que ser tão complicado.

Giulia



"Meus intuitos a esta hora são selvagens, mais violentos e inexoráveis ainda do que o tigre faminto e o mar revoltoso."

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 12

O caminho até nossa casa é diferente. Não, Dante está diferente depois do que aconteceu. Ao dirigir pela cidade, suas mãos continuam em minha perna em um gesto de apoio. Seu olhar preocupado pousa em mim a cada parada no sinal de trânsito.

Não sei o que esperar de nossa relação depois que nossas famílias ficaram ainda mais envolvidas. Dante mexe comigo de um jeito que ninguém jamais conseguiu e isso me deixa nervosa. Parte de mim quer correr para longe dele e do perigo que representa, mas a outra parte... Bem, quer correr em direção a ele justamente por isso, dominada pela atração e o perigo que ele exerce sobre mim.

Estou dividida, mas sei que preciso ter cuidado. Não posso permitir que meu coração domine minha cabeça nesta situação. Dante é perigoso, ele me lembra disso a cada segundo, e eu preciso me lembrar que ser perigoso não é atraente, apesar de meus hormônios dizerem o contrário.

Não quero pensar muito no que aconteceu, mas é inevitável não me preocupar com as crianças. Todos nós que crescemos nesse mundo, sabemos que problemas como o que aconteceu hoje é comum, mesmo assim, não consigo deixar de pensar que isso só prova que eu gostaria de viver em um mundo diferente, onde as crianças brincam com brinquedos e sonham com um futuro melhor, não ficam contando os dias para quando empunharão uma arma.

Ainda processo tudo o que aconteceu e tento manter a cabeça no lugar. Não posso permitir que meu desejo por Dante me faça esquecer do perigo que ele e seu mundo representam para minha família.

— No que está pensando? — pergunta, quando estamos próximos de casa.

— Na minha família e, na maior parte do tempo, em nós — respondo, sem pensar.

Dante para o carro no meio da rua e se vira para me encarar. Seus olhos se arregalam de surpresa e sua boca se abre, mas não fala nada.

— Você faz com que eu me sinta diferente quando estou com você. Eu me recordo do dia em que meu pai me fez prometer que nunca me envolveria com um Cattalano — continuo, com a sensação estranha por ter sido tão honesta. — Não sei o que esperar de nós, de nossas famílias, ou de mim.

— Quer dizer que seu próprio pai não te conhece? Porque até *eu* sei que proibir algo a você te instiga ainda mais. — Dante me dá um olhar. — Eu também não me envolveria com uma Pellegrini. Guardei por muito tempo a mágoa pelo que sua família fez, ainda assim, a partir de agora, estou disposto a tentar fazer dar certo. Você não é uma Pellegrini ou uma Cattalano. Você é minha. Minha Giulia.

Eu o encaro, surpresa com sua franqueza. Dante não é do tipo de homem que costuma revelar seus sentimentos, então suas palavras me deixam ainda mais confusa. Não sei o que fazer com ele, mas sei que preciso tomar cuidado.

— Não fique nervosa. Minha família *amou* você — ironiza, olhando-me de lado.

— Isso não é engraçado, Dante — respondo, franzindo a testa.

— Não, não é mesmo. Bem, talvez um pouco. — Ele ri, dando de ombros. — Ainda assim, é injusto. A maior parte dos problemas, são nossas famílias, não problemas nossos.

Não sei o que dizer para isso, então apenas fico quieta. Dante está certo, aquilo não é justo, e isso nunca foi tão claro para mim quanto agora. Tudo o que eu queria era uma família que me amasse, mas acabei me apaixonando pelo filho do inimigo. A partir disso, eu seria a infame, a renegada. Eu me apaixonei pela única pessoa que minha família odiaria. É engraçado como a vida pode ser irônica.

— Um dia irá me contar sobre o que viu na boate e porquê encontrei o veneno em suas coisas?

— Acabou a nossa trégua? Não podemos deixar esses assuntos e nossos problemas familiares para depois?

— Bem, os almoços de família acontecem uma vez por mês, então a trégua continua até lá, a não ser que *tente me matar* — Ele ironiza e me olha de lado. — Acho que podemos aproveitar esses próximos dias sem falar sobre coisas que envolvem eles.

— *Isso é uma desculpa para tirar minha roupa, Sottocapo?*

— Como você soube? — Dante finge surpresa, com um olhar engraçado. — Quem disse que preciso de desculpa para isso? — diz, com um sorriso safado nos lábios. — Ainda assim, adoro a forma como você pensa.

Dante estaciona o carro em nossa garagem e desliga o motor. Não falo nada quando ele vira para me encarar, meus olhos estão presos em seus lábios. Posso ver o desejo em seus olhos e sei que está pensando na mesma coisa que eu.

Assim que chegamos no meu quarto, Dante me dá um sorriso sem vergonha e, antes que eu consiga piscar, suas mãos estão em cada lugar do meu corpo, apertando e retirando cada peça de roupa que encontra pelo caminho. Aproveito a distração e deixo de lado todos os problemas, me concentro em cada sensação de meu corpo.

Dante me deita na cama e começa a me beijar, descendo pelo meu corpo. Sua boca está quente e úmida ao descer até meu pescoço. Sua mão firme segura meus seios e sua língua encontra meu mamilo logo depois. Arqueio as costas, oferecendo-o para sua boca.

Meu corpo está ardendo de desejo e preciso de mais. Enquanto suga e chupa meus mamilos, sua outra mão segura minha cintura para me manter no lugar.

Sinto seu membro pulsando contra minha perna. Solto um gemido ao sentir sua ereção pressionada contra mim. Dante reage ao som e dá um tapa possessivo em minha bunda.

Isso é o suficiente para que eu comece a retirar cada peça de roupa de seu corpo e vê-lo totalmente nu. Estou consumida pelo anseio inebriante de aplacar a excitação que se acumula em meu corpo.

Quando estamos ambos totalmente nus, sinto seu membro pressionar o meio das minhas pernas. Espero que dessa vez eu consiga aproveitar mais e que a dor seja menor. Mas, logo esqueço o medo, porque Dante começa a circundar seu dedo em meu clitóris com a ereção pressionada contra mim. Arqueio as costas para aproveitar ainda mais seus toques e ele segura meu cabelo com a mão livre.

Dante segura meu cabelo firme para que eu olhe para ele. Assim que meus olhos encontram seu olhar profundo, Dante me penetra de uma única vez. Solto um gemido alto diante da intensidade dele.

Ele entra mais uma vez em mim e eu solto outro gemido do fundo da garganta. Seus olhos ficam intensos ao olhar para mim e ver o prazer que está me dando.

— Dante... — balbucio seu nome, cravando minhas unhas em suas costas.

— Você gosta, não é? — pergunta, com a voz rouca. — Quer mais?

Dante arremete contra mim mais uma vez, aumentando a intensidade e me penetra mais profundamente, e eu solto um gemido alto ao senti-lo.

Me contorço e agarro seus cabelos.

— Mais forte, Dante.

— Forte assim? — Dante me penetra mais cru e rápido, quase chego ao limite.

Ele me dá um sorriso safado ao ouvir meu gemido ficar cada vez mais alto. Ele continua com sua mão firme segurando meu cabelo, fazendo-me olhar para ele.

— Ai, Dante... que gostoso.

— Gostoso, é? Então eu vou fazer ainda melhor. *Você quer?*

Rebolo embaixo dele em resposta.

— Sim, Sottocapo — gemo seu nome.

Dante me dá um olhar sem-vergonha e puxa meu cabelo levemente antes de me prender com o olhar.

— Tem que fazer exatamente o que eu mandar. Eu vou começar a foder você com mais força, e você não vai gemer. — *O que ele disse?*

— Hum.

Dante volta a entrar em mim sem parar, aumentando o ritmo ainda mais. O som de nossas peles se chocando ecoa pelo quarto e eu me perco. Não consigo conter o gemido involuntário.

— Eu disse para você não gemer!

— Eu sei, mas é tão gostoso! — balbucio, sem fôlego.

Levo meu corpo de encontro com o dele, sentindo o prazer se acumular em meu ventre quando ele arremessa seu corpo contra o meu mais uma vez

— Você vai me fazer parar se continuar gemendo — sussurra em meu ouvido. — E eu não quero parar.

— Ok, ok. Vou ficar quieta.

— Que boceta gostosa, amor — Dante sussurra em meu ouvido. — Você está me engolindo inteiro.

Ele continua estocando em mim com força e eu fico quieta. Mas estou gemendo por dentro, ainda mais depois de ouvir todas as obscenidades que ele diz com a voz rouca em meu ouvido.

Cravo minhas unhas em suas costas para segurar o gemido. Minhas pernas ficam rígidas e meu corpo começa a apertar em volta de seu membro involuntariamente.

— Isso, amor. Pode gemer agora — ordena, aumentando o ritmo e me penetrando profundamente. — Goze para mim, Giulia.

Não demoro muito para atingir o orgasmo e grito seu nome quando sinto meu corpo explodir. Ele também goza e cai ao meu lado, ofegante.

— Uau — suspira. — Você é tão perfeita.

— Você também, Sottocapo — respondo, com a voz rouca.

Dante me beija e me leva até o banheiro. Tomamos um banho juntos.

— Vou me vestir. Ele diz, enrolando-se na toalha assim que termina. — Não demore.

Dante dá um beijo rápido, antes de sair do banheiro.

Meu telefone toca dentro do quarto e eu fico paralisada. Ninguém nunca me liga. Nunca mesmo. Este número só é usado em caso de emergência. Eu só tinha um celular para usar quando não desse tempo de receber um bilhete de algum mensageiro, e todos que tinham o número sabiam que era para ligar somente em caso de vida ou morte.

Meu coração fica na boca enquanto me enrolo na toalha e corro até o quarto.

Dante está sentado na cama com meu celular na mão, mas não é isso que me apavora e, sim, o envelope aberto ao seu lado. A carta que minha mãe mandou para me chantagear.

— O que você está fazendo? — grito alto o bastante para que ele possa ouvir mesmo do outro lado do quarto.

— *Eu que farei as perguntas agora! Por que o anel do meu irmão está na sua bolsa?*

— Do que você está falando? — Minha voz sai fraca e trêmula. Não posso ter ouvido direito.

Finjo que não vi aquele anel várias vezes desde que minha mãe me entregou junto com o bilhete. Para qualquer pessoa menos detalhista, jamais repararia no brasão da família no anel, era um detalhe insignificante.

— Você ouviu o que eu perguntei — Dante diz, com a voz calma e fria. — O que está acontecendo, por que sempre guarda os segredos deles?

Sei que está se referindo a minha família, mesmo que não os mencione. Dante é esperto demais para presumir que é algo relacionado a eles.

Eu não respondo, apenas continuo olhando para o envelope, mas o que estou vendo não é o anel. Vejo o segredo da minha família indo pelos ares. Não consigo imaginar o que ele fará se descobrir o que minha mãe acabou de insinuar. Espero que seja mentira.

— Você ainda não me respondeu — Dante prossegue.

— Eu não sei do que você está falando — respondo, finalmente.

— *Você está mentindo! Sempre está!* — ele grita, fazendo-me dar um pulo. — Você sabe muito bem do que eu estou falando. Sabe alguma coisa sobre a morte do meu irmão. Quando eu acho que podemos deixar tudo de lado, *descubro mais um segredo seu!*

Eu não digo nada. Não posso dizer nada. Não posso revelar.

Dante nunca gritou comigo antes. Ele é um homem controlado demais para falar dessa maneira, mas acho que a menção ao irmão que perdeu faz com que ele fique muito descontrolado. As feridas do luto de Dante demoram para cicatrizar e minha família ainda piorou tudo trazendo este anel à tona agora.

— *Isso é demais, Giulia!* — Dante grita e se aproxima de mim. — *Quer saber? Já chega!* A partir de agora, você não significa mais nada para mim. Você sempre escolhe a sua família, guarda os segredos deles... então, para mim já chega. Gabriel era meu irmão. A única pessoa que se importava comigo de verdade. Como pode guardar um segredo sobre isso? A partir de hoje seremos casados somente para manter as aparências, mas a verdade é que não temos nada um com o outro. Você perdeu a chance de ser minha esposa de verdade e minha confiança.

As palavras dele são como um soco e eu sinto meu coração sendo partido lentamente.

Eu não sei o que fazer. Não posso dizer a verdade, mas não tenho escolha, ainda mais porque nem sei se o que minha mãe me contou não é mais uma de suas mentiras. Não posso perder Dante e também não quero perder minha família de vez.

— Dante, eu te amo — solto, quase chorando.

É a primeira vez que digo isso, tanto para ele quanto para mim mesma.

— *Não se atreva a dizer isso!* — ele rosna, com os punhos cerrados. — Quando eu abro meu coração para você, quando acho que posso amar você, quando eu abro mão da minha família e da minha instituição, do meu juramento... para salvar você, só encontro mentiras. Quer saber, Giulia? Eu não amo você. Nunca vou amar. Eu estava errado. Você é uma Pellegrini, nosso casamento é uma mentira, tudo é uma grande mentira.

Tento conversar com ele novamente, acalmá-lo, mas ele se recusa a me ouvir. Dante diz que não temos nada um com o outro e que o nosso casamento será só uma fachada.

Estou chorando tanto quando ele sai do quarto e bate a porta. Não sei o que fazer. Não quero perder Dante e também não posso perder minha família.

Tiro os travesseiros da cama e me deito. Fico de olhos fechados e tento esquecer tudo o que aconteceu, mas não consigo. Sinto-me como se tivesse vivido um dia inteiro, em apenas alguns minutos.

Aquele anel foi o suficiente para liberar todo o rancor que sinto de minha família, cada mágoa que guarda por ter perdido o irmão. Sei que as feridas foram reabertas e que tudo demorará para cicatrizar novamente.

Choro até o sono tomar conta de mim. Quando acordo, está de madrugada. O quarto está escuro e a cidade está silenciosa, o silêncio me dá a sensação de que estou completamente sozinha no mundo. É horrível.

Olho para o lado e Dante não está aqui. Ele deveria ter ficado. Devíamos ter conversado.

Caminho pela casa. Talvez tenha ido para algum outro cômodo. Me inclino sobre a janela e olho para o estacionamento. Há diversos carros ali, menos o que ele usa com mais frequência. Sei que foi embora.

Aperto minha boca com força para conter um choro. Não quero que Dante descubra que chorei por ninguém. Não quero que ele saiba como tudo aquilo também me machuca.

Sento-me no sofá e fico olhando para a TV, mas não estou vendo nada. Só consigo pensar no que ele disse. Não acredito que falou que nosso casamento a partir de agora será só de aparências.

Choro até que o sol nasce. Ainda não há sinal de Dante. Talvez tenha ido embora para sempre. Não sei o que vou fazer se ele realmente se foi. Ele é o dono de toda a Itália e tem propriedades em diversos lugares, se quiser ir e me deixar, serei sua esposa somente para fingir para a plateia italiana. Não sei se consigo suportar isso. Não sei se consigo fingir para o mundo que estamos bem, quando na verdade, estamos destruídos.

Me levanto e vou até o quarto de Dante. Abro a porta e vejo que ele não está aqui. Seu travesseiro ainda está no lugar e a cama está feita. Não há sinal de que Dante esteve aqui.

Sinto um aperto no peito e me sento na cama dele. Choro até não aguentar mais. Preciso encontrar Dante. Preciso conversar com ele.

Primeiro, penso que não posso deixar as coisas como estão, até que me dou conta de que *Dante quer* que tudo fique assim.

Foi uma escolha dele ir embora e, se eu tenho um pingo de amor-próprio, devo lutar por mim mesma e por minha família, não por ele.

Levanto-me e vou até o banheiro. Tomo um banho e me visto. Preciso estar forte. Preciso ser a mulher que cresceu na máfia, não a garota que se apaixona pelo homem de honra, o mafioso cruel que não se importa em despedaçar meu coração.

Dante não volta para casa naquele dia. Ou no dia seguinte. Uma semana se passa e eu não o vejo, nem ouço falar dele. Não sei o que fazer. Não sei se vou encontrá-lo.

Até que um dia, recebo um envelope branco em minha casa. Abro-o e vejo um cartão dentro com um endereço de uma cidade siciliana. Eu não sei o que isso significa, mas vou procurar saber. Preciso saber o que está acontecendo.

Dante



*"Do amor é sempre assim a transgressão. As dores
próprias pesam-me no peito; mas agora redobras-lhes o
efeito com mostrares as tuas."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 13

Eu estou bêbado, mais uma vez. Nunca fui um homem de me entregar a esse tipo de coisa, sempre cuidadoso e comedido.

A única coisa que faço todos os dias além de trabalhar, é mentir para mim mesmo e adiar o inevitável. Todos os dias, digo que lidarei com as consequências amanhã.

Ver o anel de meu irmão foi o que restava para a minha ruína. Ainda me recordo quando ele me acordou anos atrás para me dar o anel, exatamente idêntico ao dele. Isso aconteceu horas antes de ser morto:

Era uma noite clara de lua cheia, e eu estava dormindo como uma pedra.

— Acorda, Dante! Preciso te pedir uma coisa.

Nós não dividíamos o quarto desde a adolescência, então não esperava vê-lo em meu quarto no meio da madrugada. Ainda estava naquela fase de mudança entre a adolescência e a fase adulta, então, meus irmãos evitavam ir no meu quarto. Gabriel já tinha vinte e cinco e sabia que eu trazia mulheres para cá.

— O que foi? Nos encontraram de novo? — reclamei, me levantando apressado.

Era uma rotina comum em nossa casa, desde a infância. Sempre que a polícia ou inimigos estavam prestes a encontrar nosso pai, saíamos o mais rápido possível. Eu já comecei a abrir minha cabeceira para pegar minha arma, quando ele respondeu, colocando a mão em meu ombro para me parar:

— Preciso que você faça uma promessa.

Meu pai nos ensinou desde cedo que um Cattalano jamais quebrava suas promessas. Eu havia feito meu juramento há um ano, assim que fiz dezoito, sabia que promessas eram a coisa mais séria que um Cattalano poderia fazer.

— Claro, irmão.

— Preciso que você prometa que, se um dia eu morrer, você tomará o meu lugar. Se um dia você se apaixonar por uma garota, a família virá em primeiro lugar. Me prometa, Dante.

— Eu prometo, irmão.

— Ótimo.

E então, ele me deu o anel exatamente como o dele e disse:

— Dante Cattalano, daqui em diante, você é o homem da família.

— Está com medo do que o nosso pai vai mandar você fazer? Você não vai morrer, é mais forte e esperto.

Gabriel quase nunca demonstrava medo. Era rebelde e revoltado demais para ser medroso. Era esquisito vê-lo desse jeito.

— Claro que não estou com medo do que Tommaso vai mandar eu fazer. Você sabe que sou o melhor homem para o trabalho, e ele sabe disso também. Mas você é o meu irmão, e eu te amo. Não quero que sofra pelas minhas escolhas, então prometa que fará o que eu pedi. Nunca confie em ninguém da máfia, Dante.

Gabriel chamava nosso pai pelo nome desde que fez o juramento. Era estranho, já que muitos chamavam-no de pai, já Gab, não. Havia percebido que a relação deles estava cada vez mais estranha e que algo havia acontecido.

— Eu prometo.

— Muito bom — respondeu, dando um sorriso triste. — Vai dormir que amanhã o dia será cheio.

— Tá bom.

Eu sabia que não era uma conversa qualquer, mas não podia imaginar o que estava por vir. Gabriel foi morto poucos dias depois, e eu fiquei sozinho.

Nunca mais tirei o anel que ele me deu, nem mesmo quando me casei com Giulia. Quando chegou o momento, assumi o lugar do meu irmão, assim como prometi.

Cumpri a minha promessa, mas não consegui manter a segunda. Deixei-me iludir por Giulia, embora não quisesse admitir, tinha sentimentos intensos por ela, mas, a família sempre veio em primeiro lugar.

Meu tio Giuseppe entra no meu escritório, interrompendo meus pensamentos sombrios e minhas lembranças.

— O que você está fazendo aqui, Dante?

— Não estou fazendo nada. — Enrolo-me um pouco com as palavras

Giuseppe me encara como quem sabe de todas as respostas e se senta em minha mesa sem ser convidado.

— Você está bêbado.

— Quanta inteligência! Pode ser hereditário, devo me preocupar?

— Você não pode ficar bêbado aqui, tem que pensar na família.

— A minha família vem em primeiro lugar. Não posso dizer o mesmo sobre você, não deveria estar com sua esposa, Matteo e Aurora?

— Você está fazendo besteira, Dante. Precisa voltar a ser o homem forte de antes, precisa ser o homem de honra que comanda a família. Tem semanas que você dorme nesse escritório.

— Não, eu não estou — interrompo, perdendo a paciência. Estou prestes a ordenar que saia, quando ele me faz parar:

— Os recrutas acabaram de avisar que Giulia está doente. Um médico foi chamado até sua casa.

— *O quê?* — grito, sentindo o mundo me esmagando. O choque toma meu rosto, deixando-o frio.

— Dante, ela é sua esposa! Você não pode simplesmente ignorá-la para sempre. Precisamos manter essa aliança que você mesmo criou. Um Cattalano sempre honra suas promessas. Estou vendo pelo seu desespero que se importa com Giulia. Você ainda a ama, não pode negar isso!

— Eu não amo! — grito, mas sei que estou mentindo novamente.

Giulia é a única mulher que amei na vida, e a única que me faz esquecer qualquer juízo que ainda restou em minha cabeça, minhas promessas e tudo o que eu acredito. Não importa o quanto eu tente, não consigo tirá-la da cabeça.

Infelizmente, ela não é só minha mulher, e eu não sou só o marido dela. Sou um homem de honra, e a família está em primeiro lugar. Sei que Giulia é uma ameaça a minha organização e a minha família.

Ela é uma mulher inteligente, manipuladora e perigosa. Ela sabe como mexer com meus sentimentos, e eu não posso deixar que ela me faça esquecer que eu sou um Cattalano, e a minha família é a minha vida. A família é tudo para mim, e eu faria qualquer coisa para protegê-los. Giulia não pode me afetar dessa forma, ela não pode me fazer esquecer o meu juramento e que ela é uma Pellegrini.

Ainda assim, não sei bem o que estou fazendo, mas sinto que preciso vê-la. Contrariando meus pensamentos e o juramento que fiz, vou até ela, preocupado.

Giulia está na sala, deitada no sofá. Sua pele está pálida e os olhos inchados, parece que chorou muito. Meu coração aperta ao vê-la assim, no entanto, sei que não posso deixar que me afete.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta, erguendo o queixo em desafio: — Pode ir embora.

— Vim ver como você está.

— Eu estou bem, pode voltar para onde estava.

— Você não parece bem.

— Eu disse que estou bem, então vá embora!

Giulia estala a língua, erguendo o rosto ainda mais para mim. Eu estava com saudade do jeito ousado dela.

— Giulia, o que aconteceu? O que o médico disse?

— E o que você vai fazer se eu não contar? Me torturar? — Giulia ergue o queixo novamente, provocando-me — Não é da sua conta, Dante.

— É, sim. Eu sou seu marido, você é minha!

Sei que estou agindo como um homem das cavernas, mas é a verdade, Giulia é minha.

— O médico disse que estou bem, foi só um mal estar, agora pode voltar para onde estava. E não diga que sou sua esposa, você fez questão de dizer que esse casamento é uma mentira, então não ouse dizer o que não sou.

— Não precisa gritar.

— Então não finja que se importa comigo! Você nunca se importou! Você só se importa com a sua família e com a sua maldita organização! — grita, enervando-me. — Você é rancoroso e só quer saber de vingança. Estou cansada disso!

— Sou eu que deveria gritar! Você que me enganou! — digo, em um tom frio.

Uma parte de mim sabe que é uma péssima ideia gritar com ela, principalmente doente, mas a mágoa ainda é forte demais e, como ela disse, eu sou rancoroso demais para deixar passar. Ainda assim, tenho motivos para ser desse jeito, a família Pellegrini matou meu irmão sem pensar duas vezes e agora sei que ela sabe algo sobre isso, é óbvio que meu rancor é justificado.

— Eu não estou doente, estou cansada! Cansada de você, cansada dessa vida, cansada de fingir!

— Fingir? Você que me enganou! Você me manipulou!

— Não, você é que me manipulou! Você está me usando para se vingar do meu pai!

— Quem está mentindo o tempo inteiro é você.

— Você fez sim, eu sei que fez! Você me usou, Dante! Fingiu que esse casamento era para me salvar... e agora, eu estou...

— O que você está?

Ela parece atordoada, e eu quero saber o que ela estava prestes a dizer, mas ela não faz.

— Não importa. Você me manipulou, usou-me para se vingar do meu pai, e eu não vou deixar isso acontecer. Eu vou proteger minha família de você, Dante. Agora, pode ir embora de novo.

— Você não pode me tratar assim, eu sou o seu marido!

— Não, você não é meu marido e eu não sou sua mulher! Você deixou isso muito claro. Você é um estranho, um homem frio, rancoroso e calculista. Disse que teríamos um casamento de fachada, então, lide com as consequências. Eu não quero mais nada com você!

As palavras dela me doem mais do que eu quero admitir, e eu sinto que vou enlouquecer. Eu não sei o que fazer, o que dizer. Sinto-me impotente, e isso me deixa ainda mais furioso.

— Você é minha! Vai me contar exatamente o que está acontecendo!

Eu não sei o que estou dizendo, nem mesmo o que estou fazendo. Só sei que estou com raiva.

— Não sou e você não pode mandar em mim! Eu não sou como uma mulher qualquer de um de seus clubes e nem um recruta seu.

Giulia nunca me tratou desse jeito, e eu sei que ela não está bem. Tento acalmá-la, mas ela não me deixa.

— Por favor, Dante, me deixe sozinha.

— Giulia, eu não quis mandar em você como um chefe da organização. Fiquei preocupado com você.

— Eu estou bem, eu disse! Por favor, saia.

— Giulia, eu...

— SAIA!

Eu saio da sala, e Giulia não me impede. Fico no corredor, tentando me acalmar e pensar em um jeito de conversar com ela de novo, mas não consigo. Estou impotente diante de todos os seus segredos, principalmente os que envolvem meu irmão, e isso me deixa ainda mais furioso.

Olho para o anel novamente, ciente que se me deixar manipular por Giulia novamente, continuarei descumprindo minhas promessas. Então, volto para o meu escritório e me dou conta que Giulia só me machucou com suas mentiras, porque eu a amo. Eu quero que ela guarde os meus segredos, quero que ela seja leal a mim, porque, ainda quando não deveria, eu faço isso por ela. Passo o restante da noite atrás dela, mas Giulia se tranca no quarto, então bebo até perder a consciência.

Giulia



*"O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os
olhos ameaça."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 14

Eu estou em choque com o que o médico me disse. Dante chegou no momento em que ainda processo cada palavra dita pelo médico. Ainda não consigo acreditar que estou grávida.

Antes de me casar, comecei a tomar a injeção a pedido do médico da minha família. Desde o início, soube que não poderia ter um filho com Dante. No entanto, também não imaginei que me entregaria a ele tão rápido, antes que o anticoncepcional fizesse efeito. Quando nos conhecemos, ele deixou claro que não se envolveria com alguém como eu, então achei que era quase impossível que eu engravidasse.

Depois de tudo o que o médico disse, não sei o que fazer. Devo contar a Dante ou não? Parte de mim quer lhe dar a notícia, mas outra parte teme sua reação. Mas, nada se compara ao medo de carregar um herdeiro de duas máfias poderosas. Era perigoso demais.

Eu perdi todo o controle ao vê-lo depois de quase quatro semanas longe. Em minha defesa, eu ainda processava carregar um bebê em minha barriga. Uma criança com seus olhos azuis e sua tenacidade.

— Você está bem? — o médico pergunta, assim que me vê.

— Estou um pouco chocada — respondo, sincera.

Doutor Fratelli é médico da minha família há anos, eu sabia que podia confiar nele.

— Quanto tempo? — pergunto, ainda processando a notícia.

— Poucas semanas, mas saberemos durante a ultrassonografia.

Devo ter dito algo errado, porque o médico parece ter ficado incomodado com algo.

— Você não deveria ter feito isso, Signorina — diz, com a expressão séria. — Te conheço desde criança, eu a vi crescer e estou preocupado. Seu esposo não é um homem bom.

— O que quer dizer?

— Não é seguro carregar o herdeiro dele — fala, com cautela. — Tenho o dever de alertar. Lembra quando você tinha oito anos e seu pai pediu que não andasse de bicicleta tão rápido e você para provocá-lo acelerou ainda mais e parou no meu consultório? Lembro que seu pai ficou a consulta inteira reclamando que a filha era impulsiva e gostava de coisas perigosas... radicais. Signorina, seu marido é perigoso de verdade.

— Como pode saber disso. Você não o conhece!

— Eu já atendi pacientes que foram torturados por ele... é um homem rancoroso e que pune violentamente quem deseja. Não é como um esporte, não é como desrespeitar as regras do seu pai... seu marido é um homem cruel e não pode ter um herdeiro deste homem. Você precisa fazer um aborto.

— Aborto? — repito, chocada. — Acha que eu faria isso? Fala como se não soubesse de tudo o que meu pai faz. Dante é implacável, sim. Mas, não é um monstro.

Eu não sei porque estou defendendo Dante. Mas, não gosto que falem dele sem conhecê-lo, como se ele só fosse um mafioso.

— Você não tem escolha. Seu filho não pode crescer sob o domínio da máfia — o médico diz, firme. — Seu bebê é perigoso.

— A vida é *perigosa* e isso faz com que ela seja... tão magnífica — insisto, balançando a cabeça.

— Você precisa ver os fatos, Signorina. Sua vida estará em perigo assim que souberem a notícia. Se estiver com este bebê em seu ventre, talvez matem os dois.

— Eu sou uma mulher corajosa, sei cuidar de mim mesma.

— Você não é uma assassina, Signorina. Não pode enfrentar uma máfia inteira, talvez duas.

— Eu não vou abortar o bebê — insisto, firme.

— Você precisa pensar bem nisso — diz, com cautela. — Pode me avisar na próxima consulta o que decidir.

— Tudo bem — minto, sei que jamais aceitaria fazer isso.

Logo, o médico começa a ultrassonografia e meus olhos se enchem de lágrimas com o que vejo.

— Como pode uma bolinha cheia de chiados me emocionar tanto?

— A bolinha é o seu bebê — o médico diz, sorrindo. — Você está grávida de cinco semanas, por isso ainda é uma bolinha pequena.

Solto um soluço, envergonhada com o meu comportamento emocionado. Eu sou uma mulher corajosa, mas agora, estou morrendo de medo por mim e pelo bebê.

— Tudo bem, Signorina? — ele pergunta, preocupado com a minha expressão.

— Estou bem — respondo num sussurro. — Apenas um pouco nervosa.

— Você precisa pensar bem nisso. Seu bebê não pode crescer em uma família como aquela.

— Acha que não me preocupo com isso? — retruco.

A legislação italiana permitia que o procedimento fosse realizado com segurança, mas não meu coração. Eu não julgava as mulheres que faziam o aborto. Mas ainda era a mulher que cresceu em um ambiente religioso. Eu ainda não sei o que fazer, mas sei que jamais poderia abortar meu bebê. Não importa o quanto esse mundo fosse perigoso, eu precisava protegê-lo. Não posso contar para Dante, não posso contar para ninguém, preciso manter tudo em segredo, porque caso alguém descubra, o bebê e eu estaremos mortos por carregar o sangue de famílias condenadas.



Quando volto para casa, Dante ainda está lá. Ele passou tanto tempo fora de casa, que estou desacostumada a sua presença ali.

— Você está bem? — pergunta, preocupado.

— Estou bem.

— O que o médico disse?

Dante está quase cauteloso demais, checa-me com o olhar várias vezes, antes que eu responda.

— Ele disse que estou bem.

— E isso é tudo? — pergunta, surpreso.

— Sim — respondo, decidida. — Ele só disse que estou bem.

Não sei o que estou fazendo, mas preciso proteger o meu bebê. Em breve, Dante irá embora novamente e meu segredo estará guardado

por enquanto. Sei que é perigoso, mas a única coisa que posso fazer agora é protegê-lo.

— O almoço com meus pais será amanhã — avisa, deixando-me ainda mais nervosa.

O meu último encontro com a família dele não acabou bem. Parece que passaram anos desde a última vez que estive lá.

— Oh! A amável família do Sotocapo — ironizo, mesmo tremendo por dentro.

Se algo acontecer naquela casa, não serei mais somente eu.

— Eu sei que é difícil para você, mas eles são minha família. — Dante está com o cenho franzido, com a expressão totalmente séria.

— Eu sei — respondo num sussurro.

— Não se preocupe com eles, vou proteger você.

Olho para Dante, surpresa com suas palavras. Ele nunca se mostrou protetor comigo, mas agora, parece que está diferente. *Talvez porque saiba que seu pai é um perigo para mim.* Acrescenta meu subconsciente.

— Obrigada — digo, sincera.

— Não precisa me agradecer — Dante diz, sério. — É o meu dever proteger você. Eu prometo que vou te manter segura.

Sei que ainda não está tudo bem entre nós, muito pelo contrário, mas isso é o suficiente para mim. Preciso manter esse bebê seguro e se Dante manter sua palavra, estaremos bem.

Volto para o quarto, longe daquela conversa esquisita e paro de frente para o espelho.

As palavras do médico voltam a minha mente, sei que são dolorosas e também, verdadeiras.

Minhas mãos vão até a barriga e sinto um nó na garganta. Estou grávida do herdeiro de duas máfias poderosas. Essa criança estará sempre em perigo, precisarei protegê-lo. Era isso o que eu mais temia, sabia que jamais poderia ter um filho porque era arriscado para a criança, agora estava vivendo os meus maiores medos.

Aperto a mão contra a barriga e faço uma promessa para o meu bebê.

— Eu vou proteger você, não importa o que aconteça — sussurro, com a voz trêmula. — Eu prometo, pequena bolinha.

Mas, claro que seria quase impossível cumprir aquela promessa. Constató, ao ler o último bilhete de minha mãe:

"Sei que não acreditou em mim, por isso, mandei a prova. Consegui o número de telefone, então constate você mesma. Eles vão te matar se descobrirem esse segredo".

Eu sabia que ela estava certa, eu estava em perigo e não tinha como proteger o meu bebê sozinha.

Dante é a única pessoa que poderia me ajudar, mas eu não posso pedir isso a ele. Ele já havia deixado claro que não tolerava mais segredos e que queria que nosso casamento fosse só uma fachada. Eu estava sozinha e completamente desamparada. Não, eu não poderia contar a Dante, mas precisava de ajuda e sabia exatamente a quem pedir.

— Olá? — digo, nervosa.

— Oi, Giulia. — A voz soa séria do outro lado da linha. — Fui avisado que você ligaria.

Eu precisava contar a alguém que não poderia me machucar e que soubesse o suficiente para me ajudar. Uma pessoa que conhecesse o mundo da máfia muito bem.

— Minha mãe me contou tudo hoje... eu liguei porque preciso de ajuda. Eu estou grávida.

— Grávida? — Ouço um arquejo de surpresa. — De quanto tempo?

— Apenas algumas semanas — respondo, nervosa.

— Não pode contar a Dante. *Não confie em ninguém da família dele ou da sua.* — A voz soa séria. — E...bem, acho que posso te ajudar se souber o que houve.

— Não posso te contar tudo por telefone — respondo, nervosa. — É complicado.

— Tudo bem. — Um suspiro, relutante. — Encontre-me na estrada de Palermo amanhã no fim do dia, depois do almoço com sua nova família. — A voz soa irônica.

— Como você sabe?

— É uma tradição. — Há uma seriedade em seu tom, muita cautela. — Cuide-se e cuide do seu bebê. Não confie em ninguém.

Quando estou prestes a encerrar a chamada, coloco o telefone no ouvido novamente.

— Minha mãe me contou tudo, eu acho. Você encontrou seu filho?

— Ainda não.

Desligo o telefone e suspiro, nervosa. Eu sei que estou correndo um sério risco com o que estou fazendo, mas não há muito o que fazer.

— Com quem estava falando?

Dante entra no quarto, dando-me um susto.

— Estava falando com a família — respondo, nervosa.

— Tudo bem? — pergunta pela milésima vez hoje, cauteloso.

— Estou bem.

Dante me observa por um momento, mas não diz nada. Dante era bom em mascarar suas emoções, mas eu o conhecia bem. Ele ainda suspeitava de algo, só está sendo gentil porque acha que eu estou doente.

— Posso te fazer uma pergunta?

Os olhos dele estão insondáveis nos meus, prende-me a eles por um segundo. Assinto, erguendo o queixo.

— Sim.

— Você sentiu minha falta?

— *Por que me pergunta?*

Sei que não deveria sentir falta dele, mas não consigo evitar.

— Senti sua falta... demais. Ainda que estivesse escondendo um segredo importante de mim, eu senti — Dante diz, com expressão séria.

— Ainda assim, não quero que continue escondendo o jogo sobre meu irmão. É importante para mim saber.

— Eu sei.

A campainha toca, interrompendo-nos, o que é uma surpresa para mim. Nunca recebemos visitas aqui, essa é uma das provas que nossas famílias detestam nosso relacionamento. Éramos somente Dante, eu e os empregados naquela casa desde que nos casamos.

— Tomei a liberdade de chamar um médico de minha confiança para te avaliar, por precaução.

Olho para Dante sem compreendê-lo. Ele parece preocupado de verdade comigo.

— *Por que fez isso?*

Antes que Dante me responda, alguém bate na porta.

Meu marido corre para atender e ordena algo para um dos empregados, baixo demais para que eu ouça.

Em seguida, o médico começa a me atender ao entrar no quarto. O homem faz uma série de perguntas para mim e eu respondo que já fui atendida e passo quase todas as informações para ele, exceto da gravidez, é claro.

Dante permanece ali. Observa tudo apreensivo. Enquanto o médico me checa e faz uma porção de exames de rotina, o olhar angustiado do meu marido fica em mim o tempo inteiro. É difícil me lembrar que estou com raiva dele ao vê-lo tão perturbado de preocupação comigo.

Assim que termina o exame, o médico diz que aparentemente está tudo bem. Logo que diz isso, Dante sussurra algo em seu ouvido.

— *Os sinais dela estão bons, não precisa me ameaçar!* — o médico diz, apreensivo.

Aquela conversa esquisita me faz soltar uma gargalhada estrondosa. Não acredito que Dante está amedrontando o pobre do médico.

— Verifique novamente — ordena meu marido, em seu tom autoritário padrão.

Interfiro antes que ele cause algum problema cardíaco no pobre do médico, que está com a respiração tão acelerada que *eu* me preocupo com a saúde *dele*.

— Estou bem, doutor. Dante é exagerado e doido.

Com minha intromissão, Dante deixa o homem em paz por alguns segundos. No entanto, vejo o olhar que ele dá para o homem. Posso jurar que ele diz baixinho que, se o diagnóstico estiver errado, ele ‘sabe que o médico tem família e amigos’.

Puxo conversa com meu marido para que ele não ameace mais ninguém que o homem conhece. Pelo olhar que me dá, vejo que só está exagerando porque se preocupa comigo e faz exatamente o que costuma fazer para ter seu trabalho sob controle quando as coisas saem da ordem.

Quando finalmente o médico sai apressado, Dante me olha intenso e fica ali em silêncio, com os olhos atentos a cada movimento meu.

— Me desculpe, Giulia. Eu não pensei no quão idiota eu poderia ser quando estava com raiva.

— Repete — seguro o riso.

Dante me dá um olhar preocupado, antes de rolar os olhos diante da minha ousadia.

— Perdão por ser um babaca rancoroso. Sei que quer proteger sua família, respeito-a e admiro por isso. Há um conflito entre nossas instituições, e como seu marido e Sottocapo, quero que guarde os *meus* segredos. Que seja leal *a mim*. Não deveria ficar tão ressentido... eu... tenho muitos problemas para deixar algumas mágoas de lado, principalmente sobre Gabriel.

— Eu sei.

Vejo que está sendo sincero. Dante está com os lábios retorcidos para baixo por muitos minutos, preso em seus próprios pensamentos, com os olhos perdidos em uma reflexão profunda.

O som das batidas na porta arranca-o de seu devaneio, quando eu estou quase ao ponto de ficar nervosa diante de tanto silêncio.

Talvez Dante sinta que algumas coisas nele mudaram, assim como eu sinto. Aos poucos, me sentia cada vez mais parte de uma família *com ele*. No entanto, uma parte minha que se sente uma infame por me sentir pertencente ali com ele, mas não podia negar que nunca me senti em uma família de verdade como me sinto com Dante.

Um dos empregados entrega-lhe um prato fumegante e eu sinto o meu cenho se franzir com o gesto.

— Pedi que fizessem sopa. Notei que não comeu depois que voltou do médico. — Ele anda até mim. — A partir de agora, Giulia, eu não vou mais ficar longe. Eu vou cuidar e proteger você. Vou passar o restante da minha vida para cuidar e proteger você, inclusive do nosso mundo caótico.

— Você é caótico e sombrio, Dante — digo irônica, com a sobrelha erguida. — Não acredito que ameaçou torturar o médico.

— Está certa. Eu sou perigoso e cruel e você *adora* que eu seja assim. Em breve vou torturar *você* de outras formas em *nosso quarto*.

— *De que forma irá me torturar, Sottocapo?*

— *Oh, querida! Das mais deliciosas possíveis.* — Ele me dá um olhar em chamas — Agora coma! — ordena.

— Não sou um bebê. Eu consigo fazer isso.

Dante me ignora e coloca a colher na minha boca mesmo assim. Seu olhar muda de repente. Seus olhos ficam quase pretos ao colocar o alimento em minha boca.

— *Adoro* colocar coisas na sua boca. Nem preciso comentar o que imagino colocar nela, querida.

Tiro a colher de suas mãos e lambo-a sem tirar os olhos dele, para provocá-lo.

— *É mesmo, Sottocapo?*

Ficamos assim, trocando olhares entre as colheradas, até que o prato fica limpo.

— Para provar tudo o que eu disse, mandarei uma equipe de obras vir aqui. Vou acabar com este quarto. Dormiremos juntos a partir de hoje, nada de quartos separados. Dorme comigo a partir dessa noite?

— Acho que não devemos — respondo, com a sobrancelha erguida. — Você não disse que era uma fachada?

— Acreditaria se eu dissesse que para mim é impossível manter minha palavra nos últimos tempos? Eu sei o que eu disse a você, ainda assim, eu estava errado. Por mais que guarde os segredos da sua família, sei que nunca foi fachada para nós dois. Na verdade, meu juízo vai para os ares quando vejo você. Além disso, já faz um tempo que não dormimos juntos e eu não disse que faremos nada, *só dormir* — Dante diz, com um sorriso travesso.

— Tudo bem. *Só dormir.*

Ergo meu queixo e me aproximo dele.

— *Você adora me provocar, não é, Giulia?* — Ele me olha de um jeito sacana. — Vou tomar um banho, me espere na nossa cama.

Assim que ele sai, pego minhas roupas e entro no quarto. Estava tão concentrada em meus pensamentos, que não ouvi Dante voltar.

Dante vem até mim e, contrariando o que disse que faríamos, ele me beija, intenso. Logo depois, meu corpo toma vontade própria e eu respondo a ele na mesma intensidade e, quando vejo, estou gemendo seu nome tão alto que posso jurar que toda a Itália pode ouvir. É assim

que nós dois somos: intensos, perigosos e incapazes de negar um ao outro.

Um tempo depois, luto para minha respiração voltar ao ritmo normal e sinto o olhar de Dante em cima de mim.

— Eu menti quando disse que não amava você. Eu amo tanto você que mataria, morreria e torturaria por você, Giulia Pellegrini Cattalano. Me apaixonei por você no momento em que ergueu este queixo para me desafiar. Eu queimaria o mundo se ele ousasse machucá-la. Então, eu mesmo não posso te magoar novamente. Eu prometo que nunca mais farei o que fiz.

Aquilo me deixa chocada. Dante nunca disse que me amava e agora, está aqui, dizendo que me ama.

— Eu amo você, Dante.

— Eu te amo mais que minha própria vida, Giulia — diz, sério. — Desculpe por ser rancoroso, eu estou tentando não ser assim por você. Meu irmão é meu calcanhar de aquiles.

— Eu sei. Boa noite, Dante — digo num sussurro.

Estou tão cansada, que não consigo pensar em nada. Sinto o abraço de Dante em torno de mim e, isso me faz cavar minha própria cova:

— Amanhã. Amanhã contarei tudo o que sei para você. Sem mais segredos, Dante.

— Sem mais segredos.

Dante me dá um beijo na testa e me abraça ainda mais forte. Depois de um tempo, adormeço nos braços dele. Amanhã será um novo dia e, eu espero, um novo começo. Mas, na verdade, era o começo do meu próprio fim.

Giulia



*"Não jures nada; ou jura, se o quiseres, por ti mesmo;
por tua nobre pessoa; que é o objeto de minha idolatria.
Assim, te creio."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 15

O caminho até a casa da família de Dante é ameno. Fico o tempo inteiro controlando meu nervosismo, principalmente depois do último encontro. Dante tenta me acalmar, diz que dessa vez deve ser mais fácil e que aos poucos eles se acostumarão, mas não tenho certeza disso.

As ruas da Sicília estão cheias de gente. A paisagem de praias transparentes e construções antigas é tão familiar, que começam a espantar um pouco do meu nervosismo. Sempre amei morar aqui. Gosto do calor abrasador do verão, das praias com a água verdinha, que costumam aparecer entre os corredores de construções antigas.

A casa dos pais de Dante fica no alto de uma colina, com uma vista magnífica da baía. Quando ele para o carro, fico olhando para a paisagem por um tempo. Nunca havia parado para admirar a propriedade tradicional da família dele, porque sempre tinha preocupações maiores para prestar atenção.

Dante me leva até a porta e bate. O funcionário da residência abre a porta dessa vez, mas os pais de Dante estão logo atrás.

Teresa sorri para mim, já Tommaso permanece sério, incapaz de disfarçar seu descontentamento ao me ver novamente.

— Que bom que vieram, filho! — a mãe de Dante diz, olhando para mim com curiosidade. — Entrem.

— O prazer é nosso — Dante responde, e eu permaneço quieta para não falar algum comentário atravessado pela recepção calorosa do meu sogro.

Nós os seguimos até o jardim, onde estão os outros. A casa é bonita. A mobília é tradicional e as paredes cobertas de retratos da família sempre chamam a minha atenção. Dante me distrai, falando que são muito unidos e que, apesar de não gostarem de demonstrar, são muito emotivos, como todos os italianos.

Começamos a conversar sobre assuntos variados e, ignoramos os resmungos do pai de Dante pelo caminho até o ambiente externo.

Quando chegamos à mesa, Tommaso indica o local para eu me sentar e, novamente, é totalmente separado dos demais, um símbolo para mostrar que não pertenço ali.

— Giulia se sentará ao meu lado — Dante diz, firme. Seus olhos estão em seu pai, dando o recado diretamente a ele.

— O que disse, Dante? — Teresa pergunta, aparentemente surpresa com a atitude do filho.

— Eu vou me sentar onde *eu* quero, meu lugar é ao lado dele. — Ergo meu queixo em protesto e dou a mão para Dante.

Meu marido segura a cadeira para mim, logo depois, os outros se acomodam na mesa. A mãe dele parece ter orgulho que o filho se posicionou de alguma maneira contra o pai, até ficou surpresa com isso. Mas, claro que meu sogro ignora fortemente minha presença e, de vez em quando, lança olhares raivosos para mim como se ainda não pudesse acreditar que estou ali.

A conversa segue animada, principalmente por causa de Rafael que faz piada o tempo inteiro. O clima é leve, até o pai de Dante começar a falar de Gabriel. Ele conta várias histórias e, apesar de eu ter medo de tocar em algum ponto sensível, falo sinceramente:

— Vocês devem sentir falta dele.

O burburinho começa assim que as palavras deixam minha boca. A mãe de Dante solta o garfo ruidosamente na mesa e Ariella me dá um olhar atravessado, mas, nada é pior do que a reação de Tommaso Cattalano.

— Retire o que falou — ele grita, batendo na mesa com os punhos.
— *O nome do meu filho jamais deve ser pronunciado por uma Pellegrini!*

Dante se levanta de sua cadeira, fazendo um barulho alto e, logo, coloca-se na frente de mim, protegendo-me da fúria do pai.

— Pai, eu não vou permitir que fale assim com a Giulia. Ela está aqui por minha causa e é minha esposa. Eu a amo, pai.

— *Você não ama essa mulher! Só ama a sua família! Como ousa defendê-la? Os Pellegrinis nos destruíram!*

— Precisa parar de dizer isso! — Dante diz baixo, ameaçador. — Eu sei exatamente o que estou falando! Eu sei que a Giulia não teve nada a ver com a morte de Gabriel! Você precisa parar de culpar os outros pelo que aconteceu! Ela não pode responder pelo que o Francesco fez!

— Você está escolhendo ela em vez da sua família? Preciso te lembrar de suas promessas durante a iniciação ou posso colocar uma bala em sua cabeça por *quebrar seu último juramento?*

Dante endireita a postura, como se houvesse tomado um choque, mas, permanece na minha frente, protegendo-me da raiva do pai. Eu nunca vi Tommaso tão furioso e, acho que Dante também nunca o viu assim. Ele está escolhendo entre a família e eu e, isso me deixa muito triste, porque eu mesma tive que fazer a mesma escolha.

Surpreendentemente, o pai de Dante puxa a arma e aponta para o próprio filho. É tão doloroso de ver aquilo que intervenho.

— *Gabriel está vivo!* — exclamo, com a voz trêmula, sem pensar. As palavras ecoam na casa e todos ficam em silêncio, olhando para mim, chocados.

— O que está dizendo? — Teresa pergunta, com a voz trêmula.

— Eu estou dizendo que Gabriel está vivo — repito devagar. — Ele está em um lugar seguro, mas não posso revelar mais porque é perigoso para ele.

— *Esta infame está mentindo!* — Tommaso grita, aparentemente, surpreso. Noto uma centelha de medo no olhar dele ao me ouvir, mas é rápido demais para que eu tenha certeza.

— Eu descobri isso ontem. — Me viro para a frente de Dante, olhando em seus olhos. — O anel era uma confirmação da vida dele, Dante. Eu não acreditei quando minha mãe disse que mantiveram Gabriel em segurança por alguns anos. Jamais esconderia isso de você se soubesse, tive certeza de tudo ontem, por isso, disse que contaria tudo hoje. Esse não é o segredo que eu esconderia de você — explico.

A mudança no rosto de Ariella chama minha atenção. Mas, me contenho.

— Isso que é um bom almoço de família. Os almoços antes da Giulia eram muito chatos. A partir de hoje, virei alegremente para cá — Rafael ri. — Só então percebo que ele continua na mesa, comendo como se nada houvesse acontecido, como se não tivesse nenhum problema ali.

Todos na mesa ficam chocados e, apesar de estar sendo difícil, preciso revelar a verdade.

— Dante, eu ia te contar mais tarde, como prometi, mas... não poderia deixar seu pai atirar em você.

— Você está dizendo que o meu irmão está vivo? — Dante me interrompe, com a voz fraca.

— Eu estou dizendo que Gabriel está vivo e que eu descobri onde está. Acha que eu mentiria para você sobre isso? Ele está seguro e bem, mas precisa continuar escondido porque se colocou em problemas anos atrás. Isso é tudo o que sei.

— Eu deveria matar essa infame por mentir assim e brincar com nossos sentimentos desse jeito — Tommaso diz, virando sua arma para mim.

Sinto a bile em minha garganta e tenho dificuldade para respirar diante do olhar que ele me dá. Se fosse somente por mim, eu daria alguma resposta a esse tirano, mas eu tenho alguém em meu ventre para me responsabilizar e essa é minha prioridade.

Tommaso Cattalano fica ainda mais irritado quando Dante sai do seu estado petrificado e fica na minha frente novamente.

— Você não irá machucar nem Dante e nem Giulia — diz Ariella, surpreendendo a todos, principalmente a mim. — Eu sou a pessoa que mais quis que Giulia pagasse pelo que a família dela fez, mas não vou deixar vocês encostarem em um único fio de cabelo dela, não quando ela tem informações sobre Gabriel.

— Ariella, você está do nosso lado? — Dante pergunta, chocado.

— Eu estou do lado da verdade — Ariella responde, com a voz firme. — E a verdade é que, pelo que vejo, Giulia não fez nada de errado. A culpa é sua e do nosso pai.

— *Deixe de ser tola, Ariella! Você sabe que não pode acreditar na Pellegrini e que me deve obediência!* — Tommaso grita.

— Está jogando meu juramento contra mim? — rebate, colocando-se ao lado de Dante e me dando um sorriso de quem está se divertindo com o caos. Ainda estou processando o gesto dela.

— Você também não vai tentar colocar juízo na cabeça do nosso pai? De que lado você está? — Dante pergunta, irritado para Rafael.

A mãe de Dante é a única ali que não diz nada, fica assistindo a briga enquanto ainda processa a informação sobre a vida do filho. Imagino que deve ser um choque. Se eu descobrisse que meu filho não havia morrido. Minha garganta se fecha só de pensar nisso, então olho para a família para afastar minha perturbação interior.

— Mãe, esse macarrão está divino — Rafael responde, com um sorriso sarcástico. Ele ainda está com a boca cheia de comida. — Dante eu estou do lado do caos. Tudo isso é caótico e muito irônico. Veja você, Dante. Você jurou que nunca mataria nenhuma mulher, fez toda a máfia aceitar seu pedido. No entanto, prometeu matar Giulia só para se vingar pela morte do Gabriel. Agora ela está salvando sua vida e você descobre que ela não é sua inimiga. A ironia disso tudo é até divertida

As palavras de Rafael me destroem. Eu sempre soube que Dante era cruel, mas, estava enganada sobre até onde seu rancor iria.

Ninguém fala nada depois que Rafael solta a bomba em cima de mim, logo, o clima fica ainda mais pesado.

— *Cala a porra da sua boca, Rafael! Esse não é um dos seus joguinhos!*

— O quê? Você fez isso? Jurou que iria me matar? — acuso, Virando para a frente de Dante.

— Te avisei, Giulia. Alerttei você na lua de mel que Dante tinha planos para você, achei que tinha entendido. Naquela época eu não me opunha à sua morte. Eu estava errada.

— Como você pôde fazer isso comigo, Dante? Minha mãe disse que eu deveria matá-lo. Eu não matei! Minha família me prometeu que se eu matasse você, eu teria liberdade desse mundo... e desse caos. — Giro meu dedo ao redor de todos, completamente treloucada. Começo a sentir que estou totalmente sem controle. — Inclusive, minha mãe me mandou o anel de Gabriel para provar que eu poderia, sim, fugir disso. Eu joguei aquele maldito veneno fora, me recusando a matar você. Eu me recusei a abandonar você, briguei com minha família. Sabe o que eles queriam? Que eu tivesse um herdeiro... que eu usasse você e depois te matasse. Eu nunca aceitei isso, nunca quis você morto. Agora que eu perdi minha família, perdi tudo o que amava, descubro que era isso que planejou o tempo inteiro? *Me matar? Vamos, Dante! Me mate!*

Dante não responde e, ao seu lado, Ariella está com os olhos arregalados ao ver as lágrimas descenderem do meu rosto.

O mundo está desabando enquanto ouço aquelas palavras. Nunca pensei que ele seria capaz de me trair desse jeito. Eu abri mão da minha família, da instituição que cresci e de tudo. Tudo o que fiz, fiz porque estou apaixonada por ele. Mas, agora, percebo que este foi meu erro. Minha família está certa ao me chamar de infame, de traidora... eu escolhi *e/*e.

Tudo está turvo ao meu redor, nem consigo reparar na aproximação de Dante. Ele coloca uma mão em meu braço e eu me desvencilho automaticamente.

Crescer na máfia realmente arruinava a todos, ninguém sai ileso. A crueldade e a dissimulação dele não deveriam me espantar. *Como vou criar meu filho em um ambiente como esse?*

Talvez o médico estivesse certo, um ambiente como esse é incompatível com uma criança. Mesmo assim, só de pensar em não ter o

bebê, sinto-me ainda pior. É uma dor tão forte que é incomparável a qualquer coisa que já senti na vida, então vejo que não é uma opção.

Tenho que escolher entre a vida que tenho e a vida que quero para meu filho. Não posso condená-lo a viver uma vida de sofrimento como qualquer pessoa de famílias como as nossas. Ele merece um futuro feliz.

Devo ter ficado em choque por um bom tempo, pois Dante me abraça sem dizer uma palavra. A dor que sinto com o toque dele é indescritível. E eu o empurro para longe assim que retomo o controle do meu corpo. Não sou capaz de olhar nos seus olhos, então fico ali, paralisada, até que ele fala:

— Giulia, eu sei que você está certa em ter raiva. Eu confesso que planejei te matar em nossa lua de mel, mas, eu não fiz isso. Eu também nunca consegui. Tenho um plano — sussurra baixinho, somente para mim.

Uma parte de mim, sabe que devo manter minhas emoções sob controle por causa do bebê. Nem perco meu tempo pensando muito na minha gravidez, porque isso vai fazer com que tudo piore ainda mais.

— E por que não? O que estava planejando? Que eu engravidasse de você e que tivesse um herdeiro da minha família para controlar tudo? Foi por isso que brigou quando eu disse que não queria ter filhos? Era isso que queria? Um herdeiro Pellegrini e Cattalano?

— *Não é nada disso, Giulia!* Eu não vou mentir, eu jurei com meu sangue que faria isso sim, mas nunca consegui. Eu jamais conseguiria machucar você.

— Você já machucou —digo, com a voz trêmula. Não consigo mais controlar o choro que começa a me fazer tremer. — Espera... você jurou com o seu *sangue*?

Era doloroso demais, até para quem estava acostumado com um ambiente como aquele. Eu sei o valor de um juramento de sangue, um ritual como esse jamais poderia ser desfeito. Eu não quero mais ficar perto de Dante.

Corro o mais rápido que posso para longe. Não consigo mais olhar para ele. Ouço-o me chamar e corro ainda mais.

O carro de Dante está aberto quando tento entrar. Era a autoconfiança dele de que não seria roubado, afinal quem tentaria roubar o carro dele? Não importa. O veículo aberto ajuda em minha fuga. Entro no carro, tranco a porta o mais rápido que posso e começo a dirigir sem controlar o choro inconsolável que toma conta de mim.

Nunca pensei que seria tão machucada, mas, o que Dante fez comigo foi pior do que qualquer coisa.

Não sei quanto tempo dirigi sem parar de chorar pela cidade, mas, depois de um tempo, meu corpo cansa e eu pego meu telefone. Ligo para minha mãe, em um gesto instintivo. Sei que não posso confiar em ninguém, nem mesmo nela, principalmente pela influência que tem sob meu pai, mas não sei o que fazer.

Assim que atende, solto um soluço de alívio.

— Giulia, o que houve? — Ele atende na primeira chamada. Sabe que eu jamais ligaria se não fosse uma emergência.

— E-eu preciso da sua ajuda, mãe.

— Giulia, uma mulher não pode se deixar levar pela emoção! Se controle e me diga o que houve? Você está bem?

— Não, eu não estou bem — digo, chorando mais forte. — Eu preciso de ajuda.

Eu não podia colocar minha vida e a do meu filho sob a ajuda dela. Ainda mais, depois de tudo o que ela fez comigo e com a família. Mas, não sei mais o que fazer.

— *Me diga logo o que precisa, menina!* Aliás, por que você não faz o que eu mandei fazer? Por que nunca faz o que o seu pai quer? Ele sempre te amou, sabia? Mate Dante e acabe com esse sofrimento. Eu já te mandei a prova que pode ter uma vida longe de tudo... nós perdoamos você se fizer o que precisa ser feito. Você deixará de ser uma infame e terá sua família de volta.

— *Eu não posso fazer isso, mãe! Eu não sou como vocês!*

— *Você tem que fazer isso, Giulia! Você tem que me ouvir!*

— Me encontre no mesmo lugar de sempre para conversarmos. Você consegue fazer isso? Diga-me onde está que te ajudo.

Eu não vou matar o Dante, jamais seria capaz de fazer isso com ele ou com meu filho, por mais raiva que eu esteja dele neste momento, tenho que ter forças para superar isso e para lutar contra todos eles.

Tenho que lutar para não ser destruída. Não sou ingênua e sei que posso estar indo na direção da jaula do leão ao aceitar o encontro com minha mãe. Também sei que não posso confiar em Dante. Eu não tenho absolutamente ninguém.

— Vou te retornar com uma resposta, mãe. — Encerro a chamada sem saber mais em quem confiar.

Se Gabriel descobrir que contei seu segredo, poderá querer se vingar também. Parece que tudo está dando terrivelmente errado e que é um efeito em cadeia de destruição.

Eu não podia ter deixado Tommaso atirar em Dante, eu precisava salvá-lo. Era irônico que ele tivesse jurado o contrário por mim. Como as

coisas podem mudar em uma questão de segundos. A única coisa que sei agora, é que me resta confiar na pessoa certa e torcer para que não escolha a pior alternativa possível.

Dirijo por mais alguns metros até que uma luz no capô me chama atenção. Ela não estava ali há poucos segundos. Tento pisar no freio, mas é tarde demais.

Dante



*'Adeus. Deus sabe quando nos veremos outra vez.
Pelas veias me passa um medo frio e lânguido, que
quase deixa o calor da vida inteirizado.'*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 16

Meu mundo se destrói lentamente e eu assisto-o tornar-se ruína. A cada segundo, aperto os olhos e peço para que, quando os abrir, tudo isto seja apenas um pesadelo. Mas não é. É a minha realidade. Fico paralisado assistindo Giulia me deixar. Uma dor inconsolável bate em mim, como um golpe diretamente no meu coração que me sufoca, tira totalmente meu chão. Quero gritar, mas os pulmões parecem queimá-lo. Tento respirar, ir atrás dela, mas as pernas ficam pesadas demais para que eu consiga correr até ela a tempo, e a vontade de quebrar tudo ao redor é forte demais...

Eu sabia que não deveria ter vindo. Senti que alguma coisa estava errada. Acho que soube desde que acordei pela manhã. E, ainda assim, fui um cego em tantos outros momentos. Ao longo do meu casamento, fui esquecendo de olhar para Giulia de forma analítica. Ela sempre escolheu a *mim*. Sabia que ela amava sua família mais do que qualquer coisa, eles são um bando de crápulas e não a merecem, mas ela sempre os defendeu e, ainda assim, abriu mão disso por mim. Ouvi com raiva a chamarem de infame, quando ela não usou o veneno, quando disse que me amava. Ela me amava. Mas não ama mais. Agora, ela me odeia.

Vi a mudança do olhar apaixonado para rancoroso em seus olhos, foi por um segundo e deu para notar cada fagulha de desprezo dela por mim.

Sei que é meu erro e que mereço seu rancor. Gostaria de usar todo o poder que tenho para tirar aquele olhar de seu rosto. Faria o que fosse preciso para que Giulia nunca mais repetisse aquelas palavras que proferiu e, que agora, repetiam sem parar em minha mente.

Acho que estou em choque, e não consegui pensar em nada mais para dizer para ela. Tudo o que pude fazer foi assistir enquanto ela corria, porque sabia que ela estava certa.

Quando jurei que a mataria, estava cego pelo rancor e mal a conhecia. Havia visto Giulia somente uma vez e ela já havia deixado claro que protegeria a família desde o primeiro dia, eu queria... acabar com a família que matou meu irmão. Não me importava com ela, eu detestava desejar alguém que tinha o sangue do assassino de Gabriel. Mas, claro que isso não durou nada.

Desde o primeiro dia, tudo o que senti por ela foi mais forte do que o juramento, dava desculpas para não cumprir com essa promessa... para ter mais tempo com ela. Agora, estava pagando pelo que fiz e merecia cada desprezo dela.

Giulia deixou de me amar quando soube da promessa. Deixo-a correr para longe de mim, sabendo que Giulia tomou a decisão certa, como sempre fez.

— Limpe esse rosto, vá atrás dela e cumpra sua palavra, Dante — meu pai ordena, de maneira impositiva. — Mate-a.

Estas são as últimas palavras dele para mim, e eu sei que são verdadeiras. Prometi matar Giulia, era um juramento de sangue. Não sei se algum dia seria capaz de fazer isso. Desde que fiz meu juramento à minha família, nunca deixei de cumprir com minhas promessas, exceto essa. Eu sou um homem de honra, um mafioso, e sei do mal que posso causar... mas, eu não consigo fazer isso. Não a ela.

Estou chorando pela primeira vez em anos e isso me deixa ainda mais enfurecido. As lágrimas são um sinal de fraqueza e eu não sou fraco. Sou forte. Sou um assassino.

Ando até a garagem de forma automática e pego um carro da família. Dirijo para casa sem dizer mais nada a meu pai ou a ninguém. Talvez minha família tenha percebido o quão transtornado estou, porque ficaram em silêncio ao me ver sair.

Em casa, esquadrinho até o quarto, procurando por qualquer coisa que possa me ajudar a encontrá-la. Giulia não está aqui, e eu não sei onde ela foi. Não sei o que fazer. Sinto-me impotente e incapaz de me mexer, e isso me enfurece.

Ainda me lembro exatamente das palavras de meu juramento. Foi simples e decisivo:

“Juro sobre este punhal simbólico com a ponta molhada de sangue e na frente desta honrada sociedade, de ser fiel aos meus companheiros e que renegarei qualquer empecilho que se oponha de que eu cumpra todos os meus deveres e, se necessário, também pagar com sangue. Prometo solenemente que colocarei esta organização sob prioridade e que minha lealdade será somente a ela até o fim de meus dias e, se um dia quebrar esta promessa, pagarei com a vida.”

Eu jurei com sangue, e agora estou rompendo este juramento, porque escolho Giulia antes de qualquer coisa. Eu quebrei minha promessa a máfia desde o dia em que a vi, porque minha prioridade é ela, por mais burro que tenha sido ao dizer o contrário. Não sei o que fazer, só sei que preciso encontrá-la antes que seja tarde demais.

Vasculho nas coisas de Giulia e procuro qualquer sinal de onde ela possa estar. Ignoro a pontada que surge em meu peito toda vez que penso que ela não irá voltar e prossigo em minha busca.

Sua mesa de cabeceira está fechada com chave, forço a abrir até que desisto de puxá-la e começo a quebrar os pedaços de madeira com meu canivete. Assim que a gaveta se abre, após muitos golpes

enfurecidos contra a madeira, encontro um envelope grande que mal cabe no compartimento.

Abro o envelope nervoso e fico ainda pior ao ver o documento. Fico paralisado por um bom tempo, analiso a imagem cheia de chiados à minha frente. É só um borrão, no entanto, sei exatamente o que significa. Giulia está grávida. Ela está grávida, repito mentalmente várias vezes, antes de me dar conta que isso piora ainda mais meus erros.

Minha mente está em branco. Não consigo pensar em nada. Só sei que preciso encontrá-la antes que seja tarde demais.

Sou um homem de honra, se ela fugir, precisarei ir atrás dela, principalmente por carregar um filho meu. Caso contrário, se Giulia continuar fugindo de mim, estará condenada à morte e nem mesmo eu serei capaz de salvá-la contra toda a instituição.

A sociedade de honra mudava pouco ao longo dos anos, nosso regimento ainda era machista, por mais a frente que fôssemos, Giulia ainda seria vista quase como uma propriedade minha, alguém que descumpriu seu dever comigo e a pena para ela era... não, não pense nisso. Não sei o que farei quando a encontrar, mas sei que preciso fazer isso antes que a notícia se espalhe.

Eu jurei que jamais mataria uma mulher, confiante de que manteria esse juramento e, assim que fui incumbido de matar Giulia, aceitei colocar minha promessa à prova, e logo cedi porque estava tomado por desejo de vingança.

Ainda que não tenha cumprido, eu planejei, cheguei bem perto no dia da nossa lua de mel. A única coisa que me impediu foram os olhos dela, seu sorriso, o seu jeito ousado de ser. Era impossível tirar a vida dela.

O arrependimento me corrói ao saber que Giulia vai ser mãe do meu filho, a mãe do meu herdeiro. Ela carregava em seu ventre o legado de nossas famílias e eu sabia que era perigoso. Se eu a encontrasse, talvez pudesse convencê-la a voltar antes que alguém colocasse suas mãos nela... antes que fosse tarde demais para os dois, ela e meu filho.

Ariella entra apressada pelo quarto de Giulia. Nem ouvi seu carro entrar na garagem de casa, ainda chocado com a notícia da gravidez.

Os olhos da minha irmã estão alarmados e seu peito sobe e desce rápido demais de ansiedade.

— Temos um problema! — exclama Ariella assim que entra no quarto — Você precisa vir comigo agora!

— Não vou a lugar algum até encontrar Giulia — digo, voltando os olhos para o papel em minhas mãos.

— *Você não entende! Giulia está em perigo!* — Ariella insiste, agarrando meu braço.

— Eu sei que ela está em perigo, mas não vou a lugar algum até encontrá-la — repito, dessa vez mais firme.

— *Ouça os fatos, Dante!* — ela grita, me dá um olhar cortante. — Giulia está sendo procurada por toda Itália e você precisa encontrá-la! Está circulando um rumor há alguns dias, somente entre os recrutas, de que Giulia está grávida. Não me preocupei com essa informação porque ela estava sob sua proteção. No entanto, não pode deixá-la sozinha na cidade com todos esses rumores.

Eu me levanto num pulo e seguro seu braço.

— *Onde ouviu isso?* — pergunto, com os dentes cerrados.

Ariella me olha, assustada, e balança a cabeça.

— Não sei, mas todos estão falando disso há dias, achei que soubesse! No início, pensei que era um rumor por causa do casamento repentino de vocês. Depois, disseram que a informação vazou de um dos laboratórios que ela fez exame, era só um rumor. Por que está tão transtornado? É verdade?

Eu a solto, corro para o meu quarto e pego duas armas. Não vou deixar que Giulia seja machucada, nem pelo meu pai, nem pelo pai dela. A protegerei, a qualquer custo.

Demoro quase trinta minutos para voltar, ainda à procura de um sinal do local que Giulia foi.

Nosso closet está cheio de roupas dela, ainda há um número gigantesco de cremes e perfumes. Tudo está exatamente igual a quando saímos de casa.

Ao voltar para o quarto de Giulia, Ariella está paralisada, com os olhos presos na televisão.

— Não dá mais tempo.

— O que foi agora?

— A polícia acaba de noticiar um atentado. Houve uma explosão de um carro há poucos quilômetros daqui. Ainda não identificaram o corpo — Ariella responde, a voz trêmula. Minha irmã está muito abalada.

— E daí? O que tem a ver? — pergunto, chegando mais perto da televisão.

A rua está escura, a fumaça toma quase toda a tela e é difícil ver qualquer coisa ali.

— O carro parece... — Ariella hesita, olhando-me nos olhos com pesar. — Parece o seu carro. O carro que Giulia saiu da casa do nosso pai — constata ela, lentamente.

Olho para o noticiário novamente, sem acreditar no que Ariella diz. Não, não pode ser. Giulia não pode estar morta. Sinto meu coração apertar e aperto os punhos. Forço meus olhos a se ajustarem e vejo meu próprio carro na tela. Eu preciso descobrir o que está acontecendo.

— Se você for até lá, a polícia pode causar muitos problemas para a gente.

— Não me importo.

— Mas eu me importo! — Ariella grita, agarrando meu braço. — Ficou louco?

— Eu preciso ir — digo, soltando meu braço. — Eu preciso saber se Giulia está bem.

— E se ela não estiver bem? O que você fará? — Ariella pergunta, os olhos preocupados ao ver meu estado.

— Eu vou encontrá-la, ainda que eu precise me arrastar no inferno para saber isso — ameaço, saindo do quarto.

— Dante? — Ariella corre até mim no corredor. — Você não me disse. Os boatos são verdadeiros? Não respondo.

Fico em silêncio olhando para ela por alguns segundos. Ariella entende o recado.

— Você sabe que o pai dela ou o nosso pai vão matá-la se descobrirem os boatos, certo?

— Eu não vou permitir — digo, firme.

— E mesmo assim, você ainda vai atrás dela? Eles vão matar você.

— Eu preciso — respondo, determinado.

Vou até a garagem e escolho ir com o Maserati para chegar o mais rápido possível. Sigo para o local da explosão o mais rápido que posso.

Não demoro muito para chegar ao local, dirigindo fora do limite da velocidade para encontrá-la. Assim que chego, vejo o meu carro completamente destruído. Há um corpo ao lado.

Meu coração bate tão forte que me pergunto se passarei mal ao me aproximar. É estranho estar do outro lado da linha, geralmente sou eu quem mata e não a pessoa que perde quem ama. Perdi muitas pessoas, no entanto, nada se compara ao choque de perdê-la, porque não posso deixar de pensar que pode ser Giulia.

Me aproximo, meu corpo inteiro treme, sou incapaz de afastar o medo dessa vez, até que vejo o corpo totalmente carbonizado. Não consigo identificar quem é. Sinto um nó na garganta que me impede de respirar. Não posso deixar de pensar que pode ser Giulia.

Continuo ali em estado de choque, com a visão turva e forço meus olhos a focalizarem naquilo sem acreditar, até que um dos policiais pede para que eu me afaste.

Explico que o carro é meu e que essa pode ser minha esposa. Não sei porque, mas friso várias vezes que *não é ela*... em estado catatônico.

Me sinto em uma espécie de pesadelo. Tento voltar a enxergar as coisas com razão, o que é impossível, até que digo para mim mesmo que '*não é ela*' várias vezes, ignorando tudo ao redor.

O policial pede para que eu o acompanhe até a delegacia para fazer um depoimento. Não tenho escolha. Jamais poderia cooperar com a polícia. Nego o pedido do homem, dando uma desculpa esfarrapada. Nem me importo muito com isso agora. Todos os meus pensamentos estão voltados para o corpo a poucos metros de nós.

— Me entregue sua identidade, por favor, senhor?

Faço o que ele pede, entregando-lhe o documento, sem olhar para ele. Não me importo com isso agora. Só quero saber se o corpo é de

Giulia. Ainda que meu coração saiba que não é ela. Não pode ser ela.

Jamais conseguirei tirar a imagem deste corpo da minha cabeça. Pela primeira vez na vida, perco o controle totalmente. Preciso pensar friamente, tudo isso pode ser um ardil. Estou em uma missão. A missão de encontrar Giulia, ela está viva.

O policial começa a analisar o documento com bastante atenção. Posso ver seu cérebro encontrar algo errado no momento em que seus olhos crescem ao ler meu nome.

— Eu sei quem você é — o policial diz, brandindo o documento de um lado para o outro.

— Sei que sabe. Sou Dante Cattalano, *o dono da porra da Itália*.

Olho para o rosto dele e busco em minha mente as informações sobre ele. Desvio o olhar para a viatura, leio a placa e volto a olhar para ele.

Dou um sorriso frio para o policial, um sorriso que já dei muitas vezes para meus inimigos. O policial leva a mão até o coldre ao olhar para mim e eu puxo minhas armas também. A coisa vai ficar feia.

— Não me faça usar a força, entendeu? — o policial diz, ao apontar a arma para mim.

— Você que *não quer* me ver usar a *minha* força, entendeu? — Viro minha cabeça de lado. — Você tem dois filhos, não é? Eu sei de tudo o que acontece nesta cidade. Sei que você se chama Riccardo Bianchi, trabalha no regimento do delegado Esposito. Chega ao trabalho todos os dias às seis da manhã e costuma fazer hora extra com seu parceiro, o policial Ferrari. Sei que sua esposa leva seu filho mais novo todo dia para a escola em Palermo, sei que tem uma filha chamada Alina que é escritora. Sei inclusive o nome do seu padeiro.

Os olhos do policial Ricardo se arregalam por um segundo, antes que ele assuma sua postura de homem da lei novamente. Não farei nada contra os filhos e a mulher dele, já as outras pessoas ao seu redor, sim. Mas preciso que ele faça o que quero, por isso, preciso assustá-lo. Eu preciso que este homem me deixe em paz para descobrir o que houve com minha esposa.

— Me entregue as armas! — grita Bianchi, com o dedo no gatilho.

— Sabe que não vou fazer isso, Ricardo. Eu não preciso. Conheço cada canto da Sicília, comando toda a Itália e sei o que cada um faz, nenhuma fagulha é movida sem que eu saiba — respondo, sem a necessidade de levantar a arma. Sei que minhas palavras serão o suficiente para manter o controle da situação.

Os policiais ao redor começam a prestar atenção em nós, prontos para intervir caso precise.

— O que você quer? — Ricardo pergunta, assustado.

Seu queixo tremula tanto que me pergunto se ele terá uma úlcera em breve.

— Preciso descobrir se o corpo é da minha esposa.

— E se for? — pergunta, com um tom apreensivo.

— Eu matarei quem fez isso — respondo, com a voz firme. — E todos que ficarem no meu caminho. Não estou brincando. Se o corpo for de Giulia, a Itália ficará banhada de sangue e terão muito trabalho pela frente!

— Parado! Você está cercado. — Outro policial se aproxima, mas o homem que conversa comigo o impede.

— Está tudo bem. Foi um acidente — Ricardo diz, com os olhos presos nos meus. Assinto.

Faço uma anotação mental para entrar em contato com Ricardo Bianchi, caso necessário.

Não sei o que está acontecendo, mas, de repente, um tiro é disparado e o policial que acabou de se aproximar cai no chão.

Outros tiros soam e eu giro meu corpo, com as duas armas prontas para apertar o gatilho. Outros policiais começam a cair no chão também. Olho para um deles, o mais próximo, e noto uma marca de tiro em seu braço. O tiro não foi fatal, ainda assim, deve ter sido doloroso.

Não sei quem fez isso, mas estou grato porque sei que quem quer que seja. Somente um louco faria algo contra mim, ainda mais aqui em meu território. Sinto alguém se aproximar por trás e apontar uma arma para a minha cabeça.

— Ande! — A voz masculina ordena, pressionando a arma.

Obedeço por curiosidade e sigo o homem para longe do local da explosão. Ainda está em minhas costas, só consigo sentir o cano da arma pressionado em minha nuca. Não sei quem é, mas estou certo de que deve ser um inimigo ou alguém muito louco. Ninguém me ameaça com uma arma em minha cidade.

Sigo-o pela escuridão da noite, ainda com a mente conturbada pela imagem da mulher morta logo atrás. Não é Giulia, repito mais uma vez.

— Te agradeço por ter tirado os policiais de cima de mim, mas tinha tudo sob controle. Inclusive, tenho muitos problemas para resolver agora e se não se importa... eu não quero atirar em ninguém, tenho outros planos. — Giro minha arma em sua direção, pronto para fazer o oposto caso precise.

— Eu sei — responde, calmamente. — Mas, infelizmente para você, eu preciso que fique longe daquele carro.

— O que você tem a ver com isso?

Viro meu corpo rápido, sem me importar se ele irá atirar ou não. Ele deve saber de Giulia.

O homem me dá um sorriso torto. Um sorriso que eu já vi milhões de vezes sobre o rosto da minha mãe. Meu coração se parte ao ver o semblante longe das sombras.

— Gabriel?

Meu irmão. O irmão que eu achei que estava morto até poucas horas atrás.

Coloco meus braços ao redor do seu pescoço em um abraço, sem pensar direito no que estou fazendo. É ele mesmo, penso, incapaz de soltá-lo por alguns segundos. É como se um portal do tempo se abrisse e eu tivesse a chance que tanto quis de abraçá-lo mais uma vez.

Sinto Gabriel ficar com a postura rígida, incomodado com meu gesto emocional. Eu não sou um homem de demonstrar muito, aquela situação foge de qualquer regra que eu conheço, o que me leva a agir de maneira diferente.

Parece que o destino anda jogando comigo. Eu pensei que meu irmão havia morrido e descobri que estava enganado... agora, posso ter perdido Giulia. Não importava a maneira, eu sempre perderia alguém, sempre teria alguém para vingar.

— O que você quer, Gabriel? — pergunto, num tom amargo, diante da frieza dele.

Observo sua postura e tudo o que Giulia contou hoje cedo. Está claro que Gabriel *escolheu* fugir, foi embora sem se importar com nossa família e a organização.

— Você sabe o que eu quero — responde, dando um passo na minha direção. — Eu quero o que é meu de direito.

Engulo a decepção e meu rosto endurece, como um espelho de seu semblante frio. Ele nos deixou pensar que estava morto por anos, abandonou tudo e... *agora quer falar de hierarquia de comando?*

— O que Giulia tem a ver com isso? *Onde está minha esposa?*

Ergo meus braços e coloco meu dedo no gatilho, sem reconhecer qualquer traço do irmão que foi embora há cinco anos atrás. Parece outra pessoa.

— Você sabe o que eu quero dizer, Dante. Você prometeu que colocaria sua família em primeiro lugar — ele diz, com os olhos fixos nos meus. — Agora que não fez o combinado, quero a organização, quero o meu poder de volta.

— Eu *não* abandonei a família, jamais abandonei meu legado. Então, não, a organização não é sua, é minha. — Cuspo as palavras em cima dele.

— A organização *era* sua. Era até você não se dar conta que Giulia era a sua família também — fala, dando outro passo na minha direção. — Você mudou, Dante. Não é mais o homem que eu conhecia. O Dante que eu conheci jamais faria o que fez, estou consertando todas as suas cagadas. Nunca foi bom o suficiente para assumir meu lugar.

— Eu não sou o homem que você conhecia, Gabriel — respondo, firme, mas então compreendo suas palavras e solto: — Eu mudei. O que quer dizer com as cagadas que fiz? *Giulia é minha esposa!* — grito, apontando a arma para ele novamente. — Eu preciso encontrá-la!

— Giulia está morta — Gabriel responde, com os olhos frios, decididos em mim. — E agora, vou assumir o meu lugar.

A vida é tão imprevisível quanto ardilosa. Tudo que conquistei foi tirado de mim. Há poucos dias, sem saber, eu tinha uma esposa e um filho que traria um pouco de luz ao meu mundo caótico. Agora, eu perdi tudo. Passarei o restante da vida sendo o homem quebrado, perdido e sem esperança. Não sou ninguém. Não sou nada. Meu poder jamais será o suficiente para lutar contra a morte de Giulia... e do meu filho.

Aponto minha arma para a cabeça de Gabriel e ele faz o mesmo. Nós nos encaramos, sem piscar, esperando o primeiro a atirar.

— Te vejo no inferno, irmão! — Minha voz soa decidida, mesmo que eu me sinta quebrado em milhões de fragmentos.

O som do tiro é a última coisa que ouço.

Dante



*"Ficar é para mim grande ventura; partir é
dor. Vem logo, morte dura!"*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 17

O som do tiro quebra o silêncio. Mas, antes que meu cérebro processe qualquer coisa, um barulho alto é ouvido e outro tiro soa, quase atingindo Gabriel. Os policiais aparecem na escuridão.

— Polícia! Todos fiquem com as mãos para o alto!

Eu não me mexo. Não tenho mais nada a perder.

Viro em direção aos policiais e vejo Gabriel fazer o mesmo ao meu lado.

— Polícia! — Um dos policiais grita novamente, alarmado por termos mirado neles. — Larguem as armas!

Não me importo com eles. Só quero vingança.

Quando estou pronto para atirar, tiros soam mais longe e eu sei que meus homens vieram me buscar.

O lugar se torna um caos. Uma verdadeira confusão generalizada ao qual já estou acostumado. Meus recrutas vêm até mim, atirando em cada policial em seu caminho e eu os ajudo.

— Senhor! — Um deles grita para mim. — Precisamos ir agora!

Eu apenas olho para o lado à procura de Gabriel, mas não o encontro. Meu irmão sabe aproveitar as oportunidades para fugir, constato, amargo.

— Eu *não* vou sem ela! — grito para ele.

— Senhor! Não podemos ficar aqui!

Não o escuto. Só penso em Giulia. Em vingança.

— Senhor! — ele grita mais uma vez. — Por favor!

Não o escuto. Não o vejo. Não o sinto. Não sou ninguém. Não sou nada.

Olho mais uma vez onde o corpo se encontra e sei que ele está certo. Chamamos atenção demais e temos o dever de manter nossa instituição sob a descrição. O sumiço de um corpo e uma dúzia de policiais mortos é chamativo. Precisarei esperar pelo exame formal, feito pela polícia e autópsia, para não nos comprometer ainda mais.

Meus homens me puxam em direção a porta traseira do carro e eu sigo, sem pensar. Sem sentir. Sem viver. Apenas existo.

Horas mais tarde, a polícia confirma o que Gabriel me disse. O laudo do legista atesta que o corpo é de Giulia, minha esposa e a mulher que eu amo. Não consigo acreditar que ela se foi. É como se a qualquer hora, Giulia fosse entrar pela porta com seu modo corajoso e apontar uma arma para mim por ser tão idiota. Sei que aquilo é uma grande mentira e não posso contar isso para ninguém. Preciso manter Giulia em segurança.

Para piorar tudo, meu pai me dá os '*parabéns*' pelo trabalho feito e me pede para ir até a reunião de hoje à noite, como se nada houvesse acontecido. Desligo o telefone na cara dele, sem conseguir mais cumprir meu dever.

Me afundo em meus próprios destroços e ligo todo o trabalho. Não posso mais.

Minha irmã entra intempestiva na minha casa, logo depois do anúncio dos jornais. Por um segundo, acho que está ali para me confortar. Sei que é em vão porque nada aplacará a minha culpa.

— Temos um problema. Você precisa vir comigo.

— Do que você está falando? — pergunto, sem qualquer emoção.

— É sobre Giulia — ela diz, impaciente. — Preciso que confie em mim.

— O que está acontecendo? — pergunto, finalmente despertando do torpor.

— Você precisa me dizer a verdade, Dante. Giulia estava grávida, *sim ou não?*

Sei que Giulia está viva e que ainda preciso guardar segredo sobre isso, ainda assim, confio em Ariella.

— Sim, ela *está* grávida — respondo, com a voz fraca. — Ela não teve tempo de me contar. Eu soube depois que fugiu.

— Há quanto tempo ela sabia?

— Por que tantas perguntas? — Desconfio, mas Ariella dá os ombros. — Ela descobriu recentemente, acho. Provavelmente, não me contou para proteger a criança de mim e da nossa família.

— Você acha que ela não te amava? — Ariella pergunta, com um olhar esquisito no rosto, quase excessivamente curioso.

— Giulia me ama — respondo, pensativo. — Ela ama cada pedaço de mim, até as sombras.

— Você acha que ela poderia ter fugido? — ela me pergunta, baixinho.

— Fugido? — repito, surpreso. — Por que pensaria assim? Não viu os jornais? Acabaram de anunciar a morte dela. Foi confirmado pelo legista que... o corpo era dela.

Uma coisa eram minhas esperanças loucas de que ela estava viva, outra era Ariella ter alguma informação. Eu sabia que eu estava em negação, ainda assim, me recuso a acreditar que ela morreu.

Afasto a imagem de Giulia sem vida em minha mente. Jogo tudo isso para debaixo do meu tapete mental, incapaz de lidar com a culpa que carrego.

Ariella me olha como se eu fosse muito burro e solta uma bufada.

— Penso assim... — Minha irmã me entrega um papel. — Por causa disso.

Analiso o documento, com tanto pânico que desvio os olhos várias vezes. Eu não quero mais lembrar do que vi, dos erros que cometi. Demoro vários minutos até entender o que Ariella quer dizer.

No laudo do legista, não aponta nenhuma gravidez. Giulia não me contara sobre o bebê, presumindo que eu não saberia sobre isso, então, se houvesse forjado sua própria morte, assim como Gabriel fez, omitiria esse fato.

— Eles estão dizendo que o corpo é dela — insisto, ainda sem acreditar. — Fizeram o DNA.

— E se ela não estiver morta? — Ariella me pergunta, cautelosa. — E se ela fugiu? Como o Gab? Na autópsia de Gabriel também tinha o DNA, Dante. Temos que pensar em tudo. Está acontecendo a mesma coisa que aconteceu com nosso irmão, não pode ser coincidência.

— Eu não sei — respondo, franzindo o cenho. — Mas, tenho um plano.

Não é difícil cair na conspiração de Ariella. Eu quero que seja verdade. Tanto que é fácil encontrar Gabriel. Era impossível encontrá-lo quando imaginava que estava morto, mas agora que sei a verdade, encontro-o facilmente escondido em um hotel usando um nome falso.

Meus homens de honra e eu estamos do lado de fora do quarto, prontos para atacar. Deixo-os para trás e bato na porta.

— Quem é? — pergunta, cauteloso.

— Sou eu — respondo. — Abra a porta.

— O que você quer? Vá embora, Dante!

— Eu quero a verdade — retruco, firme. — Abra ou eu vou atirar contra essa porta até você sair, vivo ou morto.

A porta se abre. Meu irmão está com um revólver apontado para mim e eu faço o mesmo.

— O que você quer?

— A verdade — repito. — Eu sei que Giulia está viva.

— *Você não sabe nada!* — ele rosna.

— Sei que ela está viva, porque estava grávida. No laudo, o legista não informou a gravidez — relato, com os dentes cerrados. — Eu sei que você também sabe disso. *Agora, me diga, onde minha mulher está?*

— Sua mulher? — pergunta, com um riso amargo. — Você não merece uma mulher como Giulia. Você é um monstro, Dante. Você é como toda a nossa família.

— Onde ela está, Gabriel? — pergunto, ignorando suas palavras. — Você sabe onde ela está e preciso saber. Não quer que eu encontre outros meios de tirar a informação de você, quer?

Por mais estranho que Gabriel esteja, sei que seria difícil até para mim tentar algo contra ele. É um blefe, claro. Mas, se não houver um jeito de descobrir onde Giulia está... encontrarei alguém que retire a informação de meu irmão.

— Falar assim comigo só prova que você não merece uma mulher como Giulia — ele repete, mais baixo. — Ela está melhor longe de você. Você não é bom para ela.

— Onde ela está? — grito de novo. — Me diga!

— Giulia está em segurança — responde, finalmente. — Está em um lugar onde você nunca vai encontrá-la, nem seu pai.

— Diga-me onde ela está! Você não pode mantê-la escondida para sempre!

— É aí que está enganado. Mesmo que eu acredite que está preocupado com ela, fui avisado por Giulia que você *não* é de confiança. Além disso, se ela e o bebê forem descobertos por nossa família ou pela dela, estará morta, *de verdade*, dessa vez. Acredite, quero o bem dela.

— *Você não pode fazer isso!* — digo, incrédulo. — *Giulia não merece isso! Ela merece mais do que se esconder! Eu a amo, Gabriel... estou perdido sem ela.*

— Você a ama? — pergunta, com os olhos arregalados, atento ao meu rosto transtornado.

— Claro que amo! — respondo, sem hesitar. — *Ela é minha mulher!*

— Você faria qualquer coisa por ela? — ele continua, com os olhos brilhando.

— Claro que sim! Eu queimaria o mundo por ela!

— Então, você precisa me dar algo em troca — Gabriel diz, finalmente.

— O que você quer?

Nem mesmo consigo disfarçar minha surpresa ao ver que ele mudou. Uma suspeita de que algo muito errado deve ter acontecido com ele para agir dessa maneira comigo. Justo comigo.

— Você precisa deixar de ser o chefe da instituição — ele diz, com os dentes cerrados. — Precisa me dar o controle da família.

— Está louco! — respondo, rindo. — Eu nunca faria isso!

— Você fará se quiser ver Giulia e seu filho novamente — diz, sério. — Você precisa me dar o controle de tudo. Só assim você poderá ter a mulher que ama de volta. Sabe, Dante, eu daria tudo para ter a mulher que eu amo de volta. Foi ideia dela que nós forjássemos nossa morte para ficarmos juntos. Eu fiz a mesma coisa para proteger Giulia, já que o pai dela ajudou na minha fuga. Forjei minha morte para ficar com Eva. Eu daria minha vida para vê-la sorrir mais uma vez, mas isso foi tirado de mim. Estão com meu filho, Dante. Eu farei qualquer coisa para salvá-lo, inclusive assumir meu lugar. Ele é a última coisa que me restou de Eva. Então, pode desfazer essa cara de decepção. Eu farei o que for preciso para encontrar meu filho.

Uma parte do quebra-cabeça começa a ser montada com essas palavras. Eu não gosto do modo incisivo que acha que pode falar comigo, no entanto, entendo o desespero em cada palavra dele.

— O que isso tem a ver com Giulia?

— Ela está grávida, Dante. Eva teve nosso filho e a mataram, assim como farão com Giulia se descobrirem. Eu não consegui fazer nada por minha esposa e, não deixarei acontecer o mesmo com a sua, por mais incompreensível que esteja seu modo de agir, eu me importo com você. Vou proteger Giulia e preciso assumir meu lugar para resgatar meu filho. É pegar ou largar.

Eu estava furioso. Como Gabriel podia pedir tal coisa? Como ele acha que pode se importar mais com Giulia do que eu? Talvez eu não fosse o melhor marido do mundo, no entanto, eu a amava. Me irrita ainda mais com a maneira que Gabriel joga tudo isso em cima de mim e pede

para assumir meu cargo. Era demais. Por todos esses anos, eu me senti um impostor por tomar o lugar dele e agora, ele quer que eu abdique do controle da família. Eu sabia que esse era seu dever, seu legado e, ainda assim, não gosto da ideia de abrir mão do meu poder. Se isso significava que poderia ter Giulia de volta, eu estava disposto a fazer o que fosse preciso.

— Podemos fazer um acordo. Eu assumo como Don e dou a você meu lugar — pauso, prendendo seus olhos nos meus para mostrar que falo sério. — Os homens confiam em mim e jamais responderão a você, por mais que seja seu direito, acredito que te matarão assim que tentar ser o chefe deles, ainda mais depois de ter fugido do seu dever. Eu comando tudo e te ajudo a encontrar seu filho, farei tudo para encontrá-lo.

— Você faria isso? — ele me pergunta, surpreso.

— Faria, sim. Mas, você precisa me dar Giulia de volta — respondo, com os dentes cerrados. — Pode não parecer para você, ainda assim, todas as minhas mágoas foram por ter perdido você. Por todos esses anos, eu busquei me vingar da família Pellegrini pelo que achava que tinham feito. Todos os problemas foram causados por você, então conserte e me devolva minha esposa.

— Certo. Eu vou te levar até ela. Livre-se dos homens que sei que estão do lado de fora, temos que ir sozinhos.

Faço o que ele pede e, me pergunto porque meu irmão mudou tanto.

Nós dirigimos por horas, até chegarmos a um lugar isolado na Sardenha. A lua já está no alto quando chegamos ao local no meio da mata, cercado por ruínas e praias colossais. Parece uma cidade fantasma, não há ninguém ali. Na verdade, era quase uma cidade vazia.

Os políticos tentavam fazer o repovoamento da região, mas essas coisas levam tempo. Não há nada para ver além das paisagens, é um ótimo lugar para se esconder. Imagino que foi ali que Gabriel passou todos esses anos.

Hesito quando vejo a entrada do local. Uma parte de mim, ainda sente medo de que isso tudo seja uma grande mentira e que Giulia esteja realmente morta.

Gabriel olha para trás, cauteloso, quando percebe que demoro alguns segundos para segui-lo.

— Você vai me dar sua palavra que não vai fazer nenhuma besteira? Eu sei do juramento.

— Juro pela sua vida. — respondo, sentindo meu humor voltar com a chance de que tudo isso seja verdade.

— Muito engraçado. — Ele rola os olhos. — Giulia está aqui.

Gabriel aponta para a porta, indica para que eu entre primeiro. Demoro a subir as escadas da varanda, tomado pelo alívio de estar a poucos passos dela. Ainda assim, aperto minha arma com a mira apontada, preparado para tudo, caso ele esteja mentindo.

— Vamos. Não temos tempo a perder. Você precisa tomar o seu lugar de Don o mais rápido possível.

Vejo que ele quer fazer algum comentário sobre o revólver em minha mão e ignoro. Sigo-o até a casa e espero-o entrar primeiro.

Está escuro dentro do pequeno imóvel, demora um pouco para meus olhos se acostumarem com a ausência de luz. Quando finalmente enxergo, meu corpo inteiro treme com o que vejo:

Giulia está com um olhar cortante em seu rosto. Tenho a sensação esquisita ao encontrar seus olhos, que parecem mais maduros do que na

última vez que a vi. Minha esposa ergue o queixo ao me ver e eu tento controlar o choque de vê-la na minha frente sã e salva.

— Veio me matar, Dante Cattalano? — Estala a língua, olhando-me dos pés à cabeça. — Ou irá me torturar antes de cumprir seu juramento?

— Giulia — digo, baixinho. — Pensei que...

— Tenho um acordo para você — interrompe, tempestuosa.

Percebo que ainda estou com a arma em punho e abaixo-a em um rompante. *Ela pensou que eu vim até aqui para matá-la?*

Gabriel sai de fininho, ciente que precisamos ficar a sós. Observo Giulia, paralisado por um momento, depois de acreditar que poderia nunca mais vê-la. Nem tenho certeza se eu mereço olhar para ela mais uma vez.

Giulia continua no sofá e gesticula para que eu me sente à sua frente. Sua postura ereta me chama atenção, ela pensa em cada gesto seu, cada maneira de demonstrar que ali ela é a rainha e eu sou seu súdito. Sinto como se eu tivesse voltado no tempo, para o dia em que ela ergueu seu queixo e me desafiou dentro do meu próprio clube. Minha esposa faz-se clara em mostrar que também veio de uma família de honra e sabe liderar e negociar quando precisa.

— Escute-me primeiro... deixe-me explicar. Eu nunca quis cumprir o juramento, eu...

— Isso não importa mais. Nós dois sabemos que você não pode lutar contra o pacto de sangue — ela interrompe, amarga e fecha os olhos para segurar a irritação. — Eu sei que terá que me matar, não quero persuadi-lo quanto a isso. Você é um homem de honra e precisa cumprir sua palavra e, por mais que isso tenha cortado o meu coração, sei que não há outra escolha para você. Eu estou grávida, carrego um herdeiro direto da sua família e não pode fazer nada contra mim. Meu

acordo é que faça o que precisa ser feito após o nascimento do meu filho.

Me ajoelho na frente dela e coloco minha mão em sua barriga. Não demora mais de um segundo para que ela empurre meu braço com força. Giulia ainda está com muita raiva de mim.

— O quê? Sempre há outra possibilidade... uma escolha diferente — minto, sabendo que só há uma alternativa. Eu sempre soube a escolha que faria.

Eu sou um homem de palavra, isso é o mais importante para mim e jamais poderia quebrá-la. Eu nasci um homem de honra e jamais mudaria.

— Dez meses, Dante — ela prossegue, diz como se tentasse ler meus pensamentos. — Me deixe somente conhecer meu filho, para que eu possa dizer adeus e, então, você pode fazer o que precisar. — Sua voz falha no final. Sinto como se meu coração houvesse se fragmentado em poeira ao ouvir a dor em suas palavras.

— Giulia, você não pode estar falando sério — respiro fundo, tentando controlar minha frustração. Imaginar um futuro sem ela, me faz querer gritar.

— Tudo bem, então me dê nove meses, desde que me deixe vê-lo uma vez.

— Giulia, eu não... — pauso, incapaz de continuar a ouvir suas palavras. — Eu soube o que faria desde que fiz esse juramento. Nunca houve qualquer dúvida ou hesitação... sempre houve uma única possibilidade e, por mais que eu tivesse tentado adiar, essa hora chegou — digo, com o olhar preso em seus olhos.

— Você faria qualquer coisa por sua família, não é? — Giulia pergunta, baixinho. — Mesmo que isso signifique destruir tudo.

— Faria qualquer coisa para mantê-los seguros — pauso, imaginando apagar o futuro que eu teria com ela da minha mente. — Mesmo quando isso significa que perderei vocês.

Uma lágrima surge em seus olhos e não consigo evitar de me sentir mal por tudo isso. Sinto as dores nas profundezas de meu coração, ao pensar que nunca mais a verei, que nunca mais a tocarei ou a beijarei.

— Eu sei — Giulia diz, baixinho.

Ela fica em silêncio e fecha os olhos, tenta recuperar o controle de suas emoções. Meu coração dói ao pensar em tudo que estamos prestes a perder, mas sei que não há nada que possa fazer para mudar o rumo dessa história.

— Dante, jure pelo seu sangue que fará tudo o que puder para manter meu filho seguro — ela diz, finalmente. — Você precisa me dar sua palavra.

— Venha.

Acompanho-a até a porta, sabendo que essa pode ser a última vez que a vejo. Memorizo cada detalhe dela, sem parar de imaginar qual traço delicado de Giulia nosso filho herdaria. É doloroso pensar no futuro que não teremos.

— Giulia — chamo-a, baixinho. — Me desculpe por tudo o que fiz e o que farei. Eu te amo.

Ela para de andar e vira-se para me encarar, com os olhos brilhando de lágrimas. Por um momento, pensei que ela fosse dizer algo, mas ela se contenta em apenas balançar a cabeça, antes de entrar no carro.

— Ariella, reúna cada membro do conselho, inclusive os pais de Giulia. Preciso de uma reunião com urgência — digo, pelo viva-voz, ao

entrar no carro.

Minha irmã demora alguns segundos para responder. Quase me pergunto se a ligação ficou ruim, quando ela finalmente responde.

— O que vai fazer, Dante? Não faça o que estou pensando!

— Farei o que é preciso — respondo, encerrando a chamada.

Não quero mais perder o tempo que tenho com a Giulia com qualquer outra coisa. Uso todo o caminho para memorizar cada traço dela, guardando cada lembrança em minha alma, sabendo que essa será a última vez que a vejo.

Giulia



*"Que importa que me prendam, que me matem? Serei
feliz assim, se assim o quiseres."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 18

Quando fugi da casa dos pais de Dante, não tinha nenhum plano em mente. Eu só não suportava mais olhar para ele depois de tudo o que aconteceu. A dor de saber que ele foi capaz de fazer um juramento de sangue para me matar, era mais forte do que qualquer coisa que eu já tinha sentido.

Enquanto dirigia liguei para minha mãe e logo depois para Gabriel, contei a ele tudo o que aconteceu. Ele já estava na cidade, já que iria encontrar comigo logo depois, conforme marcamos. Dirigi chorando sem parar, até que uma luz trepidou na frente do capô do carro, o que chamou minha atenção.

Em um gesto automático, procurei o ponto inicial daquilo, mas só encontrei os arbustos vultosos que se estendiam pela noite profunda. Demorei bastante para enxergar na escuridão, até que vi o carro atrás do meu sinalizar com o farol novamente. Não saí do carro, pronta para pisar no acelerador a qualquer perigo, quando apareceu carregando um corpo.

A partir daí, segui todo o plano elaborado dele, assim que o fiz jurar com sangue que eu não estava caindo em mais uma armadilha e que eu e meu filho estávamos seguros. Agora, sentia-me uma tola, porque ele sumiu desde que Dante chegou na cabana. Talvez Gabriel tivesse descoberto o que eu já sabia: Não tínhamos força para lutar contra duas máfias perigosas e letais.

Comprovei minha tese quando chegamos à sala de encontros dos Cattalanos. Era um salão grandioso, no qual havia uma mesa redonda destinada aos homens de honra sicilianos.

O conselho nos aguardava conforme a ordem de Dante. A cada passo para dentro do estabelecimento, eu sentia meu pânico escalando gradualmente. Minha última esperança, era meu pai, que também estava ali.

Eu fiz tudo o que pude para convencer Dante a abrir mão de sua vingança contra meu pai e que não o matasse. Esperava que ele fizesse o mesmo por mim. Mas, sabia que possivelmente havia mais chances de que ele não fizesse absolutamente nada. Minha resignação era um mecanismo de defesa, não havia nada que eu pudesse fazer para lutar contra tudo aquilo. Era impossível.

Não deixo minha mente ir até meu filho, que mal tivera a chance de chegar a esse mundo, sem descobrir o quanto ele era cruel e desumano. Me recuso a pensar no que perdi, mas a dor ainda está lá, por mais que eu não pense nela.

Os homens de honra tanto da família de Dante, quanto da minha, estavam esperando-nos impacientes. Todos estavam sentados em cadeiras clássicas que me lembravam tronos de reis e rainhas, tinham a mesma agitação no olhar e cochichavam entre si sobre os últimos acontecimentos.

Meu pai estava, surpreendentemente, ao lado do pai de Dante. Aquilo não poderia ser algo bom. Procuro qualquer vestígio de desentendimento entre eles e não acho nenhum.

Ando ao lado de Dante, solto uma respiração pesada e ergo meu queixo, orgulhosa de mim por ir até ali. Os homens franziam suas bocas para mim, como se não gostassem de minha postura altiva. Não me importo com eles. Jamais me renderia e seria desmoralizada por eles. Se queriam me matar, teriam alguém que jamais se ajoelharia para eles. Eu morreria de pé e com o queixo erguido.

— Ora ora... quantos homens de honra — ironizo com um sorriso doce no rosto, deixo meu olhar cair em cada um deles. *Não se renda. Não se amedronte.* Repito para mim, sem parar.

Sinto o olhar de Dante me queimar as costas. Ele segura a cadeira para que eu me sente, mas eu recuso. Ficarei de pé.

— Onde está Ariella? — pergunta Dante, ao correr os olhos pelo salão à procura da irmã.

— Sua irmã avisou que se atrasaria, prossiga — Tommaso sorri, como se soubesse exatamente o motivo que trouxe o filho ali. — Veio cumprir seu juramento? — pergunta, com os dentes à mostra em um sorriso estranho que não combina com ele.

— Certo — respondo, me mantendo firme.

Finjo que não me importo, apesar de meu abdômen se revirar ao ouvir aquilo.

— Que juramento? — meu pai pergunta, impaciente. Seus olhos param inexpressivos em mim.

O Tommaso ainda está sorrindo quando responde:

— Meu filho fez um juramento de sangue. Prometeu que mataria sua filha, está vindo pagar esta dívida.

Meu pai permanece inexpressivo, como se não se importasse com nada daquilo, nem mesmo fica surpreso. Logo depois, ele olha para o relógio, como se aquilo fosse uma bobagem.

Minha visão fica borrada ao absorver que ele está preocupado com o tempo que está perdendo ali. A dor me abate em um rompante. O pior tipo de solidão é a dos órfãos de pais vivos. Pais como os meus que abortam seus filhos, que não fazem nada para protegê-los e mata-os

com sua ausência. Meus pais simplesmente não se importam e eu estou sozinha.

Era como se cada esforço meu tocasse a minha memória naquele momento. Fiz tudo o que pude para chamar a atenção deles, tentei fazer o que era certo pela família, esperançosa de que um dia... eles me amariam tanto quanto eu os amava. Não adiantaria. A única chance que eu tinha de ter uma família, era com a criança que eu carregava e, ainda assim, eu falhei.

Dante olha do meu pai para mim, compreendendo o que não consigo esconder.

— Desculpe por demorar a notar que *você* sempre foi a *minha família*, assim como eu sempre serei a sua — ele diz baixinho, somente para mim.

Minha visão fica borrada e eu estou cada vez mais confusa ao ouvir aquilo.

Dante me olha mais uma vez e dá um passo na frente, bloqueia meu corpo com o seu. Ele ergue seu queixo resoluto e pigarreia para silenciar o salão.

— Não, eu não vou cumprir o juramento — Dante professa, com a voz decidida.

— Dante, o que está fazendo? — sussurro, surpresa com a atitude dele.

Meu coração começa a acelerar com o perigo do que acabou de dizer.

Todo o conselho é tomado por um burburinho. Alguns homens começam a erguer suas armas e eu mal consigo desviar meus olhos de

Dante, sem compreendê-lo. *O que ele planejou? Desafiar o pai logo aqui?*

— O que está dizendo, Dante? Onde está sua honra? — Tommaso grita, silenciando o salão. — Cumpra seu juramento!

Meu marido fica impassível e coloca a mão para trás, protegendo-me como se ele fosse meu escudo humano.

— Sou um homem de honra e minha integridade é tudo o que tenho. Fiz um juramento de sangue a este conselho, prometi que tiraria a vida de Giulia ou daria a minha vida em troca. Nunca houve uma escolha para mim, eu sempre soube que a escolheria, só ganhei um tempo com Giulia. Meu coração se rendeu a ela e agora, eu me rendo a esse conselho. Sacrifico minha vida, meu sangue e todo o meu mundo a Giulia Pellegrini Cattalano.

— O quê? Dante? — Me desvencilho dele, com o coração na boca. *Ele está se sacrificando por mim?*

Meu pai franze o cenho, enquanto Tommaso fica com o rosto vermelho de raiva.

— Você vai morrer por uma mulher? Você é o Sottocapo desta instituição... um homem importante. Daria sua vida por alguém.. tão? — Meu pai deixa a frase morrer. *Meu próprio pai!*

— *Alguém sem importância? É isso o que sou para você? Eu te defendi!* Sou eu que tenho o seu sangue! *Eu sou sua família!* — grito, perdendo a compostura diante de todos pela primeira vez.

— Não, você não é. — Dante se vira para mim, prendendo-me com seu olhar. — Você é minha família, assim como eu sou a sua. Desculpe por demorar a entender isso.

Meu marido volta a entrar na minha frente, diante dos homens que se entreolham, decidindo o que fazer.

— Giulia não é alguém sem importância, ela é minha família e tudo o que tenho. Desde o dia em que a vi pela primeira vez, ela dominou cada batida do meu coração. Foi fácil amar a mulher que me olhou de igual para igual, que nunca temeu meu cargo ou poder, que me desafiou e me mostrou que eu seria dela, mesmo quando estava tomado pelo rancor e vingança. Eu me rendo a este conselho para me fazer pagar por meu juramento. Meu amor por ela é o motivo da minha condenação e minha redenção.

— Não — falo, tentando me desvencilhar dele. Dante me segura firme. — Dante, por favor — sussurro, implorando.

— Não, Giulia. Eu tenho que fazer isso.

— Você não pode! — grito, sentindo o medo apertar meu coração.
— Não vou permitir que você morra por mim!

— Silêncio — Dante sussurra com firmeza para mim, me fazendo ficar quieta.

— Você desafia o conselho? Por que faria isso? — Tommaso pergunta, surpreso.

— Faço isso porque sou um homem de honra e tenho integridade. Eu não vou permitir que ninguém machuque a mulher que eu amo.

— Tem certeza que está disposto a morrer por ela? — meu pai pergunta, com os olhos arregalados de surpresa.

— Estou. Eu mataria, torturaria e *morrerei* por Giulia. — Dante me olha por um segundo inteiro.

Seus dedos acariciam minha bochecha e ele me dá um beijo nos lábios, antes de beijar minha testa. Meu coração se despedaça em

muitos fragmentos ao notar que esta é sua despedida. Cada palavra dita por ele foi pensada, provavelmente por todo esse tempo;

— Levem-na agora e depois cumpram o seu dever.

Os recrutas me seguram com firmeza, acatando a ordem dele. Continuo a me debater sem parar e grito para Dante não fazer aquilo. Ele não me olha mais, nem por um segundo, ao dar um passo para a frente do conselho, enquanto os homens me puxam para fora da sala.

Os recrutas me levam até o corredor, quando vejo Ariella e Gabriel entrarem correndo. Eles me olham preocupados, mas passam por mim e entram no salão às pressas.

— Por favor, deixe-me ir até Dante — peço aos homens, que não me soltam.

De repente, tudo o que eu ouço é o barulho da porta se fechando e, logo depois, o som do tiro. Meu corpo fica paralisado e meus olhos se arregalam de surpresa, enquanto minha mente processa o que está acontecendo.

A dor é instantânea e avassaladora. Eu não consigo me mexer, enquanto os homens me seguram. Não consigo pensar com clareza. Só sinto a dor.

— Dante! — grito, querendo voltar para ele. Torcendo para que esteja vivo.

— Cale a boca! Fica quieta! — Um dos recrutas diz, ao sentir meu corpo inteiro tremer.

Eu não consigo me mexer. Tudo o que consigo ver são as luzes piscando no teto, o som da respiração ofegante dos homens que me seguram e o buraco em meu coração. Não consigo pensar em nada.

Minha mente parece estar vazia. O buraco começa a se espalhar, até que eu não consigo mais sentir meu corpo.

Eu sinto o vazio alcançar meu coração e quero gritar, mas não consigo. A dor é forte, mas não consigo pensar em nada. Não consigo pensar em Dante. Não consigo acreditar que se sacrificou, que está morto e que eu o perdi.

Dante



*"Basta que me ames, e eles que me vejam! Prefiro ter
cercada logo a vida pelo ódio deles, a ter morte longa
faltando o teu amor."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 19

O salão está em chamas assim que as portas se fecham. Não sinto medo da morte, já convivo com essa possibilidade há tanto tempo, que só penso no que perdi com Giulia. Eu nunca verei sua barriga crescer, os traços que meu filho herdará dela, se terá sua ousadia ou sua paixão. Tantos momentos passam em minha cabeça no segundo em que ela me deixa ali. Não me arrependo de minha escolha, só queria ter mais tempo com ela.

No fundo, eu sempre soube que chegaria o dia em que eu teria que cumprir meu juramento e nunca pensei em matá-la de verdade, sabia que me renderia e sentia dor por não ter tido mais tempo.

— Você fez um juramento de sangue, Dante. Esta instituição é para homens honrados e que cumprem sua palavra e, caso contrário, pagará com a vida. Está certo de sua decisão? — Tommaso Cattalano argumenta.

Não é meu pai que diz essas palavras, mas sim meu chefe. O homem que comanda a instituição.

— Nunca estive tão certo de uma escolha. Minha honra está intacta.

Meu pai ergue a arma e os homens se levantam ao seu lado. Torço para que Giulia já esteja longe e que nada disso prejudique o bebê.

Olho profundamente para meu pai e ergo o queixo, um gesto que aprendi a amar em minha esposa.

— Eu sou um homem de honra e pagarei com minha vida.

Mantenho os olhos abertos, presos a cada olhar naquela sala. Não morrerei como um covarde. Tenho orgulho da escolha que faço por Giulia.

A arma é destravada e meu pai assente com o queixo. Deixo minha mente vagar para minha esposa, pronto para morrer, quando as portas se abrem violentamente.

— Não! O juramento está anulado! — Ariella grita, alarmada, ao ver meu pai com a pistola pronta para atirar.

De repente, Gabriel entra e o salão é tomado por uma algazarra sem fim. Ninguém esperava vê-lo ali, muitos nem sequer sabiam que ele está vivo e estão em estado de choque, como se ele fosse um fantasma.

Meu pai pede silêncio, ainda assim, Gabriel dá um sorriso sarcástico para todos eles, o que os leva a fazer ainda mais barulho.

Um tiro soa e eu me preparo para a dor, mas ela não vem. Meu pai acaba de atirar para cima em busca de ordem, todos se calam imediatamente depois disso.

— Ariella, já está decidido. — Meu pai vira a arma para mim e minha irmã corre, entrando na minha frente.

Empurro-a levemente, sabendo que meu pai será capaz de matar nós dois se ela se colocar no caminho.

— Dante jurou pelo sangue que mataria a filha do assassino de Gabriel. Seria uma retaliação contra Francesco Pellegrini, de filho por filho. Como podem ver, meu irmão está vivo. Nunca foi assassinado. — Minha irmã retira um papel do bolso e entrega para meu pai. Assisto a tudo com a mente vazia, exaurido — O código de conduta diz que em caso de juramento de sangue, as palavras são tomadas ao *significado literal* e que, caso haja qualquer incongruência com a promessa, o juramento é *anulado*.

Meu pai fica chocado. Mas, como tudo não para de mudar, Gabriel toma a frente e dá um passo.

— Se você ainda tem algum senso de justiça, deve desculpas a Dante e a essa instituição. Meu irmão sempre foi digno, não posso dizer o mesmo sobre sua honra, Tommaso — Gabriel diz, com seu sorriso de quem promete algo caótico. Todos começam a puxar suas armas. — Devo lembrá-los que eu sou o sucessor *dele* e que se ele morrer, o comando de tudo é *meu*? — Gabriel pergunta para os homens, antes de puxar duas armas.

— Como ousa falar em honra? Você fugiu do seu dever. É uma vergonha que tenha a coragem de pisar aqui.

— Oh! Eu tenho muito mais do que isso. — Meu irmão sorri novamente, como uma fera que acabou de ser atizada. — Eu nunca fugi. Somente esperei meu irmão assumir para voltar. Vim aqui expor seus planos para esses honrados homens, vamos ver se *você* merece pisar aqui?

— *Gabriel!* — Ariella intervém, assustada.

Sem dúvida, isso está fora do que combinaram.

— Por onde começo? — Meu pai abre a boca, mas Gabriel destrava a arma em sua direção, pronto para atirar. — Eu não fugi do meu dever, eu vim tomá-lo do homem que *planejou me matar para continuar no poder*.

— Seu mentiroso! Isso é uma mentira! — meu pai rosna, mas seu olhar o trai. Há um medo enorme em seus olhos, culpa.

Gabriel balança a cabeça para os lados lentamente.

— Tsc, Tsc, tsc — estala a língua, com o olhar em meu pai. — E você diz ser um homem honrado e mente para seus homens? Eu tenho

provas, não somente disso, mas também que negociava com a *bratva*. O acordo era de dar livre acesso aos russos por toda a Sicília, desde que acabassem com seu maior rival, o *Francesco Pellegrini*. — Meu irmão sorri novamente ao ouvir a revolta tomar conta de todos.

— Isso é verdade? — Lorenzo, nosso consigliere intervém.

Meu pai fica em silêncio, vendo seus homens duvidarem dele.

— *Eu queria expandir nossos negócios!* — Ele bate na mesa, piorando sua situação ainda mais. Por um segundo, tenho pena dele, mas então, lembro do que ele faria com minha esposa e fico em silêncio. — Você está me julgando? Acreditam nele? Gabriel deve ter se unido com os Pellegrinis para dar o fora daqui.

— Acha que me orgulho de minha aliança com ele? Francesco Pellegrini é tão vil quanto você. Ele também terá o que merece em breve.

Francesco puxa sua arma, o que faz com que os homens de meu pai reajam imediatamente. O ódio que nossos soldados sentem dele ainda é muito recente. Não aceitaríamos um Pellegrini empunhando arma em nosso conselho, mesmo sob a ruína que pairava no ar.

— Tommaso Cattalano, você não é digno desta instituição honrada. Traiu seus homens e seu juramento e pela vida pagará — Gabriel diz, endurecendo seu rosto.

— *Não!*

Meu irmão atira antes que Ariella termine de gritar. O choque perpassa meu corpo. Imagino que os homens sentem o mesmo porque ninguém reage imediatamente.

Meu pai fica paralisado por um segundo, olhando para o buraco que a bala deixou em seu peito, antes de cair.

— *Seu mentiroso!* — meu pai geme, sua voz é quase um sussurro quando cai aos pés de Gabriel.

— Eu não sou mentiroso, sou um homem de honra — Gabriel diz, apontando a arma para meu pai e atirando mais uma vez.

Olho o corpo do meu pai sem vida no chão, sem sentir qualquer emoção. Na verdade, me sinto completamente vazio por alguns segundos que parecem durar horas.

— A instituição está de volta ao controle. Quem não estiver de acordo, diga agora — Gabriel chama a atenção de todos e ninguém se mexe. — Fiz um acordo com meu irmão. Abrirei mão de meus deveres como *Don* legítimo desta instituição, se preferirem ficar sob a liderança de Dante. Caso prefiram que o comando seja meu, Dante permanecerá ao meu lado liderando-os como seu subchefe, assim como é agora.

Os homens ficam em silêncio. Ninguém se mexe até que um dos homens de meu pai dá um passo à frente e se junta a mim. Logo outro segue. E outro. Até que todos os homens da sala se reúnem ao meu redor.

— Meu irmão é mais digno do que eu. Tenho certeza que fizeram a escolha certa — Gabriel termina.

Os homens começam a aplaudir e gritar meu nome. Todos ao meu redor gritam que isso os levará ao caminho certo, para a justiça e a honra.

Detenho meu olhar em meu pai caído ao chão mais um segundo, antes de me virar para Francesco Pellegrini.

Os recrutas ainda seguram seus braços, olhando-me para saber o que fazer. O medo toma os olhos dele ao ver meu rosto endurecer.

Ergo a arma e miro em seu peito, ciente que preciso fazer o necessário para proteger minha esposa, agora que meu pai se foi.

— Giulia te defendeu todos os dias desde que nos casamos, ela foi leal a você até o fim. A dor que causou a ela por agir como se ela não significasse nada, faz com que seus erros sejam imperdoáveis para mim. Você merece morrer por isso. Merece morrer por não tê-la protegido. Giulia é minha esposa e minha protegida, vejo o modo que a tratou como um ataque a minha família e pagará com a vida.

— *Acha que só porque tomou o poder pode me desafiar?*

— *Eu posso, sou o Don e esposo de sua herdeira.* Você deve tomar muito cuidado com suas palavras a partir de agora. Giulia está grávida. Se você morrer, *eu* também assumirei seu lugar e farei tudo o que construiu virar cinzas — digo, frio.

O queixo de Francesco treme levemente, mas seus olhos estão acesos, quase febris. Eu não sou de me levar por emoção, tento manter meus negócios sempre de forma racional, mas isso é pessoal. Quero que ele pague pelo que fez a Giulia.

— *Minha filha nunca perdoará você! Perderá Giulia se me matar.* — Francesco dá um sorriso. Ele está certo. Hesito, olhando para ele friamente.

Giulia é mais apegada à família do que deveria, muito além do que eles merecem.

— Não me importo. Você merece pagar pelo que fez. Será sempre um risco para ela e meu filho... não posso deixá-lo viver.

— Giulia não vai te perdoar, sabe que estou certo — argumenta ele, apavorado.

Destravo a arma e miro, mas antes que eu aperte o gatilho, um tiro soa atrás de mim.

— Ela realmente não iria perdoar você — Ariella diz, ainda com a arma apontada depois de atirar.

As mãos de minha irmã estão trêmulas e seu rosto está banhado de lágrimas. Minha irmã pareceu corajosa ao atirar, mas ainda chora pelo nosso pai, soluçando. Ela é como Giulia, leal até o fim, mesmo a quem não merece tal gesto.

O pai de Giulia cai em um som oco, ecoando por todo o salão silencioso. Um alívio toma conta de mim ao ver que ele teve o que merece.

As portas do salão são abertas com força, todos nós viramos a cabeça ao ver Rafael entrar em seu modo peculiar. Ele está segurando um sanduíche de um delivery com a camisa suja e uma garrafa de cerveja na mão.

Meu irmão caçula fica surpreso ao ver todos na sala olharem para ele.

— O que foi que eu perdi? — ele pergunta, limpando a boca com o guardanapo após dar um gole em sua cerveja. Seus olhos pousam em nosso pai no chão e a dor em seus olhos dura um segundo. — Me sinto dentro de um *drama italiano*. *O que diabos aconteceu aqui?*

— Acho que temos um Don agora — Gabriel diz, com um sorriso cansado, mas triunfante. Ele gesticula com o queixo para mim.

— Sim, nós temos um novo Don — Ariella sussurra, baixinho, ainda chorando.

Eu sou o novo Don. A sensação ainda é estranha, mas sinto-me honrado com a escolha dos homens. Meus irmãos estão ao meu lado e

sei que eles me apoiarão em qualquer decisão. Nossa família está mais sólida e sinto que finalmente posso respirar.

A dor pelo que perdi ainda é estranha, mas sei que Giulia está bem e que nosso filho está seguro. Não tenho medo de enfrentar o futuro, sei que minha família estará protegida.



Giulia ainda está se debatendo com os guardas quando chego. Seu rosto parece visivelmente atormentado e, quando ela me vê, uma luz enorme surge em seus olhos. Meu peito, lentamente, vai sendo preenchido.

— Eu pensei que tivesse perdido você, Dante! — Giulia grita e chora, tudo ao mesmo tempo.

— Soltem minha esposa — ordeno para os homens, que se entreolham sem entender. — Estão desrespeitando a ordem de seu *novo Don?* — pergunto, fazendo-os soltá-la imediatamente.

— O quê? — Giulia franze o cenho, mas logo corre em minha direção. — Eu pensei que você tinha morrido, Dante. *Por que se sacrificaria desse jeito?*

— Porque eu amo você.

Seus braços ficam ao meu redor e finalmente posso respirar. Sinto cada parte do meu futuro sendo-me dada novamente. Isso é mais do que posso esperar da vida.

Me lembro que ainda tenho uma notícia para dar ao vê-la me olhar e sorrir, ignorante ao que aconteceu naquele lugar.

— Giulia eu sinto muito — digo, sério.

— Você não precisa se desculpar, Dante. Você se sacrificou porque achou que era certo, eu entendo. *Nunca mais faça isso* — ordena. A dor em seus olhos não dá para ser ignorada.

— Eu não estou aqui para me desculpar.

Ela franze o cenho, confusa, mas logo entende ao ver a expressão de dor em meu rosto.

— *O que aconteceu? Você está bem?*

— É o seu pai... eu sinto muito.

Eu a vejo arregalar os olhos e chorar imediatamente. Em seguida, Giulia me abraça, mas eu não consigo a abraçar de volta. Eu ia matá-lo, Ariella só foi mais rápida por poucos segundos. Pelo olhar que Giulia me dá, sei que ela ficaria ressentida se eu tivesse feito algo com o pai dela. Como sempre soube, leal até o fim.

— Ele está morto? — pergunta, acredito que para afirmar aquilo para si mesma. Seu olhar triste me dá pena.

— Sim.

Giulia assente, ainda soluçando. Sei que ela quer saber quem o matou, presumo que imaginou alguma coisa e ficou calada.

— O que precisa? O que posso fazer para te ajudar? — pergunto, angustiado ao ver o modo que está.

Minha esposa parece perdida, ainda em choque. Suas bochechas estão rosadas com as lágrimas recém-caídas e é doloroso para mim olhar para ela. Mantive segredos demais dela por todos esses meses, sei que preciso dizer a verdade a partir de agora. *Chega de segredos.*

— Eu sou o Don, Giulia. Acabou. Você e nosso filho estão seguros e serão protegidos. Eu não o matei, mas foi por pouco. Eu sei que seu maior medo era perder sua família... ainda assim, eu precisava manter a minha família segura.

— Você não entendeu ainda, Dante? *Eu perdoaria* você se tivesse feito o que era preciso para nos proteger. — Giulia me olha profundamente. — Não perdi minha família, na verdade, eu ganhei uma. Nós ganhamos.

Ainda assim, sei que ela ficaria ressentida se eu tivesse matado Francesco. Por mais estranho que pareça, vejo que está sendo sincera. *Giulia me perdoaria*, constato surpreso.

Cometi muitos erros contra a família de Giulia e ela sempre *me escolheu*. Sabe quem eu sou de verdade, ama minha luz e minha sombra. Minha esposa ama o perigo e o homem criminoso e perverso que sou, tanto quanto ama meu lado protetor com minha família. Ela está certa. Nós ganhamos.

— Você me deu tudo e eu torturaria, mataria e queimaria o planeta por vocês — digo, sincero, porque sei que ela gosta. Giulia ri, mas ainda está chorando. Ela sempre acha engraçado quando eu mostro esse meu lado cruel também. Coloco minha mão sobre sua barriga pequena. — Vamos sair daqui.

— Espere...

Giulia me dá um susto quando pega a arma de meu coldre e se vira para meus homens. Não ousou intervir antes de entender o que há com ela.

Minha esposa dá vários tiros para cima, olhando para os homens, que olham para mim, apavorados. A maioria deles não está acostumado

a ver uma mulher se atrever contra um mafioso, já eu, estou acostumado a ela.

— Se me segurarem novamente, mandarem eu me calar ou qualquer coisa assim de novo, *eu juro pelo meu sobrenome* que, da próxima vez, o tiro será em vocês. Não importa de quem seja a ordem, eu matarei vocês se isso acontecer de novo.

Nunca ouvi Giulia usar esse tom, tão frio. Uma cópia do que eu uso para comandar meus homens. Só então noto que minha esposa também mudou muito durante esse tempo.

— Vamos para casa, Dante — diz, ainda segurando minha arma.

Quando chegamos em casa, ajudo-a a subir as escadas e a deito na cama.

— Eu te amo, Dante — sussurra, quando eu a beijo. — Eu não tive tempo de dizer isso dentro daquela reunião e isso quase acabou comigo.

— Eu te amo também, Giulia.

Eu a abraço, mas sinto que a dor em seu coração está além do meu controle. Eu a amo tanto, mas não sei como consertar isso. Giulia perdeu seu pai, o homem que não merecia seu amor e mesmo assim ela o deu.

Me sinto impotente, incapaz de tirar a dor de seu coração. Giulia chora baixinho até dormir, e eu deito ao seu lado, desejando poder tirar toda a tristeza de sua mente. Mas sei que isso é impossível. Perder um pai nunca é fácil, ainda que seja um homem terrível. Eu sei bem o que é isso.

No dia em que conheci Giulia, eu ameacei seu pai, perguntei algo sobre onde ele estaria. Eu já vi muitas pessoas temerem a própria vida, todas elas sempre temiam. Já minha esposa, sempre temeu perder a

família, aqueles que ela amava. Sabia que essa ferida demoraria para ser cicatrizada no momento em que algo assim acontecesse.

Giulia passa os próximos dias na cama, saindo somente para fazer os exames que o médico pede. Vejo-a melhorar um pouco no dia seguinte, no entanto, ela liga para a mãe, insiste em saber sobre o funeral, mas, Silvia Pellegrini age como de costume, afugentando a filha e impedindo-a de se despedir do pai, como se tudo fosse culpa *da "traição dela"*.

Claro que isso piora ainda mais seu luto. Fico ao seu lado, tentando de tudo para tirá-la daquela tristeza, mas nada funciona. Giulia parece ter se perdido, e eu não sei mais o que fazer.

Até que algumas semanas depois, ela finalmente sai da cama e começa a se vestir. Sei que está determinada e que algo mudou.

— O que vai fazer? — pergunto, quando a vejo se olhar no espelho.

— Acho que o bebê cresceu um pouco. — Giulia levanta a camisa para se ver melhor através do reflexo.

Eu a observo vir até mim e colocar minha mão em sua barriga. Sinto um pequeno choque ao sentir-me tão próximo do meu filho, a emoção indescritível começa a tomar conta de mim. É o meu filho.

A barriga de Giulia ainda é pequena, assim como ela. Nunca a vi mais linda, achava que era impossível que minha esposa fosse mais bonita, até vê-la esperar um filho meu.

Giulia sorri, também sentindo nossa conexão. Nossos olhos se encontram. Ela parece ter um brilho no olhar agora, algo que não via há dias. Qualquer tristeza se vai de seu rosto a partir daquele momento, como se minha esposa ressurgisse ao tocar nosso filho.

— Quais nomes você pensou? — pergunto, curioso. Pensei em alguns nomes e abro minha boca para dizer a ela, mas Giulia responde:

— Quando olharmos para ele ou ela... saberemos o nome certo.

— *Um conselho muito sábio de quem disse que não queria ter filhos meus.* — Caçoo, olhando-a no espelho. Nossos olhares se encontram.

— Eu tinha medo... de ter um herdeiro seu. Medo do que nossas famílias fariam a criança e contra nós dois. Na verdade, sempre quis ter uma casa cheia, gostaria de ter... uma família grande.

Aproximo-me de seu ouvido, sem desviar os olhos dela através do espelho:

— Acho que podemos começar a treinar para resolver isso — sussurro em seu ouvido.

Giulia fica com a respiração acelerada imediatamente. Dou um sorriso safado para ela, antes de morder o nódulo de sua orelha levemente.

— Acho que podemos começar agora — respiro fundo no seu pescoço, antes de afastar-me.

Giulia parece me dar um sorriso de canto de boca, antes de ela mesma se afastar do espelho. Fico olhando para ela, admirando a mulher perfeita que se tornou.

— *Você não tem vergonha, Sottocapo... ou devo chamá-lo de Don?* — pergunta, com um sorriso, antes de me puxar para a cama.

Meu pau reage toda vez que ela me chama de qualquer coisa, então, não me oponho a nenhuma das nomenclaturas.

Encosto meu corpo no dela para que Giulia sinta o quanto já estou duro ao ouvir o gemido que ela solta bem baixinho.

Tiro seu vestido com a velocidade de um raio e olho para ela:

— O que quer, Giulia?

— Me dê o seu pior, Dante. — Ela morde os lábios, com os olhos brilhantes de desejo. — Quero tudo.

— Giulia, sabe que vou foder você com força se continuar me provocando — digo, mas paro, sem saber se posso ou não. — Tem certeza que... posso fazer o que eu quiser com você? — pergunto, preocupado por um instante.

Giulia ri ao se virar de frente para mim.

— Sim, podemos.

Assim que ela diz isso, meus lábios estão em seu pescoço, beijando, chupando e mordendo, tudo ao mesmo tempo.

Giulia arqueia suas costas para aproveitar ainda mais meus toques. Solto um gemido rouco ao sentir seu corpo pressionar contra meu pau. Eu já quero entrar nela imediatamente a partir disso.

Aproveito que ela está de vestido para vasculhar cada pedaço do seu corpo com minhas mãos e minha boca, louco por cada gemido que ela solta.

— Dante...

— Sim, amor? — sussurro em seu ouvido.

— Eu preciso de você — confessa, rebolando embaixo de mim sem parar.

Enfio minha mão embaixo do seu vestido novamente e puxo sua calcinha. *Porra, por que a boceta dela precisa estar sempre tão molhada e apertada?*

— Você sempre precisa de mim. — Circundo seu clitóris de um jeito possessivo, até ouvir seu gemido. — Minha. Sua bocetinha é toda minha, Giulia.

Ela começa a retirar minhas roupas e eu deixo, ciente que eu tomarei o controle em seguida. Dou um tapa possessivo em sua bunda quando ela começa a masturbar meu pau, provocando-me com o olhar.

Giulia sorri e começa a beijar cada centímetro do meu corpo, sem qualquer hesitação diante do meu olhar.

Solto um grunhido ao sentir sua boca envolver meu pau, chupando e lambendo sem parar. Seguro seus cabelos com força quando ela me olha com meu pau inteiro na boca, sinto o início de sua garganta e ainda assim ela continua engolindo. Esta mulher vai me enlouquecer.

Giulia vê que estou perdendo o controle ao vê-la e, sem tirar os olhos de mim, ela engole meu pau inteiro mais uma vez.

— Você acha que está no controle, não é? — pergunto, com a voz rouca. Vejo que ela está adorando me ver perdido.

Giulia me chupa com mais intensidade em resposta e eu seguro seu cabelo firme, mantendo-a no lugar.

Olho em seus olhos e dou um sorriso safado para ela, antes de pegá-la em meus braços e jogá-la na cama.

Assim que está deitada de costas na cama, enfio meu dedo em seu canal vaginal. Movimento meus dedos com a mesma intensidade que eu entraria nela, até que Giulia começa a se contorcer.

Sei que está perto de não aguentar mais. Estou fazendo isso para que ela fique menos apertada e que eu consiga entrar nela do jeito que quero.

Retiro meu dedo e paro no meio das suas pernas. Assim que meu pau está perto de sua entrada, sinto que sua boceta está encharcada para mim. Caralho! Só de sentir isso, eu quero enfiar meu pau todo dentro dela, até o final. Esta mulher será minha ruína.

Seguro seu cabelo com meu punho, como um animal, eu quero ver seu rosto enquanto meu pau entra nela até o último milímetro. Me dá muito tesão ver o rosto de Giulia enquanto a fodo.

— É isso que você quer?

Penetro-a de uma única vez, olhando em seus olhos ao fazer isso. A sensação da sua boceta quente ao redor do meu pau, pressionando e se contraindo cada vez mais forte, enquanto eu fodo-a forte e rápido é a melhor sensação da vida.

— *Dante!* — ela geme meu nome, olhando para mim, como sabe que eu gosto.

— Você gosta, não é? Quando eu faço isso? — pergunto, ao entrar nela novamente, só que mais forte.

— Sim, amor — grita, se perdendo no tesão que sente. — Dante, por favor — implora. Ela não precisa pedir duas vezes.

Começo a me movimentar mais rápido e Giulia leva seu corpo de encontro ao meu, aumentando ainda mais o atrito. Ficamos assim, até que estamos suados e pegajosos. Eu não quero que aquilo termine, não vou parar nunca mais.

— Dante — geme tão alto que eu quase me perco.

Seu corpo aperta em volta do meu membro. Ela está em seu limite.

— Você está melando e apertando meu pau todo Giulia. — Sinto-a se contrair embaixo de mim. — Isso, amor. Goze para mim — ordeno, estocando ainda mais forte nela.

Não demora muito para Giulia atingir o orgasmo. Ela grita meu nome ao sentir meu pau esporrar dentro dela.

— Dante... — suspira com a respiração um pouco mais regulada.

— Sim, amor? — sussurro, ainda com o coração batendo forte no peito.

Deito ao seu lado, ainda ofegante, quando Giulia se vira para mim e me olha sorridente pelo que acabamos de fazer.

— Eu te amo, Giulia. — Solto em voz alta, ao olhar para ela. Eu não ia dizer isso em voz alta.

Eu não acredito que essa mulher me tornou um homem derretido. Eu sou tão louco por ela que isso nem importa.

— Eu te amo, Dante.

Era tudo o que eu precisava escutar. Eu a abraço por trás e suspiro. Aproveito a sensação de tê-la em meus braços em qualquer oportunidade.

Uma onda de esperança toma conta de mim ao perceber que o nosso futuro se estende à nossa frente. Aos poucos, tudo tomou o lugar que deveria estar.

E assim, começamos a nossa família.

Giulia



*"Mas o amor, em tamanha extremidade, sabe fazer
da dor felicidade."*

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 20

O clima natalino estava presente em cada canto da Itália. As ruas estavam ornamentadas com luzes e enfeites, e as pessoas se vestiam com seus melhores trajes. Em uma época em que todos se sentiam felizes e contentes, minha bolsa amniótica estourou.

Dante manteve a calma durante toda a minha gravidez, ajudando-me nos momentos em que eu me senti perdida, logo após perder meu pai. Ele foi meu bote salva-vidas nos momentos de caos e mantinha a serenidade, exceto hoje.

Eu estava no hospital, em trabalho de parto, e Dante não conseguia se acalmar. Ele andava de um lado para o outro sem parar. Os médicos não ousavam dizer nada por medo *dele*, no entanto, todos os funcionários sussurraram baixinho ao olhar para ele. Era irônico ver o nervosismo de um homem de quase um metro e noventa de altura, que matava com um sorriso e ficava em pânico com o nascimento do próprio filho

— Giulia, amor, tudo vai ficar bem — Dante diz pela milésima vez desde que chegamos. Estava mais nervoso do que eu, parecia dizer isso mais para si mesmo.

— Eu sei, Dante. Estou bem — respondo, tentando acalmá-lo.

— São apenas os nervos.

— Deixa eu ver se eu entendi... — pauso, quando a contração fraca me impede de falar e continuo assim que é possível: — Você tortura qualquer pessoa e está apavorado com o nascimento do seu filho? — ironizo, sem conseguir sorrir por causa da dor, apesar de sentir vontade de fazer isso.

Dante confirma com a cabeça, com o olhar ansioso em mim.

— Vai ficar tudo bem. Você e o bebê vão ficar bem — murmura mais uma vez e aperta minha mão um pouco mais forte do que o necessário.

— Eu sei, amor. Estou feliz também — digo. Dante por fim sorri e fica mais calmo.

Naquele momento, eu ainda conseguia falar. Depois de alguns minutos, eu só conseguia reclamar de dor, tão alto que juro que cada pessoa naquele hospital ouviu. Finalmente, depois de muito esforço, nosso filho nasceu.

Era um menino lindo e perfeito. Dante chorou de alegria quando o pegou pela primeira vez.

Nosso bebê tem olhos azuis enormes, exatamente na mesma cor dos olhos de Dante. Seu rostinho doce, era tão bonito, que eu não pude deixar de chorar, incapaz de desviar os olhos dele. Claro que o menino é meu filho e de Dante, então chorou sem parar até conseguir o que queria, mamou, na verdade, exigiu mamar ainda na sala de parto.

— Ele é perfeito, Giulia.

— Ele é, não é? — respondi, sorrindo ao ver a expressão feliz no rosto de Dante

— Nosso filho, Giulia. Nosso filho. — Dante prende meu olhar no dele por um segundo. — Como iremos chamá-lo?

Olho para o bebê que ainda está agarrado aos meus seios, com o rosto vermelho de quem acaba de mostrar um pouco de sua personalidade.

— O nome dele será Romeo. É um nome lindo. Acho que a história de nossas famílias, combina com o drama de Shakespeare. Ainda que a

nossa seja menos trágica.

— Um pouco menos. Talvez sejam parecidas pelo nosso sangue quente italiano.

Como se evidenciasse as palavras de Dante, Romeo solta um grunhido de reclamação em meu colo.

— Romeo. — Dante repete como se estivesse testando o som. — Romeo. Eu gostei.

Romeo Pellegrini Cattalano. Nosso filho, o herdeiro de honra da família, era a melhor coisa que aconteceu em minha vida. O pedacinho de felicidade em um mundo caótico.

Minha mente volta até meses atrás, quando eu achava que não poderia ter um filho sem colocá-lo em perigo. A alegria toma conta de mim ao saber que Romeo está a salvo, assim como minha família. Sim, minha família *de verdade*. A felicidade me esmaga naquele momento e não me deixa nunca mais.

Dante



"Triunfe o amor, e eis tudo resolvido."

WILLIAM SHAKESPEARE



CAPÍTULO 21

Ao chegar ao hospital, minha esposa alegremente me disse que finalmente iríamos conhecer nosso filho. Foi o suficiente para me deixar nervoso. Eu não me sentia digno de ter tanto, era um homem condenado, já havia feito mais maldades do que gostaria e, ainda assim, tinha tudo o que sempre quis. Tive medo de que acontecesse algo com minha esposa e meu filho, pavor de que aquilo pudesse ser tirado de mim ou que houvesse alguma lei do retorno contra mim naquele momento. Mas, isso passou assim que meu filho chegou ao mundo.

Romeo tomou todo o lugar assim que nasceu. Seria um homem de presença, presumi, ao ouvir seu choro alto ecoar por toda a sala de parto.

Ele tem toda a doçura de Giulia, talvez até sua ousadia, ainda é cedo para ter certeza.

Meus irmãos foram os primeiros a nos visitar, assim que a médica deixou Giulia e Romeo no quarto, após dar algumas instruções para minha esposa sobre amamentação. Via que Giulia estava insegura, sem saber se estava amamentando corretamente, mas a médica assegurou que tudo estava correto.

— *Oh! Como ele é lindo!* — Ariella diz. Nunca vi minha irmã dizer algo de maneira tão doce. Talvez nem ela tenha visto. Era estranho ouvi-la usar esse tom. — Vou te ensinar a matar todo mundo, ninguém nunca vai machucar você — Ariella sussurra para Romeo. Contenho o sorriso quando Giulia me dá um olhar preocupado.

— Esse garoto já matará todas as garotas do coração, acho que não precisará ensinar nada disso a ele. — Rafael sorri, ao segurar o

dedo de meu filho.

— Não, ele não matará — minha mãe diz, ao entrar pela porta do quarto. — Algo me diz que meu neto poderá ser o que ele quiser. Meu filho vai garantir que a instituição da nossa família seja diferente de agora em diante. — Aceno afirmativamente para ela em resposta.

Eu daria uma escolha a Romeo, meu filho jamais seria obrigado a carregar o fardo do título de Don da Máfia se não quisesse.

Minha mãe parece mais leve, até o sorriso que me dá de volta é mais aberto. Me pergunto o que eu perdi na relação dela com meu pai para que estivesse tão... livre, depois de perder meu pai. Me contento em olhar para ela e ficar satisfeito ao ver seu sorriso.

Gabriel sorri também, ainda assim, notei a dor em seus olhos. Deu para perceber que ele sentia falta do filho ao olhar para Romeo. A situação o fazia lembrar dele.

— Nós vamos encontrá-lo, Gab. Eu prometo.

Meu irmão fica com o olhar distante por um segundo, antes de assentir.

— Você é um homem de honra, Dante. Cumpriu a promessa que me fez há anos atrás. Quando eu disse que deveria fazer tudo por sua família, estava me referindo a esta família aqui. Você é um homem de palavra — Gabriel diz, fazendo-me soltar um suspiro aliviado.

— Eu faria tudo de novo, se precisasse. E farei ainda mais. Nós vamos encontrá-lo.

— Eu sei que vamos. Vou encontrar meu filho, Dante. Mas agora, é o seu momento de ser feliz.

Assenti e olhei para a minha esposa que pegou meu filho para amamentá-lo mais uma vez. Fico ainda mais satisfeito quando sua

amiga, a Sophia, entra no quarto logo depois.

Eu havia preparado uma surpresa, agora que comandava as duas máfias, consegui intervir para que um dos capos, trouxesse a amiga de Giulia. Sempre soube que ela sentia falta dela, e não me enganei, porque o sorriso enorme de minha esposa foi o suficiente para fazer meu coração acelerar.

Eu tinha tudo o que sempre quis. Sou um homem de sorte. A sensação de felicidade e alegria que senti foi indescritível. Eu estava tão emocionado que não pude deixar de pensar que aquele era o dia mais feliz da minha vida. Agora, eu ajudaria meu irmão a encontrar a felicidade dele também.

FIM

Gabriel
Cattalano



EPÍLOGO

Eu era um homem morto. Forjei minha própria morte por amor e não me arrependo. Minha família jamais me perdoaria pelo que fiz, pela mentira e caos que isso causou. Não que eu fosse pedir perdão por isso.

Fiz tudo o que pude para ficar com Eva Petrov, ela era a mulher mais desafiadora e peculiar que eu conheci. Se pudesse, largaria tudo por ela novamente.

Nosso plano era simples, forjaríamos nossas mortes, eu me livrava da minha herança na máfia e ela fugiria comigo. Ninguém saberia tudo o que fizemos para ficarmos juntos. Era isso o que pensava, e tudo foi por água abaixo quando o jornal anunciou sua morte, alguns meses depois.

Ainda me lembro do dia em que a vi pela primeira vez. Na época, meu pai exigiu que eu conhecesse tudo sobre nossos negócios. Eu passava todo o tempo entre aprender tudo o que podia para assumir seu lugar. Sentia a hesitação dele ao me deixar tomar minha herança e meu legado. Tommaso Cattalano incluía cada vez mais coisas para que eu aprendesse, inclusive, que eu tomasse a frente de todos os clubes que eram de nossa propriedade.

O Spazio era nossa casa noturna exótica em *San Piero Patti*. Tinha um grande espetáculo com dançarinas de pole dance e era a maior danceteria de toda a Sicília. Além do ambiente sofisticado e das atrações, haviam salas de lap dance particular e, até mesmo, uma piscina aquecida e privativa para nossos clientes da alta sociedade.

Era uma noite comum. As atrações não haviam começado, somente funcionários andavam pelo ambiente interior e eu negociava por

telefone alguns carregamentos de drogas ao caminhar pela parte externa do clube, foi neste momento em que eu a vi.

Eva estava na nossa piscina particular, totalmente nua, nadava sem qualquer pudor ou medo de que alguém a visse. Conheço pelo nome, cada cliente que tem autorização para acessar a piscina e ela não era um deles. Ela não só invadiu o espaço, como tirou toda a roupa para aproveitar o momento.

Fiquei maravilhado e um tanto chocado ao vê-la ali. E eu não sou um homem de ficar surpreso com facilidade. Sou um homem de honra, sigo as regras e faço o que é correto para minha instituição. No entanto, o gesto rebelde dela era algo tão intrigante, que foi impossível para mim desviar o olhar.

Depois de alguns segundos, observando-a em choque, os seguranças da casa noturna chegaram. Ao vê-los, Eva sorriu largamente e começou a nadar para a parte mais funda da piscina. Os seguranças começaram a rodear a piscina atrás dela, que ria ainda mais e acelerava as braçadas para não ser pega.

Eva era baixinha, com traços tão delicados que a faziam parecer uma fada. Por um segundo, me perguntei se ela era real. Fiquei maravilhado e petrificado com a estonteante beleza dela.

Fico com dificuldade de respirar quando vejo a água translúcida escorrer sobre sua bunda redonda e firme ao nadar em minha direção.

Ela fica lívida ao chegar do outro lado da piscina e arrisca um sorriso travesso para os seguranças, antes de dar um mergulho lento, como quem aproveita o banho como se fosse a dona do lugar. Ao emergir, ela fixa seus olhos de âmbar diretamente em mim, vendo-me pela primeira vez e despertando-me do transe.

— *A água está ótima!* — grita para mim. Seu sotaque forte. Sem dúvida, é russa.

Ela apoia a mão na borda e impulsiona seu tronco para fora da piscina, deixando seus seios à mostra.

Minha boca se abre em choque ao ver seus mamilos rosados em minha direção. Seios pequenos, do tipo que caberia na minha boca. *Porra!*

— *Vai ficar só olhando?* — desafia-me com um sorriso e a sobrancelha erguida.

— Você é louca! — grito, ao ver que está se divertindo com aquilo. Foi o suficiente para que eu mudasse, ali, justamente naquele instante. Pela primeira vez na vida, eu nem liguei para meu dever e o que eu deveria fazer.

Assovio para os seguranças, chamando a atenção deles, que ainda se decidiam se entrariam na água para pegá-la ou não.

Nem me importo que estou de cueca, com o pau no auge de sua glória na frente da porra dos meus seguranças e arranco minhas roupas sem pensar duas vezes com os olhos presos em Eva.

Como um louco, pulo na piscina e nado até ela com a camisa na mão.

— Vista a blusa! — ordeno, entregando-lhe minha camisa.

Meu coração acelera ao tê-la tão próximo. Ela é ainda mais linda de perto, beira a perfeição.

A mulher pega o tecido de meus dedos e arremessa diretamente em meus seguranças, molhando-os com os respingos e caindo no chão aos pés deles.

— Não tem autorização para estar aqui — digo, diante do atrevimento dela.

— E daí? Você é o dono do lugar para ficar me dando ordens?

— *Sou.*

Eva ficou surpresa por um segundo, antes de dar uma gargalhada.

Desvio meus olhos dela e sinalizo para os seguranças me entregarem a camisa.

Me irrita o olhar dos seguranças em cima dela. Nem que eu mesmo tenha que passar os braços dela pela camisa, ela vai se vestir.

— Então me dê um emprego.

— *O que você disse?*

Eu ouvi suas palavras, mas fiquei incrédulo com o pedido dela.

— Vim aqui para ser uma das dançarinas, mas a mulher me odiou e me mandou embora sem nem me ver dançar. No caminho da saída, eu estava irritada e encontrei a piscina, pareceu uma boa ideia dar um mergulho.

Sabia exatamente de quem ela estava falando. Há um problema com a Vittoria, a encarregada pelo treinamento das dançarinas. A mulher tem uma queda por mim, apesar de nunca termos tido nada, ela geralmente não contrata as mulheres que fazem meu tipo, exatamente como a que está à minha frente.

— Por que eu contrataria a mulher que nadou pelada na piscina dos meus clientes?

— Porque eu não tenho medo de ficar nua na frente deles. Ponto para mim.

— Nem pensar.

— Preciso te lembrar de outros *grandes e volumosos* motivos para me dar o emprego?

Ela corre seu olhar da minha cueca para meus olhos, deixando claro a que se refere. Puta-que-pariu.

Nem me incomodo de colocar a mão na frente da minha ereção através da água transparente, nem em meus seguranças, que agora, estão próximos demais para ver que não consegui manter meu fluxo sanguíneo fora do meu pau.

Lorenzo me entrega a camisa com olhos inquisidores, os outros me dão o mesmo olhar. Nenhum deles compreende o porquê que eu ainda estou conversando com a mulher ou porque não a retirei da piscina.

Sem perguntar, pego os pulsos da mulher e passo-os pela manga da camisa. Sei que ela jogará a camisa de novo se eu lhe pedir para se vestir, principalmente se eu não lhe der o emprego. Poderia dizer que eu estava sendo um cavalheiro e que queria protegê-la, mas não é isso. Me irrita que os seguranças vejam os peitos dela... e aquele corpo.

Ao deslizar a camisa por seu tronco, a ponta do meu dedo encosta em seu mamilo entumescido e ela resfolega com o toque sutil.

Puxo o tecido para baixo com mais força a partir daí, uso todo meu esforço para tampar seu corpo dos olhares... dos meus próprios olhares. Não adianta. O tecido sobe e ela permanece nua as minhas vistas. Nem ousei olhar para baixo e fixo meu olhar em seu rosto delicado.

Ela nada para longe de mim e eu solto um suspiro aliviado, mas assim que está no meio da piscina, retira a camisa novamente.

— Eu visto a blusa se me der o emprego.

— Não pode estar falando sério.

Sou a porra de um mafioso e estou sendo chantageado por uma mulher e ela nem é dá máfia. A ironia daquilo não deixava de ser engraçada.

Faço um sinal para os seguranças nos deixarem, para que essa doida não retire toda a moral que tenho com meus homens de honra.

Assim que ficamos sozinhos, ela sorri e levanta a sobrancelha para mim.

— Nade comigo. Eu.te.desafio.

— Você tem que vestir uma roupa, não é educado ficar pelada desse jeito.

— Vai me ver nua todos os dias na boate, acho que vai se acostumar a me ver assim.

— Eu *não* te contratei.

— Mas contratará — ela diz, como se não houvesse alternativa. — Agora, tire a cueca e nade nu comigo.

Uma mulher tão selvagem como Eva podia morrer. Era isso que eu pensava todos os dias depois de perder tudo: ela, minha família e meu legado.

Eu me lamentava diariamente por não tê-la comigo, ou era isso que eu costumava fazer, até que recebi a primeira carta da Eva, depois de ser assassinada por um inimigo meu.

"Você está falando com um fantasma? O que mais eu posso dizer? Venha me pegar. Eu-te-desafio, Gabriel."

Era uma piada de extremo mau gosto. No entanto, eu amava desafios, então, foi aí, que comecei a perseguir uma mulher morta.



AVALIAÇÕES

Espero que Dante e Giulia tenham feito você arder de paixão e que tenha se deliciado com toda a intensidade deste casal. Torço para que tenha se apaixonado por eles tanto quanto eu me apaixonei durante a escrita.

Se você gostou do livro, saiba que é muito importante deixar a avaliação na Amazon. Isso ajuda muito o trabalho do autor. Além disso, me conte por lá qual parte do livro encantou mais você! Eu AMO saber disso!

Se você terminou este livro e não gostou, sinto muito, espero que meus próximos livros façam mais o seu estilo e que eles te encantem de alguma maneira no futuro.



SOBRE A AUTORA

Poderia te falar que sou especialista em escrita criativa e muitas outras coisas e blá blá blá. Mas, o que sou mesmo, é uma leitora compulsiva. Me defino como uma mistura de vício de leitura, paixão por escrita e muitos memes.

Comecei no mercado literário com um blog em 2018 e, de lá para cá, acumulei milhares de páginas lidas em meus romances. O que me deixa com o coração pulando de alegria, é que tenho o melhor grupo de leitoras que poderia sonhar! Meu maior propósito é fazê-las se aventurarem ou rirem e se emocionarem através dos meus livros e, sinceramente, espero que tenha feito isso e que possa continuar fazendo.

Se você está me conhecendo agora, saiba que acredito em coisas esquisitas como signos e numerologia! E, claro, sou sagitariana, por isso, você verá sempre uma boa dosagem de ação, aventura e /ou humor em meus livros.



REDES SOCIAIS

Me siga nas redes sociais e não esqueça de me marcar caso faça alguma resenha! Eu amo ler cada uma delas! Por lá, você também consegue acompanhar a data de lançamento dos meus próximos livros e conversar diretamente comigo.

Acesse minhas redes sociais apontando a câmera do seu smartphone para o QR CODE.

